

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

ELISÂNGELA MARIA THOMAZINI

ALGUÉM ME OUVI?

Experiência de velhos/as atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Chácara do Idoso de Sorocaba-SP

SOROCABA

2023

ELISÂNGELA MARIA THOMAZINI

ALGUÉM ME OUVI?

Experiência de velhos/as atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Chácara do Idoso de Sorocaba-SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana, do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, para obtenção do título de mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Mary Pires de Castro Melo

SOROCABA

2023

Thomazini, Elisângela Maria

ALGUÉM ME OUVE? Experiência de velhos/as atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Chácara do Idoso de Sorocaba-SP / Elisângela Maria Thomazini -- 2023. 160f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo (UFSCar)
Banca Examinadora: Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar), Profa. Dra. Grazielle Nayara Felício Silva (IFESP)
Bibliografia

1. Velhice. 2. Experiência. 3. Convivência social. I. Thomazini, Elisângela Maria. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Elisângela Maria Thomazini, realizada em 31/05/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo (UFSCar)

Profa. Dra. Grazielle Nayara Felício Silva (IFSP)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

AGRADECIMENTO

A Cristo, pela oportunidade de ter conseguido chegar até aqui. As adversidades foram tamanhas, mas consegui superá-las e sou grata pela construção deste trabalho.

Ao meu esposo, Marcos, pela paciência incondicional, pelo cuidado com meus objetivos, pelo apoio técnico na formatação da pesquisa; e à minha filha, Ana Clara, pelo carinho e pela paciência com minhas ausências.

À minha orientadora Prof. Dra. Teresa Mary que me acompanhou neste processo, compartilhou saberes, trocou interesses pela temática da velhice e contribuiu sobremaneira na minha formação acadêmica.

À Raquel Peres Pereira Fujita, Fernanda Ikedo e Eliane Tróia, por estarem ao meu lado durante todo o percurso. Amigas que o mestrado me trouxe de presente e com as quais partilhei desafios pessoais, acadêmicos e profissionais.

Às Profas. Dras. Grazielle Nayara, Amanda Mancuso, Viviane Mendonça e Mariana Faiad Batista Alves por partilharem conhecimentos na construção desta pesquisa.

Às políticas públicas que propiciaram a abertura da UFSCar Sorocaba e ao Programa de Mestrado em Estudos da Condição Humana, bem como a todos os funcionários, professores e discentes da instituição, meu muito obrigada.

Aos meus pais José Benedito e Irene, e à minha irmã Rosângela, meu cunhado Natal, meu sobrinho Vitor, minha sogra Cecília e minha cunhada Mara Lígia, assim como aos amigos e familiares que torceram por mim, para que eu continuasse a trilhar esse caminho.

Aos amigos do Movimento Comunhão e Libertação, em especial à Eloísa Colombo, José Antônio Colombo e Marcelo Oliveira, que são meu apoio em todas as circunstâncias da vida e me ajudam nesta caminhada a fortalecer a fé e a esperança.

À Chácara do Idoso e aos colegas de trabalho que compartilharam deste momento, em especial ao Sérgio Marcelo e à Teresinha que me indicaram os/as velho/as para participarem da pesquisa. Meu muito obrigada!

Às amigas que o cotidiano do trabalho trouxe para minha vida: Marina A. G. Blumer Gil, Vanessa Ponstinnicoff, Valquíria Furlan, Angelita Medeiros, Fabiola Bassani, Daniele Teixeira de Lemes e Williana Angelo. Todas estiveram ao meu lado e, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos velhos/as que se disponibilizaram a me receber e me confiaram suas experiências. Vocês são parte fundamental desta pesquisa!

RESUMO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundialmente observado. Porém, na contramão deste processo, estudos apontam que esse estrato da população não recebe a devida atenção na sociedade contemporânea. O prolongamento da vida trouxe o envelhecimento à cena pública, exigindo do Estado o reordenamento de sua agenda e investimento nas políticas públicas voltadas para esse público. Neste cenário, a Política de Assistência Social se destaca como mecanismo de proteção social e garantia dos direitos de cidadania. Esta dissertação tem como objetivo entender a velhice a partir da experiência dos velhos/as, como se sentem ouvidos, a percepção sobre a velhice, os desafios e possibilidades vivenciados enquanto sujeitos de direitos. A partir dessa escuta, objetivou-se também analisar a maneira como eles se entendem nessa relação, o conhecimento sobre os seus direitos e a atuação assistência social na garantia de direitos. Para isso, este trabalho utilizou como metodologia a história oral temática, que orientou a entrevista com quatro usuários da Chácara do Idoso de Sorocaba, espaço em que se desenvolve o Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV). Através das narrativas, os velhos/as, expressaram suas experiências, revelando o quanto precisamos caminhar enquanto sociedade para ofertar uma escuta integral às pessoas mais velhas. Espera-se que o material produzido promova reflexões sobre a temática do envelhecimento, contribuindo na construção de um referencial crítico e transformador.

Palavras-Chave: Velhice. Experiência. Escuta. Assistência Social. Convivência Social.

ABSTRACT

Population aging is a phenomenon observed worldwide. However, contrary to this process, studies indicate that this population segment needs to receive the necessary attention in contemporary society. The extension of life has brought aging into the public spotlight, demanding the reorganization of the government's agenda and investment in public policies focused on this demographic. In this scenario, Social Assistance Policy stands out as a social protection mechanism and guarantees citizenship rights. The objective of this dissertation is to understand old age based on the experiences of the elderly, how they feel listened to, their perception of aging, and the challenges and possibilities they face as rights holders. Through this listening process, the aim was also to analyze how they understand their rights in this relationship and whether they know the role of social assistance in guaranteeing those rights. For this purpose, this study employed thematic oral history as a methodology, guiding interviews with four users of the Elderly Farm in Sorocaba, where the Service of Coexistence and Strengthening of Bonds (SCFV) takes place. Through their narratives, the elderly expressed their experiences, revealing how much we still need to progress as a society to provide comprehensive listening to older individuals. The material produced will promote reflections on the topic of aging, contributing to the construction of a critical and transformative framework.

Keywords: Old Age. Experience. Listening. Social Assistance. Social Interaction.

LISTA DE SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CDNI	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CEREM	Centro de Referência da Mulher
CF	Constituição Federal
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
COBAP	Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializados de Assistência Social
CRI	Centro de Referência do Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais.
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
NAPETI	Núcleo de Atendimento ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
NOB/RH	Norma Operacional Básica de Recursos Humanos
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAIF	Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família
PDRE	Plano Diretor da Reforma do Estado
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNI	Política Nacional da Pessoa Idosa
PSB	Proteção Social Básica
PSE	Proteção Social Especial
RX	Raio X
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados.
SECID	Secretaria da Cidadania
SESC	Serviço Social do Comércio
SUAS	Sistema Único de Assistência Social

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UDN	União Democrática Ruralista
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNATIs	Universidades Abertas à Terceira Idade
UNRIC	Centro Regional de Informação das Nações Unidas
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1	NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE OS PERCURSOS DO ESTUDO	9
2	A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA COMO UM CAMINHO PARA CONHECER NOSSOS(AS) VELHOS/AS	17
2.1	A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA: O CAMINHO ESCOLHIDO PARA CONHECER NOSSOS(AS) VELHOS/AS	17
2.2	A CHÁCARA DO IDOSO DE SOROCABA - SP	29
2.3	OS VELHOS/AS PROTAGONISTAS	37
2.3.1	Belezinha: “A gente carrega uma bagagem”	37
2.3.2	Cruz: “Quando vai envelhecendo é difícil, não tinha ideia de como seria”	43
2.3.3	Iolanda: “Estou aprendendo a ficar velha”	45
2.3.4	Zenon: “Este é o desafio de uma renda melhor, de uma vida melhor”	56
3	A EXPERIÊNCIA DA VELHICE E DE SER OUVIDO (A): COMO VIVEM NOSSOS(AS) VELHOS/AS	71
3.1	O USO DAS TERMINOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES: VELHO/A, PESSOA IDOSA E TERCEIRA IDADE	72
3.2	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA (RE)PENSAR A VELHICE NO CONTEMPORÂNEO	78
3.3	A LEMBRANÇA DO TEMPO DE TRABALHO E APOSENTADORIA	85
3.4	A EXPERIÊNCIA DE SER VELHO/A E OUVIDO(A) PELO ESTADO, SOCIEDADE E FAMÍLIA	94
4	A POLÍTICA PÚBLICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E A CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO DIREITO	104
4.1	ESTADO, POLÍTICA SOCIAL E NEOLIBERALISMO	104
4.2	A GARANTIA DOS DIREITOS DE PROTEÇÃO À VELHICE NO BRASIL: ESTADO, SOCIEDADE E FAMÍLIA	110
4.3	O CONHECIMENTO E EXERCÍCIOS DOS DIREITOS PELOS(AS) VELHOS/AS	117
4.4	A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA E A CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO DIREITO NA VELHICE	122
4.5	O SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (CHÁCARA DO IDOSO DE SOROCABA) COMO ESPAÇO DE APOIO PARA UMA CONDIÇÃO DE AUTONOMIA E PROTAGONISMO NA VELHICE	129
	CONCLUSÃO	141
	REFERÊNCIAS	146
	APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista semiestruturada	156
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	158

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE OS PERCURSOS DO ESTUDO

O presente estudo intitulado como: *ALGUÉM ME OUVI?* Experiência de velhos/as atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Chácara do Idoso de Sorocaba (SP), é fruto das inquietações que deram subsídios à construção da pesquisa desenvolvida ao longo do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba, vinculado à linha de pesquisa “Sujeitos de Discursos, Narrativas e Mobilidades”.

As perguntas que moveram o estudo foram: Os velhos/as se sentem ouvidos pela família, sociedade e Estado? Como é a experiência de viver a velhice e ser velho/a? Quais os desafios e possibilidades vivenciados por eles? Conhecem a política de assistência social? Como se sentem no Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV)? O serviço apoia a condição de autonomia e protagonismo?

Partiu-se da hipótese de que a sociedade não oferece a escuta necessária à população envelhecida, visto existirem diversos condicionantes que interferem nesta escuta, tais como o pertencimento a determinada classe social, a questão de gênero, etnia, dentre outros. Estes condicionantes geram inúmeros desafios na forma de viver a velhice, por isso, parte-se do entendimento que a política pública de assistência social e o SCFV pode favorecer a autonomia e protagonismo do velho/a. As questões sobre a experiência de ser velho, o conhecimento sobre a política de assistência social e como se sentem no SCFV somente conseguirão ser respondidas com as narrativas dos próprios velhos/as, bem como todos os questionamentos serão desvelados a partir de suas experiências de vida que possuem.

Diante destes questionamentos, foram traçados os objetivos do estudo, que teve como objetivo geral entender, diante da experiência dos velhos/as, a percepção que eles têm sobre a velhice, se sentem ouvidos pelo Estado, sociedade e família, além de compreender os desafios e possibilidades vivenciados por estes sujeitos de direitos. Como objetivos específicos, buscou-se conhecer a percepção e conhecimento sobre seus direitos, sobre a política de assistência social na garantia de direitos; e como se sentem participando no Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV – Chácara do Idoso), a fim de compreender se o espaço os apoia na construção do protagonismo de suas vidas, além de contribuir com a construção de conhecimento sobre o tema.

Para isso, utilizou-se como metodologia a história oral temática entendendo-a como um recurso atento, que usa o conhecimento da experiência de outrem, que se organiza com nítida

vocação para a essência de trajetórias humanas (MEIHY; HOLANDA, 2020). Segundo Portelli (2016), a arte da escuta envolve respeito, uma troca mútua de olhares e a disposição de nos colocarmos em uma posição de aprendiz, ouvindo e aceitando o outro, criticamente. Devemos escutar com atenção o que dizem, cientes de que não estamos somente estudando, mas aprendendo. Segundo o autor, esse compartilhar permite o que chamamos aqui de cocriar. O trabalho que ora se apresenta é o resultado da articulação dialógica entre a história que eles me contaram e os dados resultantes de pesquisa sobre a velhice, constituindo uma construção conjunta onde suas experiências e suas palavras agora são parte de um registro histórico internacional do qual anteriormente foram excluídas (PORTELLI, 2016).

A perspectiva de Ecléa Bosi e seus estudos sobre a memória de velhos também se constituiu como referência para a construção de uma postura acolhedora e de escuta atenta aos velhos/as:

O principal esteio do meu método de abordagem foi formado de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito [...]. Uma pesquisa é como um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. (BOSI, 2004, p. 37-38).

Após aprovação pelo Comitê de Ética da UFSCar, em março de 2022, foram iniciadas as entrevistas, tendo a primeira entrevista ocorrida em doze de abril de 2022, a última em 25 de outubro de 2022, nas dependências da Chácara do Idoso de Sorocaba. No total, quatro velhos/as foram ouvidos, todos participantes do SCFV da Chácara do Idoso.

Este é o momento, também, de esclarecer sobre o emprego da terminologia velho/a, em vários momentos nesta dissertação. Imersa em preconceitos, seu uso não tem objetivo de desprestigiar as pessoas que vivenciam esta fase. Segundo Silva, a construção ou redefinição dos termos é produzida por nós, nesse sentido, a concepção de velho/a aqui assumida não remete simplesmente à causa ou ao processo do envelhecimento humano, mas, ao fato de que a definição de velhice está relacionada aos diferentes critérios acionados para classificar e tratar alguém como velho/a. (SILVA, 2019).

A decisão pelo uso do termo velho/a ocorreu de forma interdisciplinar. O ponto de partida foram as orientações recebidas pela Prof. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo e da leitura das referências sobre o tema. Contudo, o meu processo de aceitação terminológica se deu através do texto de Eliane Brum, *Me chamem de velha*, que me despertou um outro olhar, um novo entendimento positivo e afetivo para a palavra velho/a:

Acho que “idoso” é uma palavra “fotoshopada” – ou talvez um lifting completo na palavra “velho”. E saio aqui em defesa do “velho” – a palavra e o ser/estar de um tempo que, se tivermos sorte, chegará para todos. Desde que a juventude virou não mais uma fase da vida, mas uma vida inteira, temos convivido com essas tentativas de tugar a velhice também no idioma. Vale tudo. Asilo virou casa de repouso, como se isso mudasse o significado do que é estar apartado do mundo. Velhice virou terceira idade e, a pior de todas, “melhor idade”. [...] Tenho muito medo dos eufemismos, porque eles soam bem intencionados. São os bonitinhos mas ordinários da língua. O que fazem é arrancar o conteúdo das letras que expressam a nossa vida. Justo quando as pessoas têm mais experiências e mais o que dizer, a sociedade tenta confiná-las e esvaziá-las também no idioma (BRUM, 2012, p.1).

O processo de transformação em relação à terminologia velho/a foi difícil, uma vez que política e juridicamente o termo adotado no país passou de idoso para pessoa idosa, mais recentemente. Então, o termo velho/a me gerava uma sensação de estar na contramão do que é social e politicamente usado e aceito no país hoje. A mudança só foi possível pela segurança construída ao longo da trajetória no mestrado. Atualmente, quando as pessoas se deparam com a utilização do termo velho/a neste trabalho, questionam e sinalizam dúvidas quanto à correta aplicação. Contudo, amparada pelo suporte referencial, tem sido possível falar mais segura e abertamente sobre a questão, disseminando, mesmo que com alcance restrito, uma mudança na visão dessas pessoas frente a palavra velho/a.

Apesar de compreender que terminologia velho/a causa estranheza e dificuldades, principalmente pensando em sociedades como a brasileira, onde existe um valor econômico que associa “velho” ao que é ultrapassado, sem serventia e desnecessário, seguimos a perspectiva de Zimmerman quando afirma que o uso da palavra velho:

[...] não tem nada de depreciativo. Pelo contrário: depreciativo é substituir a palavra velho por eufemismos, como ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido. Chamar alguém de velho, de meu velho, pode ser carinhoso e é esse carinho e respeito que eu quero que os velhos tenham. O que deve ser mudado não é a forma de se referir ao velho, mas sim a maneira de tratá-lo. (ZIMMERMAN, 2000, p. 10).

Assim, a reflexão proposta é pensar que a substituição do termo velho/a, por outros como “terceira idade” ou, “melhor idade”, não modificará por si mesmo os critérios acionados para classificar a velhice, tampouco diminuirá os preconceitos e os estereótipos que necessitam ser superados na construção da identidade dos velhos/as na perspectiva de valorização em nossa sociedade.

Portanto, a escolha está pautada na construção de uma prática de organização e forma de tratamento que possibilite aos velhos/as assumirem uma nova identidade política, rompendo com os estigmas usualmente atribuídos à velhice. Entretanto, apesar de atribuirmos um sentido

positivo a terminologia velha/a, buscou-se também conhecer a opinião dos participantes desta pesquisa sobre o seu uso.

O interesse em estudar o envelhecimento ocorreu antes mesmo da inserção no Programa de Pós-graduação (mestrado), advindo do cotidiano profissional como assistente social¹, quando atuava no Centro de Referência do Idoso de Sorocaba² (CRI - durante os anos de 2018 a 2021). Ao me deparar com as demandas de violações de direitos e violências contra os velhos/as, surgiram várias inquietações e a necessidade de conhecer a realidade vivenciada por eles.

A principal inquietação se deu diante da percepção de que, em sua maioria, não era a pessoa envelhecida quem buscava o serviço do CRI, mas sim familiares, vizinhos, conhecidos e a rede de serviços. Como profissional da rede de assistência social, eu procurava entender os motivos que levavam terceiros a sinalizar as vulnerabilidades, violências/violações da vida da pessoa velha e não ela. Era preciso entender quem são esses velhos/as? Porque outros falam por eles? Eles se sentem ouvidos? Como enxergam, vivem e sentem a sua condição? A busca por resposta trazia consigo novas inquietações, principalmente a crença de que os velhos/as necessitavam de um espaço de acolhimento, de uma escuta atenta, respeitosa, capaz de atendê-los em sua condição e seus direitos, dentro do serviço público de forma a favorecer um lugar de fala que incentive a participação dos mesmos como protagonista da sua vida.

Inicialmente pesquisa de campo foi pensada para ser realizada no CRI³, mas depois de uma mudança de percurso profissional e muitas reflexões, nasceu a ideia de desenvolvê-la no

¹ Assistentes Sociais são profissionais que cursaram uma faculdade de Serviço Social (reconhecida pelo Ministério da Educação) e possuem registro no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) do estado em que trabalham. A profissão é regida pela Lei Federal 8.662/1993, que estabelece suas competências e atribuições. Como atividade analisam, elaboram, coordenam e executam planos, programas e projetos para viabilizar os direitos da população e seu acesso às políticas sociais, como a saúde, a educação, a previdência social, a habitação, a assistência social e a cultura. Analisam as condições de vida da população e orientam as pessoas ou grupos sobre como ter informações, acessar direitos e serviços para atender às suas necessidades sociais. Elaboram também laudos, pareceres e estudos sociais e realizam avaliações, analisando documentos e estudos técnicos e coletando dados e pesquisas. Além disso, trabalham no planejamento, organização e administração dos programas e benefícios sociais fornecidos pelo governo, bem como na assessoria de órgãos públicos, privados, organizações não governamentais (ONG) e movimentos sociais. Podem ainda trabalhar como docentes nas faculdades e universidades que oferecem o curso de Serviço Social. As competências e atribuições privativas dessa categoria profissional estão previstas nos artigos 4º e 5º da Lei 8.662/1993. Disponível em <http://www.cfess.org.br/arquivos/deliberacao3comunica-material-midia-POSNACIONAL-final.pdf>.

² CRI é uma unidade de assistência social municipal, da Secretaria da Cidadania (SECID) em Sorocaba. Este órgão cumpre a função de proteção social especial de média complexidade, voltado às pessoas idosas (a partir dos 60 anos, conforme preconiza o Estatuto da Pessoa Idosa - 2003), que vivenciam situações de violação de direitos.

³ Após ter contraído o vírus da Covid-19, em julho de 2021, foi necessário o afastamento do trabalho para o tratamento de sequelas da doença. Chegado o momento de retorno, a gestão da secretaria municipal comunicou minha transferência para uma outra unidade da assistência social.

Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), ofertado pela Chácara do Idoso de Sorocaba, um serviço de proteção social básica, que visa prevenir situações de violações de direitos, preconizado pela política pública de assistência social e executado pelo município vinculado à Secretaria da Cidadania (SECID). Assim, o foco passou a ser a realidade dos velhos/as que participam das atividades do SCFV, como forma de compreender os elementos que perpassam a velhice, os desafios e possibilidades nesta fase, a relação com seus direitos e como se sentem no espaço do serviço de convivência. Além da Chácara do Idoso, o município de Sorocaba - SP, conta com outro Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos à população envelhecida, denominado Clube do Idoso, ambos inaugurados em 2012 e mantidos pela Prefeitura de Sorocaba por meio da Secretaria da Cidadania.

O SCFV tem como objetivo fortalecer as relações familiares e comunitárias, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva. Ou seja, é uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares. Os usuários do SCFV são organizados em grupos a partir de faixas etárias ou intergeracionais: crianças até seis anos, crianças e adolescentes de seis a quinze anos, adolescentes de quinze a dezessete anos, jovens de dezoito a vinte e nove anos, adultos de trinta a cinquenta e nove anos e pessoas idosas. (PNAS, 2004).

A inserção no mestrado (março de 2021), materializou a oportunidade de seguir estudando o envelhecimento e a velhice; e o desenvolvimento deste trabalho junto ao Programa de Estudos da Condição Humana, permitiu o olhar interdisciplinar necessário para a compreensão da complexidade das questões que envolvem envelhecimento/velhice. O pensamento complexo nos conduz a um maior entendimento sobre os problemas essenciais, contextualizando-os, interligando-os, contribuindo com a nossa capacidade de enfrentar a incerteza de forma a evitar um pensamento reducionista e simplista. Como tão bem explica Morin (1998, p. 138):

[...] o problema da complexidade não é o de estar completo, mas sim do incompleto do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta ter em linha de conta aquilo de que se desembaraçam, excluindo, os tipos mutiladores de pensamento a que chamo simplificadores e, portanto, ela luta não contra o incompleto, mas sim contra a mutilação. Assim, por exemplo, se tentarmos pensar o fato de que somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade reside no fato de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa estes diferentes aspectos ou os unifica através de uma redução mutiladora. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é relatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias

cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Não se trata de dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões.

Os estudos sobre o envelhecimento e velhice não competem a uma única área do saber ou mesmo uma única política pública, ao contrário, sua complexidade exige a interdisciplinaridade, um pensamento complexo e a articulação e o desenvolvimento de ações complementares com outras áreas e políticas públicas.

A questão da velhice é urgente, pois as pesquisas demográficas realizadas por todo mundo apontam o envelhecimento da população, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 1 – Representação gráfica da Pirâmide Etária População residente, segundo o sexo e os grupos de idade (%)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostras de Domicílios, Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua 2012/2021. Nota: Para o período 2012-2019, acumulado de primeiras visitas. Para 2020 e 2021, acumulado de quintas visitas.

Os dados do IBGE mostram que o envelhecimento da população brasileira aumentou em 2021, em comparação a 2012. Esta mudança pode ser observada pelo menor percentual encontrado em 2021 nos grupos etários mais jovens (base da pirâmide), ao mesmo tempo em que houve aumento do percentual dos grupos de idade do topo da pirâmide. (IBGE/PNAD, 2021). A distribuição da população residente por grupos etários, mostrou tendência de queda da proporção de pessoas abaixo de 30 anos de idade: em 2012, essa estimativa era de 49,9%, passando para 44,5% em 2020 e 43,9% em 2021. Os grupos que compreendiam pessoas de 14 a 17 anos de idade, passou de 7,1% para 5,8%; os grupos de 18 a 19 anos, 20 a 24 anos e de 25

a 29 anos de idade, correspondiam, respectivamente, a 2,9%, 8,0% e 8,0% da população residente em 2021 (IBGE/PNAD, 2021).

Registrou-se crescimento da população de 30 anos de idade ou mais, passando de 55,5% em 2020, para 56,1% em 2021, ambas as estimativas, maiores que a de 2012 (50,1%). Em 2021, os grupos de 30 a 39 anos, correspondiam a 16,1% da população residente; de 40 a 49 anos, 14,0%; de 50 a 59 anos, 11,4% e 60 anos ou mais, 14,7%. A parcela de pessoas com 65 anos ou mais de idade representava 10,2% da população. (IBGE/PNAD, 2021).

A velhice faz parte da vida, pois a condição de envelhecer é inerente a nós, humanos. A despeito dessa inevitabilidade, a realidade apresenta desafios a serem enfrentados e pensados. Nesse sentido, esta dissertação abordará a velhice como um resultado do processo de envelhecimento, consistindo em fase específica do ciclo de vida (VILIONE, 2016), “presente nas diferentes camadas, segmentos e classes sociais, que as vivenciam de forma diferente, desconstruindo a ideia de velhice como uma identidade fixa, unitária e coerente.” (DEBERT, 1999, p. 161).

O envelhecimento e a velhice são atravessados pela interação de questões psicossociais, históricas, políticas, econômicas, geográficas, culturais, por diferenças relacionadas ao contexto de vida cotidiana, às crenças e às características pessoais, tornando-o particular a cada indivíduo. Sendo assim, não há um(a) velho/a, mas diferentes processos pessoais de envelhecimento. Ainda que haja necessidades específicas compartilhadas por esse grupo, deve-se levar em consideração as diferenças internas de cada grupo e as diferenças entre grupos. Diferenças essas que também são atravessadas por uma condição de classe, etnia, gênero, entre outros. Então, refletir sobre velhos/as e suas diversas facetas envolve pensar a velhice negra, indígenas, de pessoas com deficiência, LGBTQIA+, revelando demandas, competências e vulnerabilidades peculiares permitindo a desnaturalização da velhice enquanto um processo social.

O fenômeno do envelhecimento trouxe à cena pública a necessidade de um posicionamento em que a pessoa velha seja encarada como sujeito de direitos, com necessidade de investimento em políticas públicas por parte do Estado. O direito ao envelhecimento digno é um direito fundamental da pessoa humana: “Direitos Humanos são considerados fundamentais porque sem eles a pessoa humana não consegue existir ou não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida” (DALLARI, 1998, p.07).

Portanto, a presente dissertação está estruturada com base e é apresentada da seguinte forma: após essas notas introdutórias sobre os percursos do estudo (que constitui o primeiro

capítulo), o segundo capítulo - A História Oral Temática como um caminho para conhecer nossos velhos/as - aborda a metodologia utilizada e apresenta a Chácara do Idoso de Sorocaba, local que serviu como campo de pesquisa e propiciou encontrar e conhecer os velhos/as participantes da pesquisa, os protagonistas deste trabalho. O cuidado com a escuta e com os processos de transcrição e transcrição permitiram a passagem do oral para o escrito, sendo que, uma frase de cada narrativa (essência da entrevista) foi escolhida para dar título a seção terciária do capítulo. Cumpre destacar que estas narrativas foram apresentadas na íntegra, de forma a propiciar aos leitores a oportunidade de escuta as pessoas velhas.

O terceiro Capítulo, A experiência da velhice e de ser ouvido(a): Como vivem nossos(as) velhos/as, contemplou as problematizações sobre as diferentes terminologias na construção das identidades, traçando algumas considerações para (re)pensar a velhice na contemporaneidade. A partir das narrativas dos velhos/as, evidenciaram-se as categorias: lembrança de seu tempo de trabalho e aposentadoria, bem como trouxeram a experiência em ser velho e ouvido pelo Estado, Sociedade e Família e seus principais desafios e possibilidades nesta fase da vida.

O quarto capítulo, A Política Pública de assistência social e a convivência social como direito, foi elaborado a partir dos assuntos mais relevantes trazidos pelos participantes do estudo, levando-nos ao um percurso teórico sobre o papel do Estado, das políticas sociais no contexto neoliberal, e a trajetória da garantia dos direitos de proteção à velhice no Brasil, permitindo perceber se os velhos/as compreendem questões como a garantia dos direitos, o conhecimento e exercícios dos direitos, além da percepção sobre a política pública de assistência social, e a convivência social como direito, principalmente o SCFV como espaço de apoio para uma condição de autonomia e protagonismos.

Ou seja, esta dissertação foi construída a partir de dois movimentos que se retroalimentaram: o primeiro foi a construção das categorias a partir das narrativas; e o segundo foi analisá-las através das legislações e teorias específicas sobre o assunto.

Por fim, foram traçados alguns comentários sobre os resultados da pesquisa, esclarecendo sobre o alcance dos objetivos e hipóteses frente ao problema da pesquisa. As contribuições desta pesquisa não se esgotam com os dados apresentados, visto a velhice e o envelhecimento serem uma temática complexa e desafiadora. O apoio da universidade, o contato com as diversas teorias, professores alunos(as) das mais diferentes áreas permitiram ampliar horizontes, de forma que os conhecimentos produzidos possam gerar questionamentos e reflexões capazes de contribuir para a formação de um referencial crítico e transformador.

2 A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA COMO UM CAMINHO PARA CONHECER NOSSOS(AS) VELHOS/AS

A escolha pela metodologia da história oral como o caminho para conhecer nossos(as) velhos/as foi uma decisão ousada, pois minha experiência nessa área tem início com a pesquisa. Por isso, foi necessário percorrer uma longa etapa até que pudesse percebê-la mais que uma ferramenta metodológica de pesquisa, mas como o caminho para chegar às memórias e experiências dos velhos/as num processo de interlocução, com responsabilidade no acolhimento e escuta de cada pessoa, bem como de levá-la à público em um processo cuidadoso, repensando, também, o papel e a atuação do pesquisador neste processo.

2.1 A HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA: O CAMINHO ESCOLHIDO PARA CONHECER NOSSOS(AS) VELHOS/AS

Para responder às perguntas deste estudo e alcançar os objetivos propostos foi necessário escolher um caminho que viabilizasse conhecer os(as) velhos/as participantes do SCFV da Chácara do Idoso de Sorocaba que aceitaram contribuir com a pesquisa. Por isso, dentro das possibilidades da história oral, optou-se pela história oral temática. Como aponta Portelli em sua obra *História oral como arte e escuta*, (2016, p.7):

[...] a História oral, então, é primordialmente uma arte da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante.

É recente a valorização da história oral no Brasil como uma metodologia e prática documental. Nesse sentido, enquanto metodologia, Meihy e Holanda (2020, p.15), definem e história oral como:

um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição do local, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Meihy e Holanda (2020), classificam a metodologia em três gêneros distintos: a história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Cada um desses ramos implica em procedimentos e objetivos próprios. Na história oral de vida o que mais vale são as versões individuais dos fatos vividos, por isso, as narrativas construídas admitem fantasias e silêncios. Já a tradição oral não se limita apenas às entrevistas, ela trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro, aproximando-se da etnografia e implicando em uma minuciosa descrição do cotidiano e de suas inversões.

A história oral temática é a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação dos trabalhos analíticos, em diferentes áreas do conhecimento acadêmico, devendo o pesquisador estar atento à existência de uma hipótese forte e consistente na medida em que será constantemente testada durante a entrevista. A história oral temática possui um caráter social e, dado esse seu caráter específico, ela apresenta características distintas da história oral de vida, pois os detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que revelam aspectos úteis à temática central. A história oral temática não só admite o uso do questionário, mas, mais do que isso, ele constitui peça fundamental para a descoberta dos detalhes procurados (MEIHY; HOLANDA, 2020).

Por isso, as intervenções neste estudo foram orientadas pela história oral temática, adotando-a como um caminho de exploração preliminar do envelhecimento e da velhice sob o ponto de vista da experiência do sujeito e do saber produzido a partir desta experiência (MEIHY; HOLANDA, 2020).

Qualquer trabalho que percorra o caminho da memória e velhice deve referênciar ao pioneirismo de Ecléa Bosi na tratativa dessa relação. Em sua obra *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, Bosi (2004, p.37), procura “[...] registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. Este registro alcança uma memória social, familiar e grupal”. Como afirma a autora:

Somos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 2004, p. 38).

Para que seja possível de fato compreender as experiências e sensações que o(a) velho/a está submetido(a) nessa fase de sua vida, Bosi descreve o duplo lugar do pesquisador neste processo, pois ele estará, ao mesmo tempo, em posição de sujeito e objeto na medida em que ouve, registra, recebe e transmite as diversas sensações trazidas pelas lembranças dos

indivíduos no conjunto de fragmentos narrados, sejam de dor, de abandono, de tristeza diante da partida de entes queridos ou das alegrias vividas.

O contexto em que este estudo foi desenvolvido deve ser esclarecido, visto que desde o início do ano de 2020, vivemos a excepcionalidade da pandemia de COVID-19, uma doença infecto contagiosa causada pelo SARS-CoV-2⁴. Em março de 2021, quando iniciado o período letivo, as aulas ocorreram na modalidade online em razão das medidas de isolamento social orientadas pelas autoridades sanitárias. Neste cenário, esta pesquisa foi desenvolvida dentro das possibilidades permitidas no contexto do isolamento social, sem acesso aos meios físicos como bibliotecas, as salas de aula, os seminários, reuniões de orientação e toda a sociabilidade envolvida desses espaços. Foi necessário trabalhar as questões emocionais diante das mortes, da redução dos contatos sociais e do medo da doença. Assim, o mestrado não se realizou em seu formato regular e, graças às tecnologias de comunicação, a casa foi transformada em espaço de estudo, trabalho e isolamento.

Em novembro de 2021, o projeto de pesquisa foi enviado à Plataforma Brasil para análise da proposta de realização da pesquisa no formato presencial. O consentimento do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Federal de São Carlos, foi liberado em 08 de março de 2022, sob o Número do Parecer: 5.279.405. Da mesma forma, houve autorização do responsável pela Secretaria da Cidadania (SECID), para a realização do estudo através de ofício, enviado para a plataforma Brasil, juntamente com os demais documentos exigidos para liberação da pesquisa pelo CEP.

Diante de um cenário atípico, a escolha de quatro entrevistados para a pesquisa levou em consideração as recomendações de Freitas (2006), em priorizar a qualidade das entrevistas ao invés da quantidade, bem como seguiu todas as recomendações sanitárias. Foi adotado como critério de elegibilidade para participar da pesquisa: a idade (a partir dos 60 anos, conforme definido pelo Estatuto da Pessoa Idosa), participar assiduamente das atividades da Chácara do Idoso, ambos os sexos, preferencialmente duas mulheres e dois homens, de idades diferentes (que abarcasse a faixa etária: 60, 70, 80 e 90 anos), ter a capacidade cognitiva e de comunicação preservadas e aceitar a participar da pesquisa.

Por desconhecer os(as) velhos/as, foi necessário recorrer aos funcionários da Chácara do Idoso, especificamente a funcionária do setor administrativo que trabalha no local desde a

⁴ SARS-CoV-2: vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido inicialmente como “novo coronavírus”. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 01 de abr. 2023.

inauguração em 2012 e conhece todos os participantes. Informados os critérios de elegibilidade, ela sugeriu algumas pessoas que poderiam aceitar participar. Ela também mediou o contato com os possíveis participantes do estudo. O retorno foi positivo, de imediato, os quatro aceitaram participar. Foram então marcados os encontros individualizados, com as datas e horários estabelecidos pelos entrevistados, aproveitando a rotina (dias e horários), que estavam acostumados a se deslocar até a Chácara para participar das atividades.

A primeira entrevista ocorreu no dia 12 de abril de 2022 e a última no dia 25 de outubro de 2022. A preparação das entrevistas envolveu questões técnicas e éticas. Além do respaldo técnico dos documentos, que asseguram a transparência da pesquisa, procurou-se estabelecer um clima de confiança, com o prévio esclarecimento ao participante sobre a natureza, os objetivos do estudo, o caráter sigiloso e privativo das informações coletadas e da possibilidade de desistência a qualquer momento, sem maiores implicações. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo os aspectos éticos da resolução do CNS 510/2016, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos, bem como respeitado parecer favorável à avaliação do Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos. e, a partir desta relação, foi iniciado um processo de encontro e de imersão nas narrativas.

A entrevista foi realizada com apoio de um roteiro (Apêndice A), elaborado visando coletar informações sobre os dados sociodemográficos, perpassando assuntos específicos sobre a velhice e o ser velho, a experiência em sentir ouvido e o conhecimento sobre os direitos. Dessa forma, o roteiro atuou como um guia de entrevistas, mas permitindo também certa flexibilidade e abertura para que, de fato, os entrevistados fossem ouvidos. O registro as conversas foi feito com o auxílio de um gravador, pois como destaca Gil (2008, p. 120):

O único modo de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois inconvenientes: os limites da memória humana que não possibilitam a retenção da totalidade da informação e a distorção decorrente dos elementos subjetivos que se projetam na reprodução da entrevista.

Além da entrevista gravada, os momentos pré e pós entrevista foram essenciais para o estabelecimento dos vínculos de confiança, visando que o entrevistado se sentisse à vontade na construção de sua narrativa, com um mínimo de interrupções. Essas experiências foram registradas no caderno de campo a cada contato, sendo descritas como ocorreram, apontando as observações mais importantes e registrando os movimentos, percepções, sensações e acontecimentos. Como descrevem Meihy e Holanda (2020, p.152): “No caderno de campo

colocam-se as observações tanto do andamento do projeto como das entrevistas. É nesse caderno que devem constar as impressões [...] deve funcionar como um diário íntimo [...].”

Sobre as quatro pessoas selecionadas, é importante destacar que optou-se pelo anonimato de forma a preservar suas identidades. Deste modo, os nomes divulgados são fictícios e foram escolhidos pelos próprios velhos/as: Belezinha (69 anos), Cruz (68 anos), Iolanda (92 anos) e Zenon (70 anos).

A primeira entrevista foi realizada com Belezinha, 69 anos, no dia 12 de abril de 2022, terça-feira, às 15h05, nas dependências da Chácara do Idoso; durou em torno de uma hora e foi descontraída. Fui encontrá-la na recepção da chácara, onde ela estava acompanhada por várias pessoas idosas que haviam acabado de participar da atividade de artesanato. Fomos conversando e caminhando lentamente até a sala de atendimento onde tomamos um café e comemos bolo, de forma a propiciar um clima agradável e constituir um vínculo. Neste momento, apresentei a ela o Programa de Mestrado a fim de informar e esclarecer sobre os objetivos da pesquisa e a assinatura do Termo de Esclarecimento.

A segunda entrevista foi com Cruz, 68 anos, em 19 de abril de 2022, terça-feira, às 14h15, nas dependências da Chácara do Idoso, logo após ter participado da atividade física a que está habituado. Fui encontrá-lo na recepção e fomos caminhando tranquilamente até uma das salas de atendimento, local escolhido por ele para participar da entrevista. Embora eu lhe tenha apresentado a possibilidade de ocorrer embaixo das árvores, distante de pessoas para favorecer o sigilo, Cruz optou pela sala. Seguindo o mesmo procedimento da entrevista anterior, comecei me apresentando e ao Programa de Mestrado que estou inserida, para então prestar as informações e esclarecimento sobre a pesquisa, os objetivos e o Termo de Esclarecimento. A entrevista teve meia hora de gravação, mas seguimos conversando por mais cerca de 25 minutos. Embora receptivo, não aceitou o café inicial ou qualquer outra coisa que lhe tenha sido oferecido, nem mesmo a água, demonstrando ser uma pessoa reservada. Na conversa após a gravação, percebi que ele se sentiu um pouco constrangido, situação essa a princípio não perceptível, devido à sua discrição. É preciso esclarecer que, além do uso da gravação, foi necessária a realização de anotações e observações, inclusive no preenchimento dos dados sociodemográficos, que foi anterior à gravação.

A entrevista com Iolanda, 92 anos, ocorreu em 25 de abril de 2022, durou quase duas horas, pois ela é muito comunicativa, detalhista, alegre e demonstrou desejo de aprender. Iolanda possui deficiência em uma das pernas, fazendo uso de andador para se locomover, mas, isso não impede seu deslocamento, a pé, até a Chácara para participar das atividades. Apesar

de residir nas proximidades, seu trajeto demora cerca de uma hora, pois, caminha lentamente. Antes de iniciarmos a gravação, Iolanda me contou um pouco sobre a velhice e a segunda viuvez. Não aceitou o café, apenas um pouco de água ao final da entrevista. Deixou transparecer o quanto desejava falar sobre sua experiência e, apesar das lembranças dos momentos difíceis, falou e demonstrou alegria e desejo de viver intensamente.

Por fim, a última entrevista foi realizada com Zenon, 70 anos, no dia 25 de outubro de 2022, terça-feira, às 14h49, com duração de cerca de uma hora e quinze minutos. Antes de iniciar a entrevista fui ao encontro dele na sala de atividades do Karaokê, onde ele aguardava o horário combinado para entrevista, em meio às outras pessoas idosas. Quando nos apresentamos veio sorrindo e aceitou a sugestão de conversarmos em uma sala mais tranquila, localizada em outro prédio que compõe a estrutura da Chácara do Idoso. Fomos caminhando lentamente até o local, ele muito comunicativo, demonstrava satisfação. Logo foi contando de sua vida, falando sobre a viuvez recente e com orgulho falou sobre sua formação profissional, como contador. Tomamos um café tranquilamente enquanto ele me falava sobre as duas filhas: a mais velha é casada faz anos, mora nos Estados Unidos e tem dois filhos pequenos; a filha mais nova se casou recentemente, sem filhos e reside em Sorocaba. Falou das duas com muito carinho e da boa relação que possuem. Sua chegada na Chácara do Idoso se deu logo após o retorno à Sorocaba após passar seis meses nos Estados Unidos na casa da filha mais velha. Só então falei da minha trajetória como assistente social e o interesse em estudar a velhice, o que me levou ao mestrado na UFSCar. Apresentei-lhe os objetivos da pesquisa e da entrevista e, por fim, solicitei a assinatura dos termos e autorizações necessárias. Quando falei da possibilidade de desistência em qualquer momento, Zenon me disse estar motivado e se sentindo importante por ter sido escolhido. Depois desse acolhimento iniciamos a entrevista.

Esse encontro com os velhos/as me remeteu à Ecléa Bosi (2004), quando diz que no momento da entrevista, o lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, ela é trabalho. Forma inclusive, a memória de uma sociedade.

Após as entrevistas, seguiu-se a transcrição, momento em que o pesquisador se vê, no fazer do seu trabalho, como também como objeto. Percebi que, embora a atividade de transcrição seja árdua, foi também uma ocasião privilegiada de análise no qual pude ter um olhar mais atento às palavras e expressões dos entrevistados. Minha preocupação com a realização da entrevista me manteve em tensão, alerta na tentativa de conduzir o trabalho sem interferir nas narrativas.

Um outro exercício de aprendizado e amadurecimento aconteceu ao me ouvir durante as transcrições, enquanto interlocutora da entrevista. O exercício de ouvir a si mesmo, não foi prazeroso e causou certa estranheza. Para entender o motivo desta estranheza busquei por algumas respostas e chamou minha atenção um artigo publicado na página do Jornal da CNN do Brasil, escrito pelo cirurgião e professor Neel Bhatt, que esclareceu que o desconforto em ouvir nossas vozes em gravações de áudio se deve a uma mistura de fisiologia e psicologia:

[...] Por um lado, o som de uma gravação de áudio é transmitido ao seu cérebro de maneira diferente do som gerado quando você fala [...]ouvir uma gravação de sua voz pode ser tão desconcertante. É realmente uma nova voz – aquela que expõe a diferença entre sua autopercepção e a realidade. Como sua voz é única e um componente importante da identidade própria, essa incompatibilidade pode ser chocante. De repente, você percebe que outras pessoas ouviram algo diferente o tempo todo (BHATT, 2021, p.1).

Através deste artigo entendi que existe uma explicação científica para a dificuldade em ouvir a própria voz que pode impactar muitas pessoas.

Voltando à transcrição, os cuidados na transposição de um estado da palavra - oral – para outro – escrito – são importantes e necessários. Por isso, segui as orientações de Meihy e Holanda (2020, p. 30), de que “dependendo do projeto, tanto pode ser a transcrição literal como a transcrição documental”.

Por esse motivo, as entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra e depois transcriadas.⁵ Quer dizer, as transcrições foram feitas de modo mais próximo da oralidade possível, conservando ao máximo a narrativa dos participantes como se cada um tivesse escrito sua própria narrativa, em formatos e caminhos diferentes, já que cada tem um modo próprio de falar e gesticular, assim como são distintas também a fluidez e a precisão das narrativas.

Tanto a etapa da transcrição como da transcriação foram fundamentais para compreender como esses relatos se articulam, ou não, aos conceitos e pesquisas já realizadas. No momento da entrevista, a atenção exigida pelo entrevistado nos priva de captar pequenos detalhes que são, muitas vezes, fundamentais para a compreensão e construção de uma discussão. Como apontam Meihy e Holanda (2020, p. 166):

⁵ Transcriação é um termo advindo do campo da tradução. Cunhado por Haroldo de Campos para designar um processo de tradução que não traduz simplesmente os termos, palavras e frases, levando em consideração diversos fatores importantes para uma tradução plena. Ou seja, é mais uma prática de tradução do que uma teoria, privilegiando a criatividade à equivalência direta. Para saber mais sobre o assunto ver Gessner (2016).

[...] o documento de história oral é um documento transitório, que tem o valor no momento em que é textualizado e transcrito – o que não é negativo -, pois mostra seu valor interventivo e transformador de realidades, que estavam de certa forma, estagnadas em padrões repetitivos de pensar, sentir e agir.

A transcrição exigiu um trabalho profundo de escuta e, através dela, entrei em contato novamente com o subjetivo da narração. Ali, outras subjetividades foram encontradas, muitas vezes pelo silêncio. São esses níveis de narração ou de silêncio que cabe ao pesquisador de encontrar a vida durante o trabalho de transcrição que é:

a fase final do trabalho dos discursos. [...] Teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra. [...] tem como fim trazer ao leitor a aura do momento da gravação. [...] O fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postiça. Com isso valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo prenhe de sugestões. [...] Neste procedimento uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes. (MEIHY, 1991, p. 30-31).

Alguns assuntos foram mais recorrentes durante as entrevistas e, a partir desta identificação, foram organizados dentro dos capítulos por categorias teóricas, como: Trabalho, aposentadoria, ser velho/a, ser ouvido, conhecimento, exercício e garantia dos direitos, SCFV como espaço de apoio à autonomia e protagonismo. Os assuntos foram aprofundados e discutidos, assim como a articulação com as legislações e referenciais teóricos que subsidiaram as reflexões sobre o tema.

Antes de realizar as devolutivas das narrativas ocorreram diversos encontros informais, quando eu me deparava com os(as) velhos/as nas atividades da Chácara do Idoso, uma vez que atuo como assistente social em uma unidade de assistência social, vinculada à Secretaria da Cidadania (SECID), cujo prédio também fica nas dependências da Chácara. Esses encontros favoreceram uma outra camada de observação e compreensão da rotina das atividades desenvolvidas no espaço da Chácara do Idoso. Como descreve Meihy (2006, p. 167):

[é] para o público que o trabalho de história oral se faz, as partes devem estar empenhadas na clareza dos resultados [...]. É nesta operação que a história oral se realiza enquanto uma forma democrática de versão de situações sociais, que, no mínimo, têm olhares diferentes.

Por isso, antes mesmo da finalização do trabalho e da defesa da dissertação, realizou-se a devolutiva das entrevistas transcritas e transcriadas aos (as) velhos/as, como parte do próprio processo de pesquisa. E que bom que foi assim. Os encontros de devolutiva foram gratificantes,

permeados de emoções, diálogos, afetos e uma escuta muito atenta de ambas as partes, pois já nos conhecíamos. Foi gratificante perceber que chegaram sorridentes, cumprimentando com abraços, queriam saber como eu estava e havia passado. Contaram mais sobre a vida e a rotina diária. Sobretudo, estavam curiosos sobre o andamento do estudo. Ao entregar o documento com as transcrições, ficaram surpresos que suas falas foram concretizadas em um registro escrito.

A leitura do documento das transcrições foi realizada conjuntamente por mim e pelo entrevistado, para que pudessem se reconhecer no texto, analisando se estavam de acordo, se mudariam, acrescentariam ou excluiriam alguma fala. Foi possível perceber que ao ler o documento, eles também estavam se ouvindo. Sugeri para que realizassem nova leitura em casa, para que com calma pudessem validar a narrativa.

Enquanto pesquisadora e, portanto, também sujeito deste trabalho, gostaria de trazer aqui a experiência do processo de devolutiva com cada velho/a.

No dia 27 de julho de 2022, foi entregue a Belezinha o material contendo sua narrativa. Ao se deparar com a leitura, Belezinha foi tomada pela emoção, verbalizou sentimento de valorização pela sua narrativa e como foi importante ouvir sua própria história de vida, uma vez que não imaginava que pudesse ter produzido um conteúdo crítico frente à realidade da velhice. Ao final, contou que estava retornando à cidade de Porto Velho, por questões pessoais que precisavam ser resolvidas, porém acreditava que dentro de um ano pudesse voltar à Sorocaba, já que a filha seguia trabalhando e morando na cidade.

Em 09 de março de 2023, foi necessário efetuar um contato telefônico para que ela pudesse escolher o nome fictício para ser utilizado no estudo. Na oportunidade contou que estava bem, conseguindo resolver suas questões pessoais e desejosa em retornar à Sorocaba, com expectativas de que isso possa ocorrer em meados de 2024. Falou sobre a saudade de participar das atividades da Chácara do Idoso de Sorocaba e rever as amigas que construiu. Sobre a proposta de escolha do nome fictício, falou que nunca havia pensado em ser chamada de outra forma, porém, diante deste estímulo, veio à sua mente as lembranças das histórias contadas por sua família sobre sua infância. Isso porque seu pai, que foi uma pessoa afetuosa com os filhos, apelidou carinhosamente cada um deles. A ela chamava Belezinha, por ser uma bebê muito linda. Até hoje, seus familiares a chamam desta forma. Antes de finalizar, falou da

esperança de retornar a Sorocaba como moradora e de nos encontrarmos pessoalmente para a devolutiva final do trabalho.

O encontro para devolutiva com Cruz ocorreu no dia 13 de março de 2023, conforme havíamos combinado por telefone. Na hora agendada, disse que estava cansado, pois havia terminado de participar da aula de atividade física na Chácara do Idoso. Mesmo assim, entramos na sala de atendimento e conversamos por quase uma hora. Na oportunidade contou que estava passando por tratamento oftalmológico em São Paulo para a investigação da sua perda de visão. Contou também que a família estava bem, apesar do susto recente da hospitalização da filha por duas semanas na UTI devido Covid-19. Para o alívio, ela conseguiu se recuperar.

Sobre o nome fictício para o estudo, optou por ser chamado por Cruz, pois trata-se do sobrenome da família e cada irmão assim é chamado. Citou o exemplo de um dos irmãos, o Cruz Metalúrgico; finalizando com “- E eu sou somente Cruz”.

Ao notar sua dificuldade para enxergar, propus que eu fizesse a leitura da sua narrativa, podendo ser interrompida a qualquer momento, caso tivesse dúvidas ou sugestões de mudança. A leitura foi realizada de forma tranquila. Ao finalizar, Cruz disse que havia gostado muito de sua história, inclusive reforçou a vivência do trauma sofrido após ter permanecido mais de 10 horas dentro de um avião cargueiro na juventude. Dessa experiência carrega até hoje a dificuldade de permanecer em locais fechados e de entrar em um avião. Lembrou que antes era uma pessoa muito ativa, gostava de andar a cavalo, dentre outras atividades, mas que sua vida foi muito afetada por essa experiência. Por fim, fez questão de saber mais sobre o andamento da pesquisa, da trajetória do estudo e da minha vida profissional. Enfatizou que participar desta pesquisa foi bastante prazeroso e terminou se colocando à disposição para participar de outro estudo que eu venha a realizar. Combinamos que faríamos um último encontro de entrega dos resultados da pesquisa.

Os dois encontros com Iolanda para a devolutiva foram muito alegres, pois ela é uma pessoa bastante comunicativa. O primeiro ocorreu no dia 9 de março de 2023, quando esclareci

o andamento da pesquisa e ela me contou sobre sua rotina. Propus que ela pensasse em como gostaria de ser chamada no trabalho, ao que muito rapidamente respondeu: Iolanda; nome de sua falecida irmã que tanto amava. Margarida foi outro nome que despertou seu interesse, pois assim sua mãe gostaria que fosse chamada, porém seu pai sugeriu seu verdadeiro nome, em homenagem a uma famosa cantora da época. Por fim, optou por Iolanda e ficou animada com essa oportunidade de contar com uma outra denominação.

De forma sorridente contou ter uma agenda cheia de compromissos e, por esse motivo, pediu para que a devolutiva pudesse acontecer em outra data, sendo então agendada para o dia 13 de março de 2023, conforme sua disponibilidade. Nesta data a encontrei na calçada, chegando a Chácara do Idoso. Auxiliei na sua locomoção, pois havia um galho caído que obstruiu a passagem e como ela faz uso do andador para se locomover, qualquer barreira se torna um grande obstáculo para sua acessibilidade. Seguimos para uma sala de atendimento para conversarmos reservadamente, onde conversamos cerca de uma hora e meia. Pediu para que eu lesse a sua narrativa e, na metade do texto, pediu para que parasse, pois precisava dizer: “- Você é uma ótima escritora, estou surpresa que agora tenho minha história escrita”. Segui lendo, mas parei outras vezes, pois Iolanda fazia questão de contar outras vivências, sempre sorridente. Quando finalizamos, entreguei a cópia da sua narrativa e ela me disse: “- Quero levar em uma gráfica para fazer o meu livrinho”. Esclareci para aguardar a finalização, quando entregaria uma cópia do material completo com os resultados da pesquisa. Nesse momento disse que também desejava me entregar uma cópia de seus manuscritos referentes aos seus últimos estudos, pois sabe que está na última etapa da vida, e “- que a qualquer momento posso ir embora, morrer, já fiz 92 anos no dia 16 de fevereiro de 2023, então também quero lhe entregar uma lembrança escrita por mim para você, verá que são estudos muito importantes”.

A devolutiva com Zenon ocorreu no dia 10 de março de 2023. Ele chegou ao encontro motivado e fez questão de conversar sobre sua vida, contou sua decisão de diminuir suas atividades voltadas ao trabalho até conseguir encerra-las. Trouxe a preocupação com a baixa renda de aposentadoria, porém, diz precisar ter mais tempo para cuidar de si, pois sua saúde está requerendo cuidados, principalmente a parte cardíaca, revelando que possui apenas 40% das funções do coração como seqüela de um infarto anos atrás. Contou também que em maio de 2023 viajará a passeio para os Estado Unidos, na casa da filha, que insiste para que ele more

definitivamente com ela. Ele se esquivava, diz que tem outra filha aqui em Sorocaba e ama o Brasil, além de não gostar da culinária e da americana. E, assim, segue resistindo a essa mudança.

Apresentei para ele a trajetória percorrida pela pesquisa e entreguei o documento da transcrição da narrativa. Pedi também que pensasse em um nome para ser chamado no estudo. Foi quando contou que era chamado de Zenon na juventude, pois diziam que ele possuía uma semelhança física ao famoso Zenon, jogador de futebol da década de 1970. Lembrando disso, pediu para ser chamado de Zenon. Quando lemos juntos sua narrativa, disse que ficou positivamente surpreso, pois não imaginava ter um material escrito de sua experiência de vida. Combinamos nos falar caso ele visse a necessidade de alguma alteração, porém, afirmando não ver essa necessidade assinou a concordância ao documento produzido.

No dia 13 de março de 2023, logo pela manhã, recebi uma mensagem pelo WhatsApp do Zenon:

Olá Elisangela, bom dia! Tudo bem c/ você? Nossa, eu adorei e fiquei bem comovido emocionado na forma como foi bem elaborado com muita perfeição e profissionalismo a qual você demonstrou nos relatos dos meus comentários, eu só tenho agradecer e que Deus abençoe e ilumine sempre em suas atividades linda e maravilhosa a qual exerce e me coloco sempre a sua disposição no que você precisar! Um grande abraço!

Foi gratificante receber a mensagem, pois pude saber que Zenon leu novamente o texto, na tranquilidade da sua casa. A participação dessas pessoas nesta pesquisa auxiliou na obtenção de dados com finalidade acadêmica que, espero, contribuam para o aprofundamento das discussões nessa área. Porém, pessoalmente, essa mensagem foi em certo sentido a validação deste trabalho, como se eles me dissessem: fui ouvido.

2.2 A CHÁCARA DO IDOSO DE SOROCABA – SP

Imagem 1 – Convivência na Chácara do Idoso



Fonte: Agência Sorocaba de Notícias – Secom. Foto: Luís Felipe Pio – Secom

Centrar a discussão no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), é compreender que a convivência social é um direito assegurado pela política de assistência social. Nesse aspecto, a proposta aqui é apresentar a Chácara do Idoso de Sorocaba, escolhida como lócus para realização da pesquisa de campo por ser um serviço municipal que desde setembro de 2012 atua na proteção social básica da Política de Assistência Social, vinculada à Secretaria da Cidadania (SECID) da Prefeitura de Sorocaba, executando ações de Convivência e Fortalecimento de Vínculos à população idosa.

O município de Sorocaba está localizado no interior do estado de São Paulo, é o quarto mais populoso do interior paulista, com aproximadamente 687.357 habitantes, (IBGE, 2012). Em 2012, institucionalizou-se a Região Metropolitana de Sorocaba (RMS), composta por 27 municípios.⁶ Segundo os dados do Censo de 2010, 98,98% da população de Sorocaba residia em área urbana e 1,02% em área rural, a taxa geométrica de crescimento anual da população era de 1,21%, superando a taxa estadual (0,83%).

Sobre a população envelhecida, de acordo com projeção de dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE (2020), estima-se que em 2035, a população da cidade (60 anos ou mais), deverá ser 23,27% maior do que a de jovens, na faixa etária dos 15 a 29

⁶ Alambari, Alumínio, Araçariguama, Araçoiaba da Serra, Boituva, Capela do Alto, Cerquilha, Cesário Lange, Ibiúna, Iperó, Itapetininga, Itu, Jumirim, Mairinque, Piedade, Pilar do Sul, Porto Feliz, Salto, Salto de Pirapora, São Miguel, São Roque, Sarapuá, Sorocaba, Tapiraí, Tatuí, Tietê e Votorantim (<https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-sorocaba-sp>).

anos. Já em 2050, a projeção para a cidade é de que as pessoas com 60 anos ou mais, somem um total de 218.915, em comparação aos 112.022 jovens. Além disso, neste mesmo ano, o total de pessoas com 75 anos ou mais, deverá somar 70.989 pessoas, sendo 27.985 homens e 43.004 mulheres.

No município de Sorocaba, a Secretaria da Cidadania (SECID) é quem executa a política pública de Assistência Social. Esta política instituída pela Constituição Federal de 1988, inscrita no rol da Seguridade Social, organiza-se dentro do pacto federativo em um sistema descentralizado e participativo, visando garantir a proteção social a quem dela necessitar independentemente de contribuição (PNAS, 2004).

A SECID divide a cidade em três Regionais para o desenvolvimento de ações e distribuição dos serviços: região Oeste, Sul/Leste e Norte. A regional Oeste apresenta em seu território três equipamentos de proteção social básica (CRAS Ipiranga, CRAS Nova Esperança e CRAS Vila Helena) e três de Proteção Social Especial (CREAS Oeste, Centro de Atendimento à Pessoa em situação de Rua e Vila Dignidade). A regional Norte possui seis unidades de proteção social básica, em funcionamento (CRAS Ana Paula Eleutério, CRAS São Bento, CRAS Laranjeiras, CRAS Vitória Régia, CRAS Carandá e Chácara do Idoso) e três unidades de proteção especial (Centro de Referência do Idoso - CRI, CREAS Norte e o Núcleo do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – NAPETI). Por fim, a regional Sul-Leste concentra cinco unidades de proteção básica, (CRAS Cajuru, CRAS Aparecidinha, CRAS Brigadeiro Tobias, CRAS Sul-Leste e Clube do Idoso) e duas unidades de proteção social especial (CREAS Sul-Leste e Centro de Referência da Mulher - CEREM). Além destes, em fevereiro de 202, começou a atuar uma equipe itinerante para atender a população que encontra dificuldade de acessar ao Serviço da Proteção Social Básica, devido à distância dos equipamentos, que nem sempre possuem acessibilidade.

Dentre as demandas da assistência social no município de Sorocaba, evidencia-se a busca da população frente a questão da convivência social para pessoas idosas, através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), como a Chácara do Idoso e também o Clube do Idoso. Os SCFV possuem objetivos definidos na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), voltados ao fortalecimento das relações familiares e comunitárias, integração e troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva. Trata-se, portanto, de uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares (PNAS, 2004).

A Chácara do Idoso está localizada na rua Manuel Afonso, n. 64, no bairro Vila Progresso. O espaço físico é composto por três imóveis. O primeiro comporta a sede administrativa, que conta com recepção, salas de atendimento, coordenação, sala de reunião, uma sala ampla com mesas de jogos e lazer (com estantes de livros), copa e sanitários.

Imagem 2 – Localização da Chácara do Idoso de Sorocaba



Fonte: <https://maps.app.goo.gl/46ss23gdzCys8i4G6>

O segundo imóvel é o Centro de Convivência Dr. José Mussi, nome que homenageia um médico emérito do município (1926-2009), composto por um salão, onde são realizadas diversas atividades. O terceiro imóvel fica aos fundos, num local mais reservado, um espaço que já acolheu o CRI, e no momento abriga a sede administrativa do NAPETI. A área externa contempla uma área de lazer com churrasqueira, um amplo quintal com árvores frutíferas, horta e diversas espécies de plantas, além de uma academia ao ar livre com equipamentos de ginástica.

Imagem 3 – Primeira Colheita da Horta

Fonte: Agência Sorocaba de Notícias – Secom. Foto: Rose Campos – Secom.

A implantação do serviço, neste endereço, ocorreu a partir da desapropriação de imóvel (conforme Lei municipal 10.387), que pertencia a uma família tradicional da cidade, seguindo um caminho diferente ao sugerido pelo documento de Orientações Técnicas para o SCFV para pessoas idosas (2012), que orienta que a implantação do SCFV para pessoas envelhecidas, deve ser precedida de estudo contendo diagnóstico da demanda, conhecimento do território, das necessidades da população mais velha, da oferta dos serviços prestados para este público, pela rede socioassistencial. Orienta também, que essa implantação deve ser guiada pelo princípio da descentralização estabelecido pelo SUAS, isto é, que o serviço seja oferecido em localização próxima aos seus usuários, observando o mapeamento dos territórios de vulnerabilidade social.

Para ser atendido pela Chácara do Idoso, a gestão municipal adotou como critérios: possuir idade mínima de 55 anos, residir em Sorocaba, apresentar documento de identificação, comprovante de endereço atualizado, além de atestado médico para as atividades físicas. Para ser acompanhado é necessário fazer um cadastro, ficando a critério da pessoa os dias, horários e tipos de modalidades que deseja frequentar.

Nos termos da Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, o encaminhamento ao SCFV não impede a participação em outros serviços. Isso porque a oferta do SCFV ampara-se na segurança de convívio, que a PSB deve proporcionar aos usuários. E esta, por sua vez,

fundamenta-se na compreensão de que a dimensão relacional das vivências dos sujeitos pode ser determinante em sua segurança de convívio e, conseqüentemente, em sua proteção ou desproteção social (PERGUNTAS FREQUENTES: SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS, 2022). O acesso ao serviço advém de demandas espontâneas, ou seja, as pessoas interessadas em participar buscam a unidade, como também a unidade recebe encaminhamentos pela rede de serviço socioassistencial.⁷

Quanto ao perfil sociodemográfico dos participantes da Chácara do Idoso, do total de 300 pessoas que frequentam as atividades, a maioria são mulheres (285) e apenas 15 são homens. O serviço recebe pessoas de todos os bairros da cidade, entretanto, a maior parte dos participantes residem nas proximidades e conseguem chegar até o local caminhando. Não conseguimos acesso a informações como: escolaridade, renda, condição de moradia, dentre outras, de todos os participantes. Nesse sentido, o quadro abaixo apresenta uma pequena amostragem quanto ao perfil sociodemográfico do público da Chácara do Idoso, representada através dos participantes desta pesquisa.

⁷ A Rede Socioassistencial é uma política social constituída por um conjunto de serviços, programas, projetos e benefícios que compõem o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e são prestados diretamente ao cidadão ou por meio de convênios com organizações sem fins lucrativos. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/rede_socioassistencial/index.php?p=3200#:~:text=A%20Rede%20Socioassistencial%20%C3%A9%20uma,com%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20sem%20fins%20lucrativos.

Quadro 1 – Perfil Sociodemográfico

	BELEZINHA	CRUZ	IOLANDA	ZENON
Idade:	69	68	92	70
Estado civil:	Solteira	Casado	Viúva	Viúvo
Cor:	Parda	Preta	Branca	Branca
Escolaridade:	Superior Completo	Ensino Médio/Técnico	Ensino Médio/Técnico	Superior Completo
Renda:	R\$6.000,00 aposentadoria	R\$2.500,00 aposentadoria	R\$4.000,00 aposentadoria	R\$1.800,00 aposentadoria
Condição de moradia:	Alugada	Própria	Própria	Própria
Bairro de procedência:	Jd. Maria do Carmo	Vila Gabriel	Jd. Maria do Carmo	Jd. Maria do Carmo
Profissão exercida:	Prof. ^a Educação Infantil Estadual	Metalúrgico e Func.Público	Técnica em RX	Contador
Nº de filhos:	4	1	0	2
Composição familiar:	Vive com uma filha	Vive com a esposa	Vive sozinha	Vive sozinho
Avaliação do Relacionamento com a família:	Boa relação	Boa relação	Boa relação	Boa relação
Meio de transporte utilizado:	Transp. público e por aplicativo	Transporte público e próprio	Transp. público e por aplicativo	Transporte público e próprio
Avaliação da Saúde:	Boa	Regular	Boa	Boa
Atividade religiosa:	Católica	Evangélica	Espírita	Católica
Atividades fora do ambiente doméstico (além do SCFV):	Sim	Sim	Sim	Sim
Recebe amigos em casa:	Não	Sim	Não	Não
Trabalha atualmente:	Não	Não	Não	Sim

Fonte: elaborado pela autora.


A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais define o trabalho essencial que deve ser ofertado no SCVF:

Acolhida; orientação e encaminhamentos; grupos de convívio e fortalecimento de vínculos; informação, comunicação e defesa de direitos; fortalecimento da função protetiva da família; mobilização e fortalecimento de redes sociais de apoio; informação; banco de dados de usuários e organizações; elaboração de relatórios e/ou prontuários; desenvolvimento do convívio familiar e comunitário; mobilização para a cidadania.” (BRASIL, 2009 c, p. 13).

Na Chácara do Idoso de Sorocaba são realizadas diariamente atividades em grupos, voltadas ao lazer, à cultura e prática de atividades físicas, como exemplo: dança, artesanato, caminhada, rodas de conversas, aulas de canto, desenho e inclusão digital, jogos de tabuleiro, violão, teatro, pintura em tela, dentre outras. Segue abaixo o informativo fornecido pela

Chácara do Idoso à população, que apresenta todas as atividades desenvolvidas pela unidade. O participante elege os tipos de atividades que deseja frequentar, conforme seu interesse e disponibilidade.

Figura 2 – Informativo das atividades ofertadas na Chácara do Idoso



Prefeitura de SOROCABA Secretaria da Cidadania

CHÁCARA DO IDOSO
CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO
 Rua: Manoel Afonso, 64 - Vila Progresso – Tel: 3302-3737 (ao lado da Apae)
 Horário de Funcionamento: de 2ª a 6ª feira das 7:00 às 17hs
 Horário de atendimento na recepção : de 2ª a 6ª feira das 8 às 12 e das 13 às 17hs

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA A INSCRIÇÃO:
 A partir de 55 anos;
 Documento de RG e CPF, Título de Eleitor, Carteira de Trabalho, Nº do PIS ou PASEP ou NIS
 Comprovante de endereço (conta de luz, ou água, ou telefone, etc)
 Uma foto 3X4 RECENTE

ATIVIDADES

2ª feira
 Aula de Smartphone (celular) às 08 hs; (Profº Melk)
 Roda de Conversa às tema direcionado às 09 hs (Profº Melk)
 Artesanato: crochê, trico, macramê, vagonite, pintura em tecido... às 8:30 (Profª Mª Olinda);
 Dança Circular – às 10 hs (Focalizadora Marilene); (**avançado**)
 Atendimento individual - orientação sobre saúde (Profº Ricardo) **Lista de espera**
 Hipnoterapia – Atendimento Clínico à partir das 14 hs (Ana Alves) **com agendamento e lista de espera;**
 Vivência – Resgatando a Auto-estima às 14 hs (Ana Lúcia) **a cada 15 dias.**

3ª feira
 Alongamento às 08 hs (Profº Ricardo);
 Alongamento das 09 às 10 hs (Profº Ricardo);
 Artesanato: crochê, trico, macramê, vagonite pintura em tecido... - às 08:30 – (Mª Olinda);
 Atendimento individual **com agendamento** (Profº Melk);
 das 08 às 10h – aula de celular individual **ou** assuntos diversos;
 Aula de Coral às 09 hs (Profº Bêne)
 Reiki (aplicação de Reiki) à partir das 09 hs (**com agendamento**).(Reikiana Débora);
 Roda de Conversa sobre qualidade de vida às 10 hs (Profº Ricardo);
 Aula de Violão às 10 hs (para iniciantes)(Profº Demétrio)(**lista de espera**);
 Jogos: Rummirub, Imitatrix, Caça palavras, Dominó, Perfil, Baralho às 14 hs (Profª Luci).

4ª feira
 Aula de ginástica diversas às 08 hs (Profº Melk);
 Aula de ginástica localizada – às 09 hs (Profº Melk);
 Aula de Smartphone (celular) às 10:30 hs (Profº Melk);
 Atendimento Psicanalítico – atendimento Clínico (Sandra) **com agendamento e lista de espera;**
 Aula de Teatro às 15 hs (Profº Tony).

5ª feira
 Meditação às 08 hs (Profº Ricardo);
 Barra de Access à partir das 08:30 (Maria Aparecida) (**com agendamento**);
 Dança Circular às 09 hs(Focalizadora Syrlei); (**para iniciantes**)
 Aula de Coral às 09 hs (Profª Bêne);
 Roda de conversa sobre qualidade de vida às 10 hs (Profº Ricardo);
 Aula de Violão às 10 hs (para iniciantes)(Profº Demétrio);
 Atendimento individual **com agendamento** (Profº Melk);
 das 08 às 10h – aula de celular individual **ou** assuntos diversos;
 Aula de Pintura em Tela 5ª feira às 14 hs (Profª Neusa.
 Reiki (aplicação de Reiki) à partir das 14 hs (**com agendamento**).

6ª feira
 Aula de ginástica localizada – às 08 hs Profº Melk);
 Aula de ginástica diversas – às 09 hs (Profº Melk),
 Aula de Smartphone (celular) às 10:30 hs (Profº Melk);
 Atendimento individual **com agendamento** (Profº Ricardo);
 orientação sobre saúde **Lista de Espera.**

Fonte: elaborado pela Chácara do Idoso (2023)

A equipe é composta pelos seguintes profissionais: um coordenador de nível superior (educador físico); dois educadores físicos (nível superior) e um auxiliar administrativo (nível médio), todos funcionários públicos estatutários. Além destes profissionais, a equipe também é composta por dois funcionários de serviços gerais terceirizados e treze voluntários, em sua maioria velhos que participam das atividades e ofertam aulas dentro de suas habilidades, como coral, dança circular, violão, teatro, etc.

É importante ressaltar a responsabilidade do Estado na oferta da proteção social. Por isso, o SUAS prevê a necessidade de equipes multiprofissionais para o planejamento e a execução dos serviços socioassistenciais. Portanto, para atingir a finalidade dos serviços, é necessário que a composição da equipe se dê a partir das diretrizes expressas na Norma Operacional Básica de Recursos Humanos (NOB/RH) do SUAS e que os trabalhadores tenham clareza de suas atribuições.

De acordo com a NOB/RH do SUAS, equipes de referência são aquelas constituídas por servidores responsáveis pela organização e execução de serviços, programas, projetos e benefícios de proteção social básica e especial. A quantidade de profissionais e as categorias profissionais dependem do porte do município e das necessidades das famílias e indivíduos e do território (situações de vulnerabilidade e risco pessoal e social; as particularidades locais – limites, potencialidades e habilidades; número de famílias e indivíduos referenciados aos CRAS e aos CREAS; as aquisições previstas para que os usuários alcancem, entre outras).

A Resolução Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) nº 17, de 20 de junho de 2011, elenca os profissionais de nível superior que, obrigatoriamente, deverão compor a equipe de referência por nível de proteção social. No caso da proteção social básica, os profissionais com nível superior que devem compor a equipe de referência do CRAS são o assistente social e o psicólogo. Todavia, conforme dispõe a referida Resolução, a critério da gestão municipal e do Distrito Federal, outros profissionais de nível superior poderão compor esta equipe para atender as requisições específicas do serviço.

Segundo Negri et al. (2012), a composição incompleta das equipes de referência do SUAS, consiste em um desafio a ser superado, pois fragiliza a implementação do SUAS, visto que os recursos humanos são a matéria-prima para que essa política seja materializada.

Conforme a PNAS (2004), todas as unidades que desenvolvem o SCFV, devem ser referenciadas ao CRAS do respectivo território, nesse sentido, a Chácara do Idoso tem recebido apoio dos CRAS e outros equipamentos públicos, de forma a propiciar a garantia dos direitos de seus participantes.

2.3 OS VELHOS PROTAGONISTAS

Nesta pesquisa, os quatro participantes foram denominados de protagonistas, pois, sem dúvida nenhuma, são os principais atores. Foi através do ato de entrevistá-los, na busca, no encontro, no ouvir, que as possibilidades chegaram a mim e foram ampliadas na condução da escuta, permitindo-me, então, transcriar a história de cada um. Como título de suas narrativas, escolhi frases ditas por eles em algum momento da entrevista, com o objetivo de evidenciar de algum modo a sua experiência de ser velho/a. A opção pela manutenção das narrativas na íntegra foi propiciar a você, leitor(a), a escuta de nossos(as) velhos/as, para que você também tenha a oportunidade de dizer: eu os escutei.

2.3.1 Belezinha: “A gente carrega uma bagagem”

Tenho 69 anos, nasci no dia 5 de agosto de 1953, em Porto Velho (RO), local onde também cresci. Falam que sou parda, mas prefiro não falar de cor, pois não tenho problema com isso. Sou solteira - não aceitei casar no papel, tenho quatro filhas, quatro netos(as) e um bisneto. Meu primeiro relacionamento durou pouco tempo.

Mudei para Sorocaba há dois anos, em 2020, em plena pandemia. Conheci a cidade devido acompanhar a minha irmã para um tratamento de câncer. Ela acabou falecendo e eu acabei ficando e minha filha, que é fisioterapeuta, também veio. Moramos eu e minha filha, só nós duas agora, com dois cachorrinhos (risos), em uma casa pequena, que é alugada, no bairro Maria do Carmo, aqui pertinho, bem próximo à chácara.

Antes eu morava com um companheiro, por dezoito anos, nunca quis casar. Ele não aceitou muito o fato de acompanhar a minha irmã no tratamento, pois fiquei oito meses aqui sem voltar para casa e quando voltei, terminou!

Então, fui professora alfabetizadora, gostava muito de crianças. Trabalhar com crianças a gente se sente muito feliz. Sentia muito feliz de pegar uma criança que não sabia nada, não sabia nem pegar no lápis e no final do ano ela já sabia ler... a gente transformava a criança, ajudava... então, eu gostava muito!

Em 2006, aposentei, dava aulas em Porto Velho. Fiz o curso de pedagogia e como na época tinha falta de supervisores, então, prepararam uma turma na área de supervisão escolar e administração. A gente não escolhia, eram os cursos que tinham na cidade. Daí eu fui para a

supervisão e já logo fui contratada no concurso de Porto Velho. Dessa aposentadoria, tenho uma renda de 6 mil reais e uns pouquinhos.

Por falta de conhecimento, eu achava que minha saúde não era muito boa, mas agora já abri horizontes, estou buscando minha qualidade de vida.

A minha filha tem 41 anos. Trabalha, fez curso de fisioterapia e trabalha como fisioterapeuta. Moramos de aluguel. Pagamos R\$1.100,00, dividimos as despesas. Ela agora está trabalhando, aqueles contratos temporários, que o governo está contratando. O mês passado ela não trabalhou e esse mês já registrou, a mesma firma a recontratou, isso já aconteceu três vezes, é bem difícil, a gente está acostumado com um emprego fixo, eu estranhei demais, mas é comum agora.

Sou católica, frequento desde criança, de família, tradicional. Gosto muito de sair... ir na casa das colegas do que as receber em casa, mesmo porque a minha casa não é muito acolhedora, em termos de amplitude. É um espaço muito pequeno, prefiro ir na casa das pessoas; também o horário da filha de trabalho, que é a noite. Aí ela dorme, não quero incomodar, para no dia seguinte ela estar bem-disposta.

Gosto de ir ao cinema, de dançar. Lá eu dançava muito (referindo a Porto Velho), quase todo final de semana estava nas festinhas de "jovens de 60 anos". Em Porto Velho já participava de atividades para idoso. Há uns quatro a cinco anos atrás, lá não tinha; quando surgiu, só tinha um local também, da prefeitura, não é tão rico como o daqui, mais pobrezinho lá... os profissionais daqui são mais qualificados. Lá a gente tinha hidroginástica, os passeios a cada três meses, dança todas as sextas-feiras, um rapaz tocava.

Sobre a velhice, é assim, é você não ter mais aquela força que você tinha antes quando estava mais jovem. A gente já sente que está numa fase de decadência mesmo. É difícil de aceitar, estou me conscientizando, tento encarar de frente, tento não ficar triste, aceitar a condição né, viver o momento que estou passando. Quando eu era jovem fazia coisas de jovens, quando mais adulta, coisas de adulta e agora fazendo coisas de "melhor idade".

É porque dizem que é a melhor idade, mas não é não, porque você quer fazer algumas coisas e já sente algumas dificuldades. Quando você é mais jovem, saía sem problemas, enfrentava as situações, agora mesmo você quer fazer alguma coisa e daí, poxa vida! Não dá mais, tem que deixar para depois, um negócio estranho, mas a vista de outros estou bem.

Tem alguns termos que incomoda, tipo assim, velho: "Ah, sua velha!" Já parece mais tom pejorativo, tipo assim, faltando com o respeito pela pessoa. Já a melhor idade soa mais suave, né? E idoso, eu acho que não sou idosa, acho que ainda tenho virilidade para caminhar

ainda assim sozinha; apesar de que os olhares dos outros recrimina, tipo assim, uma calça, roupa que você acha bonita, mas não dá mais, a pessoa fica te olhando com um olhar meio crítico, eu percebo isso.

As pessoas mais velhas são muito pouco, muito pouco ouvidas hoje! Por exemplo, você vai numa reunião, as pessoas não dão importância para o que você fala, acha que você é quadrado, não tem mais voz para falar da vida. Acho que a gente carrega uma bagagem e as pessoas não dão valor, até difícil de explicar. Tipo assim, aqui na Chácara a coordenação quer fazer uma coisa para o idoso e vai lá, não sei se é na prefeitura solicitar alguma coisa e lá mesmo falam que não tem verba, deixa para depois, não dão muita importância... não só lá, mas na própria casa, na família. Eu observo quando estou conversando com as colegas, aí gira em torno da família, tenho várias experiências aqui, os filhos, os mais chegados da gente, com críticas, às vezes destrutivas, às vezes não são iguais os problemas, mas a gente vê que é uma bola que gira, geralmente.

Os principais desafios enfrentados na velhice é você se impor perante os filhos, eles não aceitam mais que você tenha sua opinião. Tem os problemas dos filhos deixarem numa instituição porque não querem mais ter problemas com os pais, aí então, acha melhor colocar nessas instituições... tudo bem...no começo vai sempre lá e vai relaxando, vai abandonando... abandonando. Eu tenho uma amiga da minha filha que deixou a mãe lá, ela disse que é por conta do trabalho dela... colocou a mãe dela nessas casas de repouso e aí ela vai à noite, visita, fica não sei quanto tempo lá. Eu acho degradante!

Possibilidades com a velhice? Mais liberdade! Mesmo as vezes você querendo fazer algo, no meu caso, a minha filha diz: “- Você não pode fazer isso.” Daí eu não digo nada e vou lá e resolvo do meu jeito. Quando ela sabe que eu fiz, fica brava, mas falo: “- Foi meu gosto, meu prazer!” Essa é uma conquista que eu vejo em mim, nos outros colegas, não sei te dizer, mas eu nunca tinha parado para pensar na liberdade como uma possibilidade, nessa independência. Vejo em muitas colegas, que os filhos não permitem, simplesmente eles, como a gente diz lá na minha cidade, baixa a crista⁸!

O professor de educação física da Chácara sempre diz que nossas doenças físicas são por causa das tristezas, mágoas... eu estou trabalhando melhor agora sobre isso. Estou falando mais com a filha, que tenho mais convivência... às vezes ela se zanga e sem querer a gente se

⁸ Expressão popular

magoa, machuca, mas estou superando, não todas as vezes, mas estou trabalhando, justamente para não ficar assim tão magoada.

A gente se dá bem, fora esses atropelos, mas tem a superação. Sinto apoiada, não sei quando chegar a hora que eu tiver com mais idade, se eu vou morar lá numa casa de repouso. A gente não sabe, né? Tem o carinho, tem tudo, mas de repente, né? É difícil você ver que são os filhos que abandonam.

Duas filhas estão lá (Porto Velho) e outra em Caraguatatuba - SP, ela prestou concurso, é solteira. Lá em Porto Velho, são duas casadas. Tenho netos, de uma das filhas são duas meninas e da outra, um casal (um rapaz e uma moça) e um bisneto de cinco aninhos. Tenho contato com eles direto. Eu vou mais para lá, elas têm os filhos, fica mais fácil eu ir. Uma veio, passou um mês aqui com a gente e lá em Caraguá; já duas vezes que ela vem. E a outra não tem condições.

Quando vim para cá por conta do tratamento de câncer da minha irmã, eu estava com o marido e a gente morava num sítio e aí a cobrança. Não era casada no papel, nunca quis casar no papel. Ele acha que eu estava demorando, por estar nove meses aqui, aquela rotina de radioterapia, aí eu propus para minha menina vim ficar no meu lugar, para eu retornar lá, daí ela veio e ficou cuidando da minha irmã, mas ela faleceu.

Eu tive um marido pai das filhas, elas maiores nos separamos, ele conheceu outra menina. Daí então passou alguns anos, eu conheci esse rapaz e aí fiquei com ele, nos relacionamos uns 16 anos. E aí, por conta dessa separação daqui, depois descobri que ele tinha arrumado uma garota, mas eu já tinha a minha primeira experiência, então não afetou tanto, porque a gente fica muito deprimida, daí fui superando e tirei de letra.

Tenho bastante amizades, graças a Deus, boas amizades. A gente conversa muito. Lá (Porto Velho) a gente ficava a tarde inteira, faz lanchinhos. Aqui também tenho as colegas bacanas e me apoiam.

Sobre os direitos? Não conheço todos não, inclusive nem procuro por saber dos meus direitos, isso é uma falha que tenho; em Porto Velho, tinha um amigo que sempre chamava minha atenção pelos direitos: “- É seu direito, procura!” a gente deixa passar muita coisa, às vezes até pela própria formação. Essa minha filha de Caraguá se formou em direito, então ela briga muito comigo: “- Mamãe! não pode deixar, isso é seu direito, não é assim!” Problemas com banco, com algumas besteirinhas com justiça que é meu direito, mas não quero bater a cabeça, não quero me indispor, aí deixo para lá, mas a filha fala: “- Você está jogando seu dinheiro fora, sem necessidade! Estão abusando de você, ultrapassando seu limite.” Mas falo:

“-Deixa...” Você tá vendo que a pessoa quer lhe passar a perna, né, incrível. E quando eu sei e aprendo alguma coisa, daí eu passo para os outros, que às vezes é pior que eu, coitados. Aí vou informar, ajudo, dentro do possível.

Acho que tenho exercido pouco os meus direitos, pouco mesmo. Por lerdeza, por que existem os manuais de consumidor, às vezes pedimos coisas na internet e sumiu, não fui atrás, deixa para lá, não faço questão. A filha sempre diz: “- Mamãe, tudo isso é dinheiro, a Sra. pagou”.

Consigo perceber a garantia dos direitos dos idosos quando eu recebo informações, palestras, por exemplo. Nós tivemos aqui (Chácara do Idoso) um médico que ele trabalha com deficiências na terceira idade, como chama...tem o Parkinson e o Alzheimer, e ele tratou desse assunto, os direitos dessas pessoas com Alzheimer e surgiram muitas questões de famílias, de pais e mães com Alzheimer. Minha família garante meu direito, às vezes quando eu estou errada, assim, quando tenho direitos e não procuro, minha filha orienta.

Eu sei que existe o Estatuto da Pessoa Idosa, não pensei em ler, não me interessei. A política de Assistência Social não conheço, nunca foi divulgado, mas nunca me interessei. Não sei nem os benefícios que pode me proporcionar.

Sobre os serviços públicos que atendem a pessoa idosa eu conheço o passe de ônibus, já tirei inclusive a carteirinha, agora preciso tirar a carteirinha de colocar no carro para vaga de idoso, quando saio com as amigas da minha filha. Também conheço para comprar o ingresso no cinema, teatro, geralmente paga a metade. Já fui no zoológico. Conheço um outro que tem... o Clube do Idoso, somente estes, não sei de outros.

Não sabia que a Chácara é da assistência social. Estou aqui desde quando ela reabriu, outubro de 2021. Quando eu vim de lá, minha filha que falou, porque ela fez um estágio de fisioterapia aqui na Chácara, daí ela me falou: “- Mamãe, não quer participar de lá?” Daí então eu vim.

A importância da Chácara na minha vida e na garantia de meus direitos... olha são as melhorias que estão tendo, sempre buscando, o coordenador sempre procurando parcerias para trazer para cá, melhorar a convivência da gente. As atividades são muito boas, até na parte física, a limpeza, estou vendo muitas melhorias aqui e na parte de proteção, não sei muita coisa. Mas olha, eles sempre estão trazendo pessoas para dar palestras sobre qualidade de vida, fora os exercícios e o pessoal que são os profissionais daqui, estão sempre tentando trazer pessoas novas para agregar aqui.

Sobre as atividades que participo, vou lhe dizer, as que eu não participo, que é violão, do resto, de tudo: artesanato, as aulas de alongamento... eu venho todos os dias da semana, tem um monte de atividades, algumas de manhã e outras a tarde também, desenho é a tarde, a de pulseirinha, também é a tarde. A que mais gosto é de fuxico, sempre achava bonito e não tinha tempo para aprender. Essa de pulseirinha também tinha uma vontade e aí cheguei aqui... “Ah, meu Deus! Que legal!”

Essas atividades são importantes. É a distração e sei lá, vai que, de repente, o governo corta nosso salário, eu já tenho alguma coisinha para mexer e para você ver, é assim, para a cabeça da gente também, a gente se distrai muito, não fica pensando besteira, essa é a importância para mim.

Aqui tem benefícios, acho que melhorou um pouco a minha saúde, esses exercícios físicos, melhorou bem. Eu vivia cheia de dores e já quase não sinto mais. E essas outras atividades melhora bem para a gente também a convivência, o convívio, as trocas de ideias, a gente às vezes divide os problemas que a gente tem, aí vai ver são parecidos, né? A gente desabafa na própria aula mesmo, a gente fala com o professor e ela dá umas dicas.

Eu acho que aqui poderia ser melhorado. Sinto falta somente de uma coisa: de hidroginástica. Lá eu tinha e já estava aprendendo a nadar, que eu não sei nadar. Era uma coisa que eu gostaria de aprender a nadar. A hidroginástica é muito boa para o físico da gente, eu me sentia muito bem nas aulas de hidroginástica.

Eu estou aprendendo a ser protagonista da minha vida, aprendendo, eu estou aprendendo muita coisa aqui. A qualidade de vida, eu já mudei muita coisa no meu estilo de vida. A Chácara ajuda em meu protagonismo, muito, 100%, o que eles trabalham com a gente, eu não tinha isso lá. Então aqui estamos descobrindo muitas coisas que melhoram meu cotidiano, melhora bem mesmo, eu absorvo tudo o que falam e eu sinto que estou melhorando, o professor educação física fala, as crenças que a gente tem, parecia descarregar, tirando da gente coisas que a gente olha para trás e diz: “- Puxa! Não valeu a pena”. Coisa que a gente carrega, um atraso de vida. E, agora, a gente está mudando e fazendo diferente. A felicidade é em qualquer momento, a gente constrói no dia a dia, não aquelas tolices que colocaram na cabeça da gente.

Uma coisa que me faz lembrar a infância e adolescência é cantar, eu gostava muito, eu sinto falta. Se tivesse... do resto, está muito bom. Os profissionais são muito bons, tenho que elogiá-los.

Eu tenho medo futuro, do jeito que as coisas vão, cada vez mais perdendo os direitos da gente, a gente vai ficando sem vez e sem voz. Não é todo mundo que pára para ouvir... mas

dizem que é conquista, temos que conquistar seu espaço, né? Conquistar, estou tentando aí eu espero estar contribuindo.

2.3.2 Cruz: “Quando vai envelhecendo é difícil, não tinha ideia de como seria”

Casei em 1977, são 45 anos de casados. Perdemos dois filhos pequenos e temos uma filha com 36 anos. Cursei o técnico em agrimensura, não exerci esta profissão. Fui muito tempo metalúrgico, trabalhei por dezenove anos. Depois fui trabalhar em serviço público, na prefeitura de São Paulo, durante 26 anos.

Fui, bem dizer, criado em Sorocaba. Aos 18 anos saí para servir o exército em Itu (SP). Fugi de lá logo depois, não me adaptei à rotina. Fui parar no aeroporto de Guarulhos, momento em que consegui embarcar escondido em um avião, sem saber o destino. Fui parar em Bogotá. Durante a viagem fiquei dez horas fechado na carga do avião até ser encontrado. Não gosto nem de lembrar, pois desde então tenho fobia de lugares fechados.

Em Bogotá, na Colômbia, permaneci dois anos trabalhando na lavoura de algodão até ser deportado. Quando cheguei ao Brasil, fui conduzido ao exército, na base de Osasco. Aos poucos, consegui a simpatia do Coronel Benedito Martins, cheguei trabalhar na casa dele que tempos depois me liberou de prestar o serviço militar.

A partir disso fui estudar e comecei a trabalhar como metalúrgico. Lembro dos momentos em que “fui politiqueiro⁹”. Lutei por direitos que os metalúrgicos não tinham na época e sempre frequentei o sindicato dos metalúrgicos. Sofri muitos preconceitos e perseguições por ser negro durante o tempo em que trabalhei em indústria. Fui perseguido na empresa. Entre três pessoas, você quase que fica de fora. A gente tem que ser bom duas vezes por causa da cor. Somente melhorou o preconceito quando saí da empresa e comecei a trabalhar na prefeitura de São Paulo, concursado, onde o pessoal era excelente.

Na prefeitura de São Paulo, lá fazia cadastro, era serviço de rua, ficava medindo área, tipo topografia, um serviço de engenharia. Quando entrei no concurso da prefeitura comecei como vigia e fui efetivado. Daí me convidaram para trabalhar na engenharia porque eu já tinha o curso técnico e quebrava o galho em todas as áreas da engenharia. Aí fazia serviço de ajudar o engenheiro na topografia, foi o que fazia lá, cadastros.

⁹ Expressão utilizada por ele para designar sua participação junto ao Sindicato.

Foram quarenta e três anos de trabalho. Recebo R\$2.500,00 de aposentadoria, mas aproveitei enquanto eu estava trabalhando para fazer um pezinho de meia. Eu tinha outro emprego, trabalhava em outros empregos, então dá para viver sossegado. Minha esposa também é aposentada, trabalhava na saúde, era concursada do Estado, era das atendentes antigas, depois ela foi trabalhar em um almoxarifado. Nós dois conseguimos uma estabilidade e isso dá uma segurança. Há 6 anos me aposentei e retornei para Sorocaba, no mesmo bairro e na mesma casa em que eu morava, aqui na Vila Gabriel. Moro só eu e a esposa.

A minha filha é solteira, ela trabalha e mora lá em São Paulo. Ela vive viajando muito, trabalha na empresa que mexe com viagens e viaja muito. A moradia dela fica em Carapicuíba, meu antigo endereço em São Paulo, o apartamento é nosso, deixei para ela.

A minha relação com a família é muito boa. Com a esposa a gente vive como um casal mais idoso. E com a filha a relação também é boa. Eu recebo apoio sim. Ela sempre me chama para viajar, mas eu gosto mais de viajar sozinho. Ela me chama muito para viajar, porque ela viaja muito para fora.

Eu viajava muito sozinho, gostava muito de rodeio, shows né, e minha esposa não gostava muito, ela gostava mais de ir para a igreja. Ela gosta muito de viajar, mas com as colegas dela e eu para não atrapalhar. Às vezes o casal não dá certo numa viagem juntos. Eu tenho dificuldades de espaço, por exemplo, se eu for viajar para fora do país, eu tenho que ir numa primeira classe, porque eu tenho problema de espaço, então ela sempre viajou mais que eu. Minha filha sempre convida, pois diz ter muita passagem barata e dá para pagar.

Quando não estou viajando, passeando, fico em casa. Sou cristão, frequentei muito a igreja evangélica, muitos anos; depois dessa pandemia, dei uma parada. Não costumo convidar amigos e familiares para ir em casa.

Hoje não trabalho mais, a minha saúde não é muito boa não, é regular, tomo remédio para pressão, faço controle da pressão e diabetes, mas é tranquilo. Para me locomover na cidade eu dirijo, tenho carro próprio, mas costumo pegar ônibus. Para vir aqui na chácara venho andando, moro perto.

Ah, quando vai envelhecendo é difícil, muitas coisas a gente não esperava, a gente não tinha ideia de como seria. Ah, chegar na idade, a cada cinco anos vai modificando a vida da gente. A gente vai perdendo as forças, a cabeça já não vai sendo a mesma, o físico, o corpo já não acompanha mais. É assim, mas está ótimo em vista de muitos!

O velho é aquela pessoa que não sai, não vai a lugar nenhum, que não conversa. O idoso, é devido ao desgaste da vida. Agora o velho, eu pelo menos, não me sinto velho, me sinto gasto já. Eu acho melhor ser chamado de idoso do que velho.

Não acho que os idosos são ouvidos, porque hoje o idoso não tem muita palavra, não. Mas também o idoso, às vezes, não se esforça, não participa, por isso que não tem muita palavra na sociedade, tem uma certa idade que não se importa mais em participar.

Eu conheço muito pouco os direitos da pessoa idosa e os meus direitos, não sei nem dizer. Por exemplo, aqui na Chácara sempre tem uma pessoa que fala dos direitos, se eu precisar vou procurar orientação aqui, aqui na Chácara ou com algum conhecido que pode indicar algum lugar. Alguns, por exemplo, o direito de andar de transporte público, eu aproveito bem, é o que mais utilizo e os serviços públicos.

Ah, nem todo o direito o Estado garante, principalmente na área da saúde, quando você vai procurar um médico, às vezes aqui em Sorocaba não tem um médico para idoso. Eu mesmo corro e vou para São Paulo, no hospital municipal de lá; então acho daqui difícil, os hospitais que tem aqui o atendimento é péssimo para idoso, muito demorado, talvez seja isso da gestão.

Não conheço a política de assistência social, nem a importância dela. Eu sei que é importante, mas eu não conheço o que ela garante. A Chácara é muito importante, venho aqui para a saúde, ela é ótima. Participo desde 2016, mais ou menos, faço exercícios de manhã, duas vezes na semana, é muito bom para a saúde, faz uma falta quando eu não venho na Chácara, principalmente nesses dois anos parado por conta da pandemia. Aqui eu tenho bom convívio, tenho muitos amigos aqui.

Os desafios que o idoso enfrenta é a saúde. A saúde fica difícil. Eu acho que tem algumas vantagens de ser idoso, né, mas não sei te dizer quais.

Na minha vida eu tenho poder de decisão e autonomia. Eu acho que a Chácara favorece muito o protagonismo do idoso. Espero um futuro melhor com uma mudança de governo, pois já tivemos tempos melhores.

2.3.3 Iolanda: “Estou aprendendo a ficar velha”

Sou Iolanda, nasci em dezesseis de fevereiro de 1931, em Pirambóia, próximo a Conchas, interior do estado de São Paulo. Sou viúva pela segunda vez. Há um ano e quatro meses, meu segundo marido morreu de Covid. No primeiro casamento fui 18 anos casada e desquitamos porque ele era alcoólatra, uma pessoa boníssima, mas alcoólatra. Não sabia o que

era o alcoolismo, tanto é que depois fui para a Federação Espírita e lá tinha o grupo de alcoólatras anônimos. Eles da federação que me levaram para conhecer, inclusive fui assistir uma palestra deles e no final o diretor pediu para que todos os que estavam presentes na sala dessem sua opinião do que achavam, o que pensavam. Como fui ficando por último para dar a resposta, porque eu não achava resposta nenhuma (como não achei) ele perguntou: “- E você Iolanda, o que acha?” Eu falei: “- Eu tenho que responder a verdade?” “- Claro, a verdade!” “- A minha vontade é matar um por um, mas eu não posso matar todos, por isso estou aqui!”

Depois disso fiquei trabalhando na casa espírita por cinco anos. Eu tinha um dia de plantonista para receber pela primeira vez o alcoólatra, além de assistir às aulas e reuniões deles. No fundo, depois de anos, os alcólatras achavam que eu era uma alcoólatra recuperada. Para você ver, assimilei tanto da doença e de todo o tratamento que tinha o médico psiquiatra, o clínico, então eu ficava anotando ficha, levando ficha. Era um trabalho voluntário.

Só como técnica de Raio X (RX), eu comecei com 26 anos e fui até os 58 anos. Antes, no hospital comecei na cozinha, lavando verduras. E depois eu passei (isso aqui em Sorocaba, como meus pais moravam aqui) no hospital de Votorantim, a limpar corredores. Isso foi meu primeiro emprego, eu tinha 15 anos, era registrada, recebia 400 mil réis, ganhava uma fortuna!

Fui passando de um trabalho para outro, distribuí alimento, fui degrauzinho por degrauzinho; e a irmã Boa Ventura era muito legal, ela via que eu tinha boa vontade. Daí ela falou: “- Iolanda! O saber não ocupa lugar, vai aprendendo tudo o que você pode, vai estudar e fazer alguma coisa melhor”. Aí eu fui! Mudei para São Paulo, na casa de uma tia. E lá, trabalhar em hospital para uma moça que vem do interior, que não tem profissão, é o lugar onde mais encontra trabalho, na minha opinião, porque sempre precisa de pessoal para trabalhar na cozinha. Comecei lavando verduras. Com a irmã Boa Ventura aprendi a pintar, aprendi vários trabalhinhos. A irmã Boa Ventura era da comunidade de freiras que trabalhava no hospital da fábrica Votorantim.

A irmã Boa Ventura foi a motivadora para despertar o interesse em ir embora e estudar, procurar a minha vida. E depois, em São Paulo, eu trabalhei em três firmas, as três de plástico. Eu trabalhei na Estrela, depois que ela se tornou de brinquedos, antes era de botão. Depois fui para Troll, era com plástico.

Perto da empresa tinha hospital, aqueles hospitais antigos que tinham residência para empregados, eu fui trabalhar lá. Comecei na mesma marcha: fui trabalhar na cozinha, controlar as panelas de dietas, ficar de olho em cada panela, uma vai com sal, óleo e outras não; comecei por aí.

Mas a gente vai formando amizades e chamou a minha atenção o senhor que trabalhava no laboratório (pois sempre fui muito curiosa e sou até hoje), o via pipetando¹⁰ as coisas e perguntei: “- Sr. Luís para que serve isso?” e ele foi me dando as dicas.

Outra vez comecei a mudar e de lá fui para a Maternidade da Lapa, só bebês. Nunca engravidei e tive que lidar com recém-nascidos. Primeiro eu fui trabalhar na sala de partos, para ficar controlando a mulherada, quanto tempo durava a dor. Naquela época a maioria era do IAPI¹¹, IAPC (caixas de transporte e comércio). Pegava os nenês e levava para lavar e mamar.

Nunca imaginava que não teria filhos, pois nunca liguei. Eu tinha que trabalhar para ganhar meu dinheiro. Eu sempre tive pessoas que me ajudaram, uma coisa que desde pequena eu tive, é ouvir o idoso, ouvia muito o que as pessoas falam e depois ia associando, é por aqui que tenho que ver as coisas. E depois a Dona Cacilda e Dona Angelina, já eram no posto do INSS¹² – IAPI, falaram que estava precisando de câmaras escuras. As câmaras escuras, na época não tinha máquina não, você é que tinha que fazer, pegar os produtos, pesar, fazer o revelador, o fixador, o filme era naquela colgadura¹³ para revelar, tinha que ter o tempo certo para revelar, que nem um fotógrafo, a mesma coisa. Você vê que o meio foi crescendo.

Estudei em São Paulo o curso de Técnico de RX, foi um ano e meio. Estudava a noite, pois de dia tinha que trabalhar. Acho que aposentei com 58 anos.

Olha, eu sei que foi degrau por degrau. Mesmo para fazer o colegial era uma dureza! Para fazer o exame tinha que ver onde fazia a inscrição para gente ir, depois ir eliminando a matéria que pudesse. Tanto é que para terminar o meu curso fui para São Paulo e Rio, Minas e para Mato Grosso. Abriu as inscrições e eu tinha que eliminar matérias o mais rápido possível para eu fazer o curso.

¹⁰ Termo utilizado para se referir a transferência volumes com auxílio de uma pipeta, de um tubo de vidro graduado, muito usado em laboratórios para transferir líquidos de um recipiente para outro.

¹¹ O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) foi criado em 1936, durante o Estado Novo e, após 1945, expandiu suas áreas de atuação, passando principalmente a financiar projetos de habitação popular nas grandes cidades. O IAPI foi fundido com outros cinco institutos de pensões de outras categorias em 1966, formando o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)

¹² O Instituto Nacional do Seguro Social – INSS foi criado em 27 de junho de 1990, durante a gestão do então presidente Fernando Collor de Melo, por meio do Decreto nº 99.350, a partir da fusão do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS com o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, como autarquia vinculada ao Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS, atual Ministério do Trabalho e Previdência – MTP.

¹³ As colgaduras são, basicamente, um suporte usado para prender filmes de exames de imagem, como por exemplo o raio-x. Disponível em: <https://www.necipa.com.br/noticias/quais-sao-os-beneficios-de-usar-colgaduras/#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20as%20colgaduras%3F,para%20o%20sustentar%20os%20filmes>. Acesso em: 10 out. de 2022.

Eu fui andarilha, para mim, patrão era dinheiro, então eu não parava. Estava trabalhando aqui, mas se ali oferecia dez reais a mais, ia embora, não queria nem saber, precisava do dinheiro para poder estudar. Fui trabalhar num consultório médico com um judeu. Amo esse médico, ele não sabe até hoje que foi um pai para mim. O Dr. Euchua vivia dentro de um carro correndo de um hospital para outro e tinha o consultório, em plena Barão de Itapetininga em São Paulo, bem no centro velho. Eu morava na Lapa, não dava para vim em casa almoçar, mas não dava para mim comprar almoço, então eu levava um lanche e ficava três horas lá dentro. O médico pensou bem e disse: “- Iolanda, eu vou lhe ensinar você fazer algumas coisas, se chegar algum doente nesse intervalo, eu vou lhe ensinar o que você pode fazer e você faz para mim, já adianta meu serviço, o meu ganho”. Então, ele começou a me ensinar a fazer RX de mãozinha, de punho, depois o pezinho, joelho; nesse tempo chegava o doente eu fazia. Ensinou revelar, mas ele não satisfeito de ganhar mais e eu não satisfeita de aprender mais e de ganhar mais também, ele disse: “- Iolanda, vou ver no INPS, onde eu trabalho que tá faltando gente para revelar, eu vou falar com a diretoria para ver se eu consigo colocar você lá, para ver a chapinha de pulmão, para você fazer outras coisas para me ajudar” e lá vou eu, contratada para revelar filme! Agora estou no grupo de técnicos e começo a aprender as coisas, “- Você é boa! Porque não faz o curso de uma vez, porque o sem vergonha está ganhando nas suas costas. Onde se viu? Ele está te explorando!” Mas aprendi um monte de coisas.

No hospital da Penha precisou de técnico de RX. Tinha freira. Lá fui eu com a cara e a coragem. A Angelina tinha me emprestado o livro de técnicas de RX, fui com o livro debaixo do braço e a coragem, conversar com a madre superiora: “- Sou técnica de RX”. Não me pediu um diploma, um certificado, não me pediu nada. Só me mandaram fazer um RX para ver se eu sabia, mas eu fazia com uma tabelinha que o Judeu me deu e peguei o serviço.

Comecei a vida de técnico assim, depois entrei no Rio. Tinha a associação de técnicos, que São Paulo não tinha, uma turminha do Osvaldo Cruz fundaram uma escolinha e eu fui trabalhar nessa escolinha de RX. Passei por muitos lugares. Quando eu saí e me aposentei, deixei o técnico de RX com o sindicato. Eu me envolvi com o sindicato, pois quando me envolvo com uma coisa, eu vou de cabeça!

Tenho renda de 4 mil reais, porque faz 6 anos que o técnico de RX federal não tem aumento. Eu sou federal né. Infelizmente com esse presidente, se ele ganhar vai continuar a mesma coisa.

Sou viúva há 1 ano e 4 meses. Estou aprendendo a ser viúva, estou aprendendo a ficar velha. Ah! Eu acho engraçado a mulherada velha: “- Ah, a velhice não existe! Não me sinto

velha!” Não estou perguntando se você se sente ou não, estou lhe perguntando: “- Você acha que você não é velha?” Eu vou falar com sinceridade, o que eu sou: Eu sou uma idosa, o idoso o que é? É velho!

O termo é idoso, porque tem gente que é velha, mas você olha na cara, eu com 92 anos, às vezes encontro com uma pessoa, estou vendo aquela carcaça e reclamando da vida, “- Mas quantos anos a Sra. tem?”; “- Ah, eu tenho 79 anos!” Aí eu fico com vergonha de mim. “- Ah é? A senhora sabe a minha idade?”; “- Não, não sei.” “- Pois é, eu tenho 92 anos!” Daí dou um susto na pessoa.

Tanto falar idoso como velho, as duas coisas são válidas. Veja bem, se você está em um grupo com um pouquinho mais de visão, ele vai falar idoso e não magoa ele. Mas o coitadinho sofrido, do interior, lá do sítio, só entende quando falar velho. Digo isso porque nasci no mato, me criei no mato e sei como foi minha vida e aí, depois de quinze anos eu falei: “-Vou voltar onde meu umbigo foi enterrado, em Pirambóia.” Nasci lá, próximo a Conchas.

Sou espírita, frequento, estou no final do terceiro ano de educação mediúnica. Daqui pertinho, da Aliança. Lá em São Paulo, fui da Federação espírita, fiz os três anos lá, depois quando vim para cá, fiquei meio sem lugar certo e fui na sede daqui de Sorocaba da Aliança, fica perto de casa, na Francisco de Assis, no Maria do Carmo, ali tenho a noite e de domingo de dia, é tipo um seminário.

Aqui na Chácara eu estou fazendo o curso para aprender mexer no celular. Eu sei mexer bem para falar com meus amigos e parentes, consigo bem. E agora recente também, estou no centro espírita aos sábados à tarde. Eu fui para lá porque eu falei pra essa responsável que apesar de eu ter 92 anos, eu não sei lidar com criança, eu nunca tive filhos. No meu serviço, todo meu serviço quando eu trabalhei na sala de parto, eu pegava os bebezinhos e lavava Depois, quando eu estava no RX particular, eu fazia RX no berçário, a enfermeira traz a criança, eu faço e devolvo. Eu não sei brincar com criança e a mulherada riu quando falei isso.

Eu não sei conversar com criança e quando Edinara me falou de lá, eu falei para ela: “- Eu quero ir com essas crianças para eu aprender a lidar com elas, preciso aprender antes de morrer.” Estou no sábado no centro espírita, está muito gostosa a experiência com as crianças, mas eu fico um sábado com as crianças e no outro sábado eu fico com a reunião de casais, que é outra experiência. Porque eu vivia rindo de mim, porque eu fico assim: a preletora bota o assunto do que vai ser discutido para poder quebrar as arestas, eu fico assim “- Fala Iolanda!” Eu olho na sala, a primeira coisa que vou olhar no pessoal mais ou menos... o que tem mais idade, que aparenta ter mais idade, tem uns 55 anos, não chega ter 60. O resto tem uns 20 e

poucos anos, 30. Eu vejo: “eu educo meu filho assim”, “porque tem que levar pela mão na escola, tem que buscar” ... esse bafafá que a gente sabe que o mundo está atualmente são coisas desconhecidas para mim. Então, eu estou aprendendo!

Daqui da Chácara até em casa vou andando, mas já fui de ônibus para experimentar, porque eu queria aprender a andar no ônibus, porque com a muleta eu ia bem, agora eu quero ver com o andador. E foi muito bem. Agora eu tenho uma moça que trabalha em casa, mas ela vai às segundas e às sextas para fazer a faxina da casa, porque minha casa é grande, é casa própria, tem 18 degraus para subir nos quartos. Em cima tem três quartos e um banheiro. Embaixo tem a sala, cozinha grande, o quintal não é muito grande. Tem o corredor e onde era a officininha do Pedro, meu segundo marido. Ele era divorciado e eu viúva, mas tornamos a casar, dessa vez no civil porque na igreja não podia. Ele tem três filhos e três netos do primeiro casamento e eu não tenho nada. Tem a garagem e um jardimzinho. Não sei se é jardim ou pomar. Eu tenho acerola, jabuticaba, uva, mexerica, pé de rosas, flores comestíveis. Só eu entendo meu jardim.

A velhice e ser velho, com toda a sinceridade? Não sei! Para mim, eu mesmo me assusto que tenho 92 anos, porque minha vida está normal. Essa menina que eu estava falando, que trabalha em casa, tinha carro, tentei aprender a dirigir, mas eu acho que meu primeiro marido vivia entrando embaixo de carro, eu não sei se foi o medo ou peguei complexo, porque eu entrei, fiquei dois meses e não consegui aprender. Então, em qualquer carro que estou e corre um pouco mais, eu sei que tenho medo. A primeira coisa que fiz foi vender o carro e para mim receber e pagar, ir para o cemitério e fazer tudo que tenho para fazer, então entrei num acordo, eu e a moça que faz a faxina (18 dias que o marido dela morreu): ela me leva de carro. Ela trabalha há 17 anos comigo. Ela precisa do dinheiro e eu preciso do trabalho, então ela me leva e fica lá comigo para eu receber. Tanto é que ela sabe todos os números da conta minha, onde eu guardo, ela é de super confiança, ela mora longe de casa, no Nova Sorocaba.

As pessoas mais velhas não são ouvidas pela sociedade, pela família e Estado, porque você tem que ser muito insistente, porque se no geral eles enrolam, para nós enrolam mais depressa. Vão ver se é possível, se vai dar certo, não pode, sempre tem aqueles empecilhos. Eu sempre digo: “- Nossa, eu sou maravilhosa e me ajudam muito”. Eu tenho encontrado facilidade, eu não posso reclamar. Eu, Iolanda, tenho conseguido sem muita burocracia, sem muita confusão, mas de um modo geral, o que eu vejo é isso, essas dificuldades.

O desafio que a pessoa idosa enfrenta acho que depende muito de cada pessoa. Mas, para mim, o maior desafio foi na doença do meu marido. Foram três anos que eu tive que abrir

mão de tudo. Eu estava aprendendo violão, como aqui comecei a aprender, mas parei. E fazia outro curso de desenho, eu queria trabalhar como voluntária na creche Maria Claro, mas não pude ir...

Teve muita coisa boa. Pelo menos na Creche (se referindo a Chácara do Idoso), falta muita coisa aqui, mas eu vejo na sede. É que não sei se na minha opinião está muito certo ter. É bom não só para mim, mas para os idosos em geral. Antes os idosos ficavam trancados em casa, porque é o que eu tenho notado, não que aconteceu comigo, mas porque eu fui a mãe de meus pais depois. Então não vivi isso, não vivo, mas a maioria que eu vejo conversando com amizades, depois de uma certa idade os filhos tratam mal os pais. Porque o tratar mal não é só deixar faltar as coisas. Eu acho que o modo de se dirigir, o modo de tratar, dói muito mais e isso eu tenho visto muito, muito, muito, não se tem respeito, vontade dos filhos que imperam, não dos velhos. Eu conheço uma senhora que está na cama e nenhuma filha vai fazer nada para ela, só tem um filho que depois do serviço vai um pouco lá com a mãe porque ela não pode levantar e isso é dolorido. O que eu vejo tem muito esse negócio de ser estúpido, mal criado com a mãe, eu nunca vi coisa igual.

Eu tenho uma sobrinha neta que mora próximo e tenho boa relação, todos os dias a gente conversa pelo celular, eu passo na porta da casa dela todo dia para vir para cá. Tanto é que tenho aqui na minha bolsa, aliás, sugestão daqui da secretária para andar dentro da bolsa, um papel com meu nome, meu telefone, telefone de pessoas para chamar em caso de urgência, quais as doenças principais que eu tenho, essa coisa toda. Primeiro para a rapidez, é um casal de amigos, amigos do meu marido, porque depois que o Pedro faleceu eles estão como parentes meu, sempre dando apoio para tudo. Mas no cartão em primeiro lugar tem o nome deles, pela facilidade.

“- Menina, sou um papagaio para conversar” Sou um papagaio!”

Dos direitos? Já ouvi falar mas, francamente, não conheço nenhum. O Estatuto do Idoso sim, eu vi, mas uma coisa, eu não sei, nunca precisei. Porque é aquela história, não sei se de onde eu vim, que aprendi a buscar o que preciso, o que eu quero, então, vou buscar. Na semana passada fui ao postinho aqui perto de casa. Acordei cedo porque só na segunda-feira que marca consulta, mas quando cheguei e a moça me atendeu, falou: “- Vaga só dia 18.” E eu não entendi, compreendi que só no dia 18 ia abrir outras vagas. E aí eu fui a tonta, não olhei no cartão que ela tinha anotado, no cartão, que dia 18 era minha consulta. Cheguei em casa e aguardei que me chamassem até dia 18 e daí não me chamaram e eu estava precisando. Saí daqui e passei lá e falei: “- Estou precisando do oculista e não me chamaram.” Daí ela falou: “- Vamos ver como

é que estão as vagas.” Sei lá, mas, foram muito gentis, ao menos para mim. Eu sei onde buscar meus direitos quando precisar.

Já vem do meu serviço. Olha, até hoje eu sempre fui atendida no que eu precisava. É aquilo que eu digo: “- Não sei, estou aprendendo agora.” As pessoas acham engraçado eu falar isso, mais agora, porque antes eu tinha tudo na patronal do funcionário federal. Qualquer coisa tinha que buscar em Brasília. Mas, agora, tenho no meu celular. Eu ligo para São Paulo e pergunto tal coisa assim, assim, assim.

Tem que ver, em Brasília assim, ou você recorre em tal lugar, eu sou articulada e busco. Quer ver uma coisa? Quando veio aqui que ia ter eleição (Conselho do Idoso), eu fiquei assanhada na hora! Fiquei assanhada pela eleição que só vendo! Estou com ótima saúde, não tenho que me queixar dela. Daí, pronto! Ao menos tem três pessoas da Chácara para lutar por coisas da Chácara.

Não faço parte do Conselho do Idoso, não! Ah, eu fiquei assanhada, mas depois pensei: “- Iolanda, calma, abaixa o gás do balão! Se você entrar nessa bagunça, como é que você vai fazer? Vai aqui, vai ali. Eu sei que você vai brigar mesmo. Você tem condições? Você já não é mais a Iolanda que era.” Por isso que eu digo que estou aprendendo a envelhecer, porque eu esqueço! Eu esqueço que eu não posso tomar a atitude que eu podia tomar antes, porque agora eu tenho muitas atitudes que eu chego e falo: “- Tenho 92 anos.”; “- A Sra. tem que buscar alguém da família para assinar aqui em algum lugar.” Desgraçadamente, as nossas leis estão isso. Porque você sabe, na nossa terra tem gente assim, que lê e não entende o que lê. Porque se eu estou dentro da minha lucidez, eu sou responsável por aquilo.

Olha, agora mudando, aconteceu um negócio que na hora eu fiquei com muita raiva, mas depois esfria e a gente pensa. A minha irmã faz quatro meses que morreu, com 94 anos, de morte natural. É que o gás dela acabou e pronto, ela levantou, tomou banho, se trocou. Ela morava com a filha que falou: “- Eu arrumei o café para você tomar.” Ela falou: “- Eu já vou.” Só que dali a pouco minha sobrinha escutou: tu! (barulho de queda) Foi correndo ver o que aconteceu. Ela caiu, tropeçou na cama e já estava morta. Minha sobrinha ficou doida, ligou para médica que foi lá e falou: “- Ela acabou de morrer por morte natural. Pode ficar sossegada.” Daí fez o traslado de São Paulo para cá, porque a família toda está aqui, na Árvore Grande. Eu tenho um defeito comigo. Eu estou conversando com você, mas este ouvido está aqui e o outro está lá. E daí fomos ao Cemitério enterrar minha irmã e era só parentes que estava lá. O sol estava forte e eu vinha vindo para entrar no carro para vim embora. A filha da minha irmã, as outras primas e mais outras duas conversando sobre a missa de 7º dia e uma delas falou:

“- Olha é bom internar a tia, a tia está fazendo as coisas atrapalhadas." Mas só quem fez a coisa atrapalhada foi essa moça, sobrinha, porque, antes do dia dos mortos, eu tinha mandado arrumar... porque meu marido foi enterrado por conta da Covid, no coiso, porque a família está para cá, aqui somente veio o nome dele. Eu quis refazer o túmulo para deixar as duas gavetas prontas, uma para mim e outra para minha irmã. Eu sempre dizia à minha irmã: “- Iô, uma casa é tua e outra minha. Faz favor, quem morrer primeiro pega a primeira casa, a outra deixa para a outra.” Então, eu sabia que tinha uma gaveta aberta, eu falei, era só telefonar para a Ofebas¹⁴ que ela faleceu e pedir para abrir e, no fim, essa bendita pessoa achou que eu estava falando besteira, que não tinha nada lá, estava tudo tomada e deixou a outra em São Paulo nervosa. Deu uma confusão! O outro filho, meu sobrinho me perguntou: “- Tia, como é que é isso?” Falei: “- Para vocês ficarem sossegados, antes de trazer o corpo eu vou no cemitério ver se aconteceu alguma coisa” e cheguei e falei para a moça: “- O que vocês fizeram com a gaveta que estava aberta?” Ela falou: “- A gaveta está lá.” Foram na hora ver para conferir e abrir, porque tinha que abrir mesmo, e já estava tudo aberto, pode trazer o corpo. E essa conversa foi a hora que peguei ela, mas eu já estava dentro do carro. Ela já está achando que está na hora de eu ser internada. Logo que o Pedro morreu eu tive vontade de ir para uma instituição para não ficar sozinha. Eu queria ir. Depois uma outra amiga falou: “- Iolanda, você vai fazer uma besteira!

Isso aconteceu. Então, eu fui para Ofebas, levei os papéis que é tudo no meu nome e agora fechou, quem ficou sem gaveta fui eu! Se eu morrer agora, estou sem gaveta! Como é que eu faço? Eu já tinha pensado “na hora que eu morrer ou chamam a prefeitura para me enterrar ou, sei lá, jogam em qualquer lugar!” Não sei o que vão fazer, não importa, eu já estarei morta mesmo. Mas daí falei: “- Eu quero fazer uma gaveta para mim”, porque eu estou sem gaveta agora. Mas, na Ofebas disseram: “- Não, a Sra. pode ir pagando uma agora e fazer a valeta e deixar ela pronta para seu falecimento, mas não ceder para ninguém.” “Ah, é?” Daí eu telefonei para minha sobrinha em São Paulo e falei: “- Se mais tarde, vai que eu morra como a Ioiô, daqui a pouco eu embarque, então eu já fui lá e estão aqui os papéis. Ninguém vai ter trabalho para me enterrar a hora que eu morrer, é só saber que está lá, o meu quartinho está pronto!” Então foi um pé de ouvido daquele tamanho e pronto!

Eu não sei como é que está por aí. Para mim, o meu salário ainda me dão, apesar de fazer cinco anos que não tem aumento. Porque se tiver um aumento, eu tenho visto no jornal, o presidente agora parece estar em época de eleição, tá querendo dar aumento, não sei como vai

¹⁴ Assistência Funeral e Proteção Familiar em Sorocaba e Votorantim.

ficar os aposentados, porque daí eu tenho que entrar em contato com o sindicato, o nosso sindicato, para saber realmente como está, porque eu dependo. Eu sempre digo: “- Gente, meu serviço é diferente dos seus, o meu, tudo depende do federal, de Brasília”.

Aqui em Sorocaba, dos serviços que atendem as pessoas idosas, além da Chácara só conheço o central, o clube do idoso, não conheço outros. Agora, aqui ainda falta muita coisa, muita coisa, porque pelo visto, a mulherada aqui é muito baileira. É uma coisa que para mim não diz nada, baile não diz nada, agora, o teatro sim! Esses dias eu estava doida para ir, mas tive que escolher ou ficar no teatro em Sorocaba ou ir com a sobrinha neta em Pirambóia. Mas eu vejo aqui que a mulherada só pensa em baile, eu vejo, já me convidaram em bailes nem sei onde. Eu não sei dançar, então, baile não tem graça. Mas eu acho que deveria ter mais recreação. Eu estou vendo que a menina aí, ela dá um esforço danado, você vê, todo fim de mês ela está fazendo festas, cada dia uma festinha mais bonita dos aniversariantes. Mesmo no dia do meu aniversário, precisa de ver que festa! Eu vou lhe contar, eu falei no dia: “- Gente, eu tive que esperar 92 anos para ter uma festa de aniversário?” E eu não vi nenhuma fotografia, pois disseram que foi tudo para prefeitura, mas eu vou pedir!

Aqui tem caminhadas, tem exercícios, umas danças, mas eu acho que tinha que ter joguinhos. Tem a conversa que o professor faz, é legal, tem acupuntura, é muito bom, mas deveria motivar, porque tem muita gente que vem de longe aprender seu bordadinho, seu tricozinho, mas sai disso não faz mais nada. Assim, dar nomes de livros bons para ler e abrir a mente, dar palestras motivadoras, para não ficar aquela coisinha. Porque eu vejo por mim, que a menina vai segunda e sexta, eu faço a minha comida, eu lavo minha roupinha, roupas grandes ela lava, eu procuro deixar a sala e cozinha, onde eu mais fico, em ordem. Eu vou buscar meu pão e meu leite, vou na farmácia, eu vou fazer minha comprinha com meu carrinho de feira, mas eu também faço os meus tricozinhos. Eu tenho máquina de tricô, mas não mexo nela. Ganhei um monte de restos de lã, então faço coisinhas assim de tricô e sento lá na frente, ninguém me vê que estou sentadinha lá na frente e vejo a rua e faço colchinhas, eu ocupo o tempo.

Nunca ouvi falar sobre a política de assistência social, somente a saúde e previdência social. Não sei nem a importância dessa política, nem os benefícios dela.

Eu participo da Chácara faz anos, mas não lembro quanto. Com a volta depois da pandemia, faz uns três a quatro meses. Quando o Pedro começou a ficar ruim, doente, eu pedi afastamento. Antes tinha um coral bonitinho que eu participava.

Antes de existir aqui, a gente se reunia ali embaixo, tem ali centro esportivo na vila Gabriel e tem uma parte para cima. Lá aprendi a fazer pinturas. Antigamente tinha crianças que as mães trabalhavam e as crianças ficavam, e nós idosos ficávamos aí por uma porção de anos. No começo, quem fundou e era ligado a prefeitura foi a Bene, não lembro o nome dela. Benedita... tem um outro sobrenome, que o marido era professor, mas todo mundo conhece a Bene. Aí eu fui anos, aí ajudei secretariar o serviço dela, ia com ela na prefeitura e para todo lado.

Eu já participava antes da fundação da Chácara. A Chácara e as atividades são muito importantes. Veja bem, esse ano que o Pedro morreu fiquei completamente reclusa. Primeiro eu tive Covid - é, eu tive porque ele morreu de Covid. Eu não tinha a cadeirinha (andador) ainda, porque isso daqui é novo para mim, é novo mesmo, não é todo lugar que tem. Esse foi o Vicente que viu em São Paulo com uma mulher andando com isso que tomou o ônibus; e ele seguiu para ver ela descer do ônibus e aí perguntou para ela. Daí ele veio em casa e perguntou se eu queria comprar uma cadeira elétrica, porque a bengala não estava dando a comodidade que eu estava precisando e segurança. Ele falou: “- Eu vi uma cadeira assim” e só dele falar, eu falei: “- Eu quero essa cadeira. Eu vou ver se em Sorocaba tem e vou comprar uma para mamãe e eu me lembrei de você.” Então falei: “- Eu quero!” E comprei primeiro que da mãe dele. O Vicente e a esposa são amigos, já eram amigos. Ele e o Pedro fizeram cursos juntos e ele me assessora muito, tudo e qualquer coisa que eu penso em fazer, que eu quero e não sei fazer, eu falo para o Vicente, pois se ele não souber ele busca para me dar a resposta.

Atualmente... porque deixei duas ou três, entrei em um monte e já tentei fazer dança, fico mexendo com a cadeirinha e o professor de educação física falou: “- Desce para ver o exercício, porque tem muitos que eu acho que dá para você fazer.” Ele me incentiva muito. Eu vim ver e acho que dá, inclusive eu fiz 2 ou 3 de cada.

Estou aprendendo a fazer os bordados, eu faço smartphone, eu faço acupuntura, roda de conversa às quartas-feiras; e antes eu estava no violão e no desenho, mas os 2 são de tarde. Ah! E vem aquele casal de memória. Porque logo que o Pedro morreu, eu ando esquecida, eu fiquei desesperada, falei: “- Meu Deus do céu, se eu tenho aneurisma cerebral? Eu vou atrás de um neurologista, eu sei que tem remédio, ele tem que me dar.” Então, marquei consulta na policlínica e me mandou fazer os exames e vamos ver depois os resultados dos exames.

A chácara propicia benefícios. Para mim, ela me deu alma nova. Para mim ela é importante, ela pode propiciar o protagonismo desde que a pessoa se interesse. Quer ver uma coisa? É aquela história, tem um grupo que se organiza para fazer viagens. E por que não se

organizam para fazer para todos? Que faça uma em cada semestre, organizada pela creche. Não era muito melhor! Eu acho melhor! Joguinhos... outro dia vi duas senhoras, não sei se era buraco, esses joguinhos leves que as famílias se reúnem. Vamos fazer torneios de brincadeiras, inventar, não só ficar naquilo, só saindo besteiras, cada um contando seu sofrimento. O sofrimento a gente conversa com Jesus.

Eu não penso mais no futuro, pode ser que daqui a pouco eu mude, daqui alguns meses seja uma outra Iolanda. Mas, no momento, esse dia é importante. Amanhã não interessa o que vai ser, o ontem foi.

2.3.4 Zenon: “Este é o desafio de uma renda melhor, uma vida melhor”

Eu nasci em Ribeira que fica bem na divisa entre o estado de São Paulo e o estado do Paraná, onde o presidente Bolsonaro¹⁵ já morou por quatro anos. A casa em que ele morava hoje é minha prima que está morando. Lá é uma cidade pequena onde tenho muitos parentes e amigos. Dizem que é a cidade da amizade e realmente é, porque você tem amizade com todo mundo, todo mundo acolhe bem você em qualquer lugar que seja.

Meu pai era uma pessoa que queria sempre estar unido com seus irmãos. Ele sempre foi uma pessoa que gostava de reunir os filhos no final de semana. Era uma festa! Imagina, onze filhos mais os netos e bisnetos. Era uma festa! Muito barulho! Infelizmente ele veio a falecer com 72 anos, mas ele sabia viver a vida! Ele era muito amável, muito doce, respeitava... era músico e fazia muito bem ao próximo, a vida dele foi sempre ajudar ao próximo.

A mãe já era mais fechada, mas também muito acolhedora com os filhos. Sempre ativa, ajudando os filhos, porém, era reservada. Tanto é que depois que meu pai faleceu as coisas ficaram um pouco mais afastadas. Não entendo bem, mas às vezes você tem mais contato assim com uma pessoa amiga do que os próprios irmãos de sangue mesmo. Devido, talvez, pela própria cultura que exige demais de todo mundo. A pessoa tem que correr muito, trabalhar muito para manter a família, uns vão para outra cidade, enfim, enfrentar outros desafios e se torna meio difícil. Mas sempre quando eu encontro agora pela internet - *WhatsApp*, graças a Deus, veio para ajudar bastante - isso está fazendo que a gente ao menos possa trocar um “Bom dia!”, uma “Boa tarde! ”. No grupo de família a gente consegue manter o contato, inclusive

¹⁵ Jair Messias Bolsonaro é um militar reformado e político brasileiro, atualmente filiado ao Partido Liberal (PL). Foi o 38.º presidente do Brasil, de 1.º de janeiro de 2019 a 1.º de janeiro de 2023, tendo sido eleito pelo Partido Social Liberal (PSL). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>.

com esses “parentesciada” de Ribeira. Através das redes sociais nós conseguimos reunir muito o pessoal de lá e isso ajuda e aproxima. É a coisa mais gostosa, porque eu penso sempre assim: se você fez uma infância boa maravilhosa como foi a minha, você nunca esquece as coisas boas, nunca! Você começa a falar nitidamente porque são coisas boas, porque você viveu bem, viveu aquele momento. Ao contrário do que eu vejo nas crianças e nos jovens de hoje. Eu penso assim e falo para meus amigos da nossa idade, que nós vivemos uma época de ouro! Porque a gente brincava na rua aquelas brincadeiras, não se preocupava muito com equipamentos, não! Vivia bem, vivia o presente, sentia bem, era uma época de ouro!

Eu tenho muitos primos e tenho irmãos. Só que meus irmãos, tenho alguns que moram aqui na cidade de Sorocaba e tenho muitos que moram em outras cidades e outros estados. Nós éramos treze irmãos, mas dois já faleceram há muito tempo, ficando onze. Mas eu perdi dois irmãos na questão de cinco anos para cá. Dos onze, somos nove, sendo agora duas mulheres e sete homens.

Depois de 25 anos, devido a muito serviço e atividades, eu tive a oportunidade de participar no aniversário da cidade, que foi no dia 20 de outubro, agora. Eu estive lá nesse final de semana, que foi de quinta-feira até domingo, revendo amigos, parentes, revendo aquele lugar bonito onde nasci. Isso faz um bem na vida da gente, pelo que a gente está passando no momento, depois de uma vida longa.

Hoje estou com 70 anos, então posso dizer que foi uma alegria total. E lá as pessoas são muito acolhedoras. Isso é gratificante, isso nos ajuda, isso é um combustível para se viver bem!

A escola na minha época era maravilhosa! Eu entrei com 8 anos. Sempre fui e gostei das escolas que passei, inclusive lá no Ribeira mesmo.

A mudança para Sorocaba ocorreu porque meu pai trabalhava no IBGE, na estatística, e como funcionário público federal ele fazia muita transferência, então nos transferimos de lá de Ribeira para Salto de Pirapora e de Salto de Pirapora nós viemos para cá. Eu era bem pequeno quando vim para cá. Minha mãe era do lar. Na verdade, boa parte da minha vida vivi em Sorocaba. Eu vim ainda novo de Salto, ficamos alguns anos lá e depois viemos para cá. Então, Sorocaba é, para mim, praticamente uma cidade que, depois de Ribeira que é minha cidade natal, eu conto como a cidade que eu me desenvolvi.

Depois meu pai, em 1964, eu passei a ficar um ano lá em Ribeira e meu primo veio para cá e ficou aqui. Houve aquela mudança de governo, naquela época, o exército tinha que ficar nas divisas dos estados e, como eu estava lá em Ribeira já fazia quase um ano, aí ele foi me buscar, ficou com medo e preocupado. Acho que se ele não fosse me buscar eu estaria até hoje

lá, mas tudo bem, tudo é válido. Vim para cá e desenvolvi tudo e aí mudou em virtude disso aí.

A minha filha foi para os Estados Unidos por causa de um problema governamental, olha bem como são as coisas, foi no governo Dilma, houve a mudança. A minha esposa sofreu muito com isso. Ela não queria, porque nossa família era unida e quando se tem uma família unida é difícil essa separação, apesar de eu sempre falar para ela: “Eles são jovens, eles têm que procurar o melhor para eles e para a família deles”. Está muito certo e sempre os apoiava, mas a minha esposa sempre sentia aquela falta do neto pequeno, queria estar junto. Ela sofreu com isso. Não sei, não podemos dizer que isso aí faz parte também do que ocorreu ou não, mas sempre machuca, contribui. Então uma medida governamental afeta demais as pessoas. Então esses políticos deveriam pensar um pouquinho que a cada ato que eles fazem, a cada coisa que eles desenvolvem está afetando muitas pessoas, mas não, eles entram lá e pensam só neles e estão preocupados com ninguém. Então é isso.

Eu me lembro muito bem, casei em 1980 e até 1990, trabalhava no Clube Recreativo, na parte administrativa, mas antes do clube eu trabalhava em outros estabelecimentos comerciais, mas sempre em contabilidade. Comecei na verdade como auxiliar, mas fui mesmo atuar com responsabilidade, assinando, depois dos 18 anos, que me formei e fui fazendo os cursos superiores e tal. Estou falando desse 1980, pelo seguinte, porque até então, eu trabalhava sempre como empregado, com vínculo, então sempre tinha aquele perigo, porque é uma instabilidade. Porque quando você trabalha num lugar fechado como funcionário, quando vem aqueles rumores: “ah, vai haver corte, vai fazer isso”, você fica impressionado. Então ficava com aquele medo, aquela preocupação. No entanto, em 1980, quando estava para me casar, falei: “Vou sair dessa vida, de ser funcionário com vínculo empregatício e vou atuar como profissional liberal.” Em 1980, montei meu escritório e casei. Já pensou, casar e entrar numa vida assim, para trabalhar por conta própria? É uma coisa... Daí montei meu escritório, graças a Deus! Tivemos muitas dificuldades. Na verdade, é o que eu penso, a minha vida toda lutei muito para conseguir o que eu consegui hoje. Não sou rico, mas tudo o que tenho eu vivo bem. Então o que fica é isso, porque a minha esposa sempre foi esposa, nas horas difíceis e nas horas boas, ela sempre estava lá. E agora, até comprei um bom carro para que a gente pudesse sair e passear, desfrutar dessas dificuldades todas que nós passamos juntos. No entanto, coitada, já passou sua hora. É lógico que nesse tempo... nós tivemos um tempo, fomos até na casa de minha filha, viajar fora. Viagem para o exterior jamais poderia pensar, que é muito caro, não conseguiria dar isso para ela ainda, saíamos muito pouco. Gostaríamos de desfrutar mais e ela morreu cedo. E é isso que a gente sente, porque você batalha, batalha nesse país, que exige da

gente, dessa batalha, dessa luta, desse trabalho, para poder dar estudo para os filhos, estudo tão caro, é difícil, coisa que não deveria existir. E quando você consegue, aí se sente sozinho, então é uma pena, é isso que a gente sente. Gostaria que ela estivesse comigo desfrutando dessa vida gostosa, que ela estivesse aqui. Eu vejo o pessoal tudo com sua esposa desfrutando, dançando, cantando e se divertindo, isso é uma maravilha, mas infelizmente é a vida. Mas Deus acolheu ela e está cuidando dela e é assim que a gente se sente bem.

Eu tento ficar muito ocupado, a gente vai se acostumando em viver, porque na verdade a gente era muito junto, então você sente aquele vazio a todo instante, mesmo que você se ocupe da melhor forma possível no trabalho, com um relacionamento, bate-papo e tal. Mas é difícil, porque ela era presente em tudo. Quando eu passei a trabalhar em casa, foi que comecei a viver mais próximo dela, então ela é minha esposa, minha secretária, minha amiga, confidente! A gente não ligava muito para as redes sociais, a gente conversava com a minha filha lá pelas redes sociais, que era muito bom o *WhatsApp*¹⁶, *Facebook*¹⁷, mas só em família. Eu e ela preferíamos sempre conversar olho no olho, conversar, trocar insinuações, isso é vida, porque esse aparelhinho não tem coração, uma palavrinha a mais que você coloque aqui é meio complicado, as pessoas não entendem bem e de repente você... Por isso sou um pouco preocupado com isso aqui. Tem pessoas que dizem: "Nossa, isso é um perigo". Tanto que ele aproxima, quanto ele distancia, afasta, isso não tem coração! E muita gente está morrendo por causa disso também. Hoje você vai num restaurante ou qualquer lugar que vá, você vê aquela família que não está conversando no olho, todos estão preocupados com o aparelho, infelizmente.

Tenho saído de casa, tanto é que na verdade na pandemia, dois anos, foi um teste muito difícil para mim, porque minha esposa veio a falecer dentro de casa mesmo. Então tive que achar uma forma de driblar essa situação. Fiquei em casa sozinho, sozinho. Na verdade, ela (filha dos Estados Unidos) até chegou a comprar passagem para mim, porque logo depois do velório da minha esposa era para eu ir para lá, que foi em março de 2020, mas veio a pandemia e as viagens foram se postergando, no fim, acabei viajando em novembro de 2021. Tive que aprender a ficar sozinho.

¹⁶ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>.

¹⁷ Facebook é uma mídia social e rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada. O nome do serviço decorre o nome coloquial para o livro dado aos alunos no início do ano letivo por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos para ajudar os alunos a conhecerem uns aos outros. O Facebook permite que qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos possa se tornar usuário registrado do site. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>.

Eu sempre gostei muito de música. Minha esposa não. Não há mal nisso, às vezes a pessoa ao lado, para quem está aprendendo e para quem está ouvindo é muito difícil, respeitei isso aí dela. Eu tinha um teclado, aí eu guardei o teclado. Depois, nessa pandemia eu achei por bem colocar o teclado lá e comecei pela internet, eu mesmo pela internet, olhando, tentando tocar um pouquinho o teclado, depois o violão, depois houve a abertura dos estabelecimentos, das escolas de música e como estava encontrando uma série de dificuldades para aprender sozinho pela internet, eu fui numa escola, comecei e agora estou aqui com eles (referindo-se ao grupo de violão na Chácara) Não sei muita coisa, mas sempre alguma musiquinha a gente tira. Leitura também, gosto de ler muito. Fui ocupando meu tempo.

A minha aposentadoria se deu em 2012. Desde então, continuo trabalhando porque, primeiro, eu gosto disso que eu faço, pois quando você faz aquilo que gosta você sente prazer. E também por causa do próprio salário da aposentadoria, porque se você perguntar para algum aposentado se está satisfeito com o que ele ganha de aposentadoria, você vai ouvir que a resposta dele é negativa.

Hoje minha aposentadoria é um absurdo, R\$1.800,00 (mil e oitocentos reais) é um absurdo para quem colaborou com o governo, pagou toda a vida. Então, fui obrigado a me mexer para poder sobreviver com uma renda maior. Inclusive foi muito difícil nesse período com minha esposa doente, apesar, com a graça de Deus que me deu sorte de colocar bons profissionais da área médica, porque ela teve muitas quimioterapias.

Tive convênio depois que ela faleceu, não tinha nem possibilidade de comprar, de pagar o convênio para nós. Foi muito difícil. Eu tinha um “conveninho” muito simples, que a gente fala que não é um convênio, porque convênio bom é aquele que você é amparado mesmo, então se não for bom, a gente nem fala que é convênio.

A casa que moro é própria, graças a Deus. O que consegui foi minha casa, comprei meu carro, consegui uma estrutura para poder viver bem tranquilo, porque sofrimento... nossa, foi muito, passou muito, a gente passou muito. Por esse motivo tive bons exemplos para dar para os alunos. Esse negócio de você gastar o dinheiro de plástico que falam, que é o cartão de crédito, é muito perigoso para você e isso aconteceu comigo também. E aí comecei a bater muito nisso, em planejamento familiar na parte contábil, cuidando bem o que gasta, o controle familiar, eu aprendi tudo isso na luta e na minha profissão logicamente, muito ligado.

Ultimamente não tenho andado muito de ônibus, mas eu cheguei a andar muito e gosto muito de fazer caminhadas. Aqui eu venho de carro, inclusive em novembro de 2021 eu fui para lá (Estados Unidos) e acabei vendendo meu carro. Um carro bom que eu tinha, mais novo

inclusive, pensando que, quando eu retornasse, eu viesse aqui e conseguisse comprar outro carro para não ficar parado na garagem. Mas foi um erro que eu fiz, pois quando vim aqui o mercado estava muito difícil nesse comércio de carro, então fiquei um tempinho sem carro, usando Uber e muitas vezes a pé. Eu pegava meu violão e vinha a pé aqui, Depois achava que o Uber fosse me suprir por algum período ficando sem carro, até que acabei comprando um porque esperar o ônibus é uma questão de horário, difícil, a gente que tem uma série de coisas para fazer pra esperar horário de ônibus, Uber também. Uber também não foi bem como a gente imaginava que fosse, enfim, tive que ter um carrinho para eu poder sair.

Olha, essa fase “ser velho”, gostaria de ser velho tendo minha esposa ao meu lado. Eu não estou! Estou sozinho, se eu estou sozinho, eu sempre acho o seguinte: que uma boa conversa, uns bons amigos, boas pessoas ao seu lado, uma convivência alegre, isso ajuda e faz a gente viver e, apesar do velho ter essas dificuldades, restrições que existem, ainda tem muito na questão a fim de você viver financeiramente mais tranquilo. Mas por outro lado, existe essa válvula de escape, que é o caso da Chácara, que tem os amigos que vêm aqui, você se distrai, você conversa bastante, isso faz muito bem. Agora se eu tivesse uma velhice ficando retraído em casa, não sei como seria. É difícil, pelo menos eu sinto assim, muito difícil. A solidão é triste, é muito difícil. Os velhos ficam em casa pensando e parados e à cabeça só vem coisas ruins, aí vem a depressão. Porque eu tive um caso muito próximo de depressão que foi meu irmão. Posso contar?

Esse meu irmão também passou por uma situação como eu. Ele trabalhava por conta própria também, fazia projetos elétricos de alta tensão. Todo o momento que eu ia visitar na casa dele, estava sempre trabalhando, como eu também, sempre trabalhando em casa, lá no computador. Uma pessoa ativa, que ia sempre para São Paulo. Tinha uma parceria com trabalho muito grande aqui na cidade com projetos elétricos de grandes dimensões, de shoppings, essas coisas. De repente, a esposa dele teve um AVC¹⁸ e ficou na cadeira de rodas. Os filhos casados e ele se viu na necessidade de parar de trabalhar de uma vez para cuidar da esposa. Foi o que aconteceu comigo, só que não parei. O dele foi bem antes da minha esposa. Eu falei: “Não posso parar de trabalhar. Eu tenho que cuidar da minha esposa, fazer o máximo perto dela, ajudar no que for possível e também não deixar essa atividade, essa minha ocupação.” Porque a depressão é triste, em dois anos essa depressão levou ele. Ele faleceu, mas a esposa dele,

¹⁸ O Acidente Vascular Cerebral (AVC) acontece quando vasos que levam sangue ao cérebro entopem ou se rompem, provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea. É uma doença que acomete mais os homens e é uma das principais causas de morte, incapacitação e internações em todo o mundo. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/avc#:~:text=O%20Acidente%20Vascular%20Cerebral%20\(AVC,interna%C3%A7%C3%B5es%20em%20todo%20o%20mundo](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/avc#:~:text=O%20Acidente%20Vascular%20Cerebral%20(AVC,interna%C3%A7%C3%B5es%20em%20todo%20o%20mundo). Acesso em 01 de abr. 2023.

graças a Deus, está na cadeira de rodas, mas firme e forte com saúde e ele infelizmente acabou indo. Ele tinha uma saúde muito boa, porque a pessoa que está envolvida na atividade e fazendo coisas, desenvolvendo, mesmo não sendo um trabalho em si, mas uma atividade, ela está ativa, está firme e forte, porque a depressão derruba. Eu tive essa experiência muito próxima da família e isso me superou, isso que me fez e está me fazendo essa fortaleza, essa forma de viver a vida. Então eu brinco, danço, eu danço bastante, em todos os lugares. Vou para igreja, rezo, faço minhas horinhas de oração na igreja, em casa... enfim, vivo, vivo eternamente ocupado...

Sobre os termos “velho, idoso e terceira idade”, todos esses termos. Não sei, acho interessante até uma melhor idade porque eu gosto. Eu vejo pessoas assim da minha idade, apesar de tudo que estão passando, com todas as dificuldades do país que não dá aquela ajuda, mas ainda leve! Eu vejo muitos amigos assim, então, eu acho que isso faz a gente gostar disso.

O termo velho para mim não faço questão, tem pessoas que falam: “- Eu vou tingir o cabelo”, “Vou fazer isso”, mas todo mundo vai passar por isso, é normal. Eu acho tudo normal.

Sobre a minha experiência do velho ser ouvido, seja pela sociedade, família e o Estado. Se você pensar bem e vendo que o ramo que cresceu muito - isso mata a gente - é o ramo de cuidador de idosos, então, pensando nisso, vê que está faltando por parte daqueles que deveriam olhar de uma forma diferente para esses idosos, que não foi o meu caso. As minhas filhas são maravilhosas! Minhas filhas ligam todo dia e me dão atenção.

Vejo minha sogra do jeito que ela está, eu inclusive não posso ver ela, porque se eu for ver, é conflito. Então tudo isso judia, porque vendo ela, eu começo a imaginar ela que ainda tem uma memória boa, 93 anos, firme e forte, teve duas vezes Covid e superou as duas e se vê numa situação que dois filhos poderiam ficar olhando. Não só ela, mas outros exemplos mais, haja vista a Vila dos Velhinhos (referindo a instituições de longa permanência), esses, sim, acho que não está sendo ouvido pela própria família, não está tendo uma atenção especial. O que diz do governo? Ultimamente, por isso que estou contente aqui na chácara, porque se eu comecei a procurar mais isso aí, diante dessa situação que estou vivendo agora, no momento. Porque até antes, vivia eu com minha esposa, andava, fazia, nunca vi de perto essas coisas. Agora estou vendo muito mais de perto. Eu acho que essa administração agora, eu acho que está trabalhando mais (falando do governo municipal), parece que estão desenvolvendo mais essas entidades em si, mas eu falo no sentido em termos, de até mesmo, nos direitos. Até pouco tempo teve a gratuidade de ônibus, de passes, coisas que já deveria ter há muito tempo, mas tem muitas outras coisas como o próprio remédio, o governo tirando do coitado que está na fila, que não tem dinheiro para comprar o remédio e jogando lá naquele orçamento secreto, que vai para aqueles

políticos, que vai só para eleger eles e não tem que justificar. Isso dói! Então você vê quantas pessoas idosas que quando eu levava a minha esposa para fazer quimioterapia, radioterapia lá no hospital, lá no Leonor, você via essas coisas de perto, porque você está vivendo. Então, a partir do momento que comecei a ver aquilo lá, comecei a ver essas coisas, vejo que está faltando nessa área da saúde, ainda está muito devagar e está precisando mexer muito. Precisava porque você vê as pessoas aí, custo de vida altíssimo, nossa Senhora! Então isso é triste! Porque uma pessoa mais jovem pode até superar, mas uma pessoa de idade, já passou, já está cansada e ainda tem que viver esses momentos difíceis, poderia ser melhor. Então eu acho que uma coisa aqui na Chácara que é bonito é o que estão fazendo aqui, pois vai nos ajudar bastante.

Nessa fase da idade o principal desafio mesmo é justamente você obter, porque muitas vezes você tem acesso a alguns divertimentos no sentido de viagens, não digo só vim aqui na Chácara, mas viagens. Que nem aqui na Chácara, tem lá algumas pessoas que fazem parte de excursões, que é uma coisa muito gostosa, mas muitas vezes não pode, por quê? Por causa do orçamento apertado. Eu acredito que se resolvesse um pouco mais nessa questão do orçamento, da renda, da renda! Porque você sabe que o grande erro é por parte do governo. A maioria dos idosos estão endividados com o governo por causa dessa questão do empréstimo consignado, dessas instituições de empréstimos. Hoje tem famílias, tem idosos que têm filhos com 30, 35 anos que vivem na dependência do pai por causa dessas rendas. Vive na casa e coloca até idosos, coitados, que estão enforcados financeiramente por causa de consignados, que é uma coisa que deveria ser revisto também. Parece que no meu tempo você não via muito os jovens, porque lá começaram cedo no trabalho, hoje você vê grande número de pessoas... “- Ah! Eu moro com meus pais”. Tudo bem que alguns separaram, mas estão vivendo, estão trabalhando, mas tem muitos casos que vejo isso aí, a gente tem percebido muito isso aí, então, eu até pensei, conversando com os amigos, que a gente precisava fazer uma ação de ajuda, porque isso aí tem diminuído muito, uma ajuda em termos de alimento, que tem pessoas morrendo de fome, idosos morrendo de fome, isso é triste! Este é o desafio! Desafio de uma renda melhor, de uma vida melhor para que ele possa viver melhor. Porque é gostoso viajar, mas requer também o seu dia a dia, sua alimentação, sempre ter principalmente um remédio. Graças a Deus eu tenho. Porque eu fiz um cateterismo, isso foi até antes de uma viagem que fiz com minha esposa em 2018 (a última dela). Mas, antes, eu tive que cancelar uma viagem para os Estados Unidos, devido não sei se por ser a primeira vez que ia viajar fora do país, depois que minha filha já estava lá, não sei se foi a expectativa tanto de ver a filha, de ver como que ela estava lá, ver meu neto, porque ainda não tinha nascido o outro, então, aí começou me dar umas dores no peito e fui no

cardiologista e fiz um cateterismo e aí ele me proibiu 15 dias da viagem, porque eu estava e estou com 40% da veia e estou cuidando. Tomo meu remedinho, vou ao cardiologista constantemente, tomo remedinho e tenho uma disposição muito boa, sabe. Eu ando bem, não sinto nada, não posso deixar de tomar remédio, remedinho constante. Mas, foi um susto que eu tive que cancelar a viagem. Então, eu Graças a Deus não tenho dificuldade de comprar o remédio, para mim tranquilo, mas para muitos coitadinhos que não tem e que precisam, por isso que eu pego muito nesse lado financeiro da coisa.

O que o envelhecimento trouxe para mim, na minha vida, foi justamente o meu primeiro neto, que morava aqui em Sorocaba. A gente chega a cuidar mais do neto do que da própria filha, porque no filho você tem que trabalhar muito, você tem que correr muito para ganhar a vida e não tinha muito tempo para brincar com eles. Então eu acho que minha esposa sofreu muito por causa disso, porque quando minha filha morava pertinho de casa, tanto é que ela era muito dependente de nós, tínhamos uma preocupação muito grande com ela de quando ela foi morar nos Estados Unidos, era dependente de nós em tudo, no sentido de pai e mãe toda hora. Qualquer coisinha era com o pai e com a mãe e a gente vivia aquele momento. Então a velhice da gente é poder cuidar melhor, vivendo com a família. Isso é gostoso da velhice, é poder, depois de tudo que passou, estar junto com eles e infelizmente... nossa família era muito unida, se reunia muito aos finais de semana em casa. Com essa viagem dela para lá, as coisas ficaram um pouco mais difíceis. Eu penso assim a velhice, nesse sentido, de viver bem a família, estar curtindo, porque já passou por aquilo, já viveu e agora é só observando, ajudando e orientando.

Graças a Deus eu tenho ótima relação com a família e recebo apoio. A única coisa de bom que eu falo que esses aparelhos de redes sociais trouxeram e é muito positivo e muito bom, porque aproxima, toda a hora a gente está se vendo, está se falando, isso é muito importante.

Sobre conhecer os direitos das pessoas idosas, ainda tem muita coisa que não sei, deve ter muitas coisas que preciso ainda me inteirar, não sei se por causa da minha própria atividade, que exige muito da gente, então se vive muito em cima disso e o tempo acaba se esgotando. Por isso eu queria ter uma vida um pouco mais tranquila financeiramente para poder parar um pouco e desacelerar dessa minha atividade (profissional) e começar e ver bem mais o que poderia, porque assim, eu posso exigir mais também, porque é um desrespeito muito grande, as pessoas passam por cima de muitas coisas. É a mesma coisa quando existe a questão financeira. Eu até conversei com o prefeito quando estive em um evento. É caro você ir assistir um show. Eu acho que a pessoa idosa teria o direito, mas não divulgam muito, procuram não divulgar muito porque eles já tem a estatísticas de idosos grande e de repente, entendeu? Apesar que, observando este

último evento que a prefeitura fez (evento de aniversário da cidade), o Manga¹⁹ foi, dos prefeitos, o melhor em termos de cuidar dessa parte do idoso, mas também das pessoas deficientes. Mas, tem muitos eventos aí que você tem que chegar e falar “- Eu sou idoso, eu posso entrar!” Coisas que não deveria ser assim, porque se existe a lei, o idoso tem entrada, a não ser que esteja enganado, mas esse é um dos aspectos. E outras coisas mais. A própria repartição pública, às vezes, como a Receita Federal, você vai lá, que é difícil o atendimento e lá não respeitam o idoso, lá você pega uma senha e é um absurdo. São essas coisinhas do dia a dia que você vê o desrespeito que existe. Tem a lei, mas preciso me aprofundar mais nisso aí. Somos muitos desrespeitados nesses quesitos.

Para acessar os direitos, tenho que fazer valer, porque ainda quando me vejo numa situação em que percebo que estou sendo desrespeitado, eu vou em frente, procuro falar com a pessoa primeiro, eu faço uma encrenca! Não uma encrenca, mas as pessoas levam para esse lado, como é o caso da política, eu não converso, pois algumas pessoas não dão para conversar, porque quando passamos por uma situação que a pessoa prometeu tanto e não fez nada, para que dar uma nova chance para um cara desses? Tem que entender que aquilo foi difícil, passou por momentos difíceis e criou certas situações difíceis para você, que você sofreu. Que nem a política, não dá para discutir. O certo seria dialogar para que cada um pudesse trocar informação para chegar a um denominador comum acertado, mas não existe isso. A minha esposa mesmo não aparentava idade, então às vezes a gente ia para fila do idoso e fazer valer o direito, mas muitas vezes tinha que mostrar a identidade dela, é errado isso aí. Mas eu não, vou atrás, converso e falo, mas preciso aprender mais dos direitos, pois devem ter muitos por aí.

Quanto à garantia dos direitos pelo Estado e sociedade, vejo que não garantem. Acho que o Estado tem muito que passar para o idoso, muito mesmo e por questões políticas, como o salário mesmo que já comentei. O idoso precisa de muitas coisas, dar mais condições, tem muitas coisas que o ente público deveria ver. Como é agora, ainda que melhorou para os deficientes o acesso, houve boa melhora, que até então era muito difícil. Isso só fui observar também quando minha esposa teve que ficar numa cadeira de rodas, eu percebi as dificuldades que eu tinha quando queria levar ela, porque foram dois anos, que é muito tempo, levando ela para lá e para cá e vi o quanto um deficiente físico sofre diante do descaso público.

Sobre conhecer os serviços públicos que atendem as pessoas idosas daqui de Sorocaba, comecei a frequentar aqui. O Clube do Idoso ainda não conheço. Desconhecia tanta coisa boa

¹⁹ Rodrigo Maganhato, mais conhecido como Rodrigo Manga: Prefeito da cidade de Sorocaba (2021-2024).

que eles têm para o idoso. O Sesc mesmo, que já fui sócio antes de me aposentar, como trabalhei grande parte da minha vida como profissional liberal, autônomo. Como trabalhei na área comercial, contábil, como fui até professor de escolas particulares dentro da minha área e depois passei a vender *Softwares*, tinha vínculo empregatício, mas não larguei minhas atividades normais como autônomo. Mas naquela empresa que trabalhava com vínculo, eu tinha direito ao Sesc, eu frequentava e gostava muito de lá, ia na piscina e tal. De repente eles cortaram, porque a empresa deixou de recolher o Sesc. Daí tive que brigar, pois enquanto trabalhava (e me aposentei) lá, é um direito adquirido. Depois o que aconteceu com a empresa que aposentei, já me deram a carteirinha e agora vem me tirar a carteirinha de sócio, porque a empresa muitos anos depois deixou de contribuir. É um erro, é tirar uma coisa do idoso, porque eu me aposentei! Mas diante disso, de conversar com eles, me concederam uma carteirinha, não com um status como era, mas me dá a possibilidade de ir lá... é o que a gente pode fazer, pois não posso comprar uma revista “Veja”, uma revista “Isto É” para ler, pois é muito caro, então vou lá, eu tive que brigar por isso! Daí eu falei: “- Precisa rever os outros também que estão na mesma situação, vocês não deveriam fazer isso!” Tudo isso por causa do financeiro.

A política de Assistência Social eu não conheço! Mas vou falar uma coisa, minha esposa precisou do “Médico da Família” e eu só tenho sempre que elogiar essa equipe que trabalhava na época da minha esposa, dois anos eles me atenderam muito bem. Então, nesse aspecto de atendimento próximo, acho que deve existir ainda. Se a prefeitura continuar com esse trabalho, é um trabalho bonito, só tenho a elogiar. Minha esposa era muito bem assistida, mas muitas pessoas nem sabiam e eu divulgava, pois lá ajudam com fraldas, que minha esposa precisava. Apesar que as filhas ajudavam muito, mas o que eles podiam, ajudavam. Dessa parte da saúde por parte do governo dou nota 10!

Participo da Chácara do Idoso há quatro meses. Descobri por iniciativa própria, depois que voltei da casa da minha filha dos Estados Unidos onde fiquei seis meses. Foi um negócio bom. Aqui a gente tem uma fase que tem umas amizades anteriores, firme e forte, amizades construídas pela essência e não pelo ego. Ego tem apenas 3%, de coração e a essência 97%. Então, essas amizades anteriores de essência, amizade raiz, boa, mas que todos estão ocupados também, com esposas, nem sempre dá para estar atendendo você para conversar. Então senti que agora para criar um leque de amizades através deste aparelho (celular) é complicado, foi muito difícil e eu precisei usar esse aparelho para aumentar o leque de amizades. Eu achava que precisava ter essa vazão sabe, ter amigos, conversar, porque sou falador, já está percebendo. Precisava sair e aqui eu encontrei! É isso! Encontrei essa amizade e me fez muito

bem. É uma pena que ainda estou envolvido com essas minhas atividades de trabalho, mas seria tão bom se não tivesse, pois hoje venho duas vezes na semana, por conta do trabalho. Aqui eu participo das atividades no grupo de violão e coral, por enquanto, às terças e quintas-feiras de manhã. Hoje vim a tarde para conhecer a atividade de karaokê e participar da entrevista, que é muito bom também. Eu não sei, mas, quando a gente se encontra com pessoas como encontrei aqui, pareceu uma amizade, não sei se por conta da idade, a gente passou também por esses momentos. Parece que você já conhece há muito tempo. Agora, vai se relacionar com outras pessoas? Sei lá, não vou generalizar, mas a gente já não se sente bem. O serviço da Chácara é importantíssimo para mim, é importante que tenha cada vez mais e que tenha sempre profissionais como estes que estão aqui. Não conheço os profissionais de outros lugares. Quando chego aqui converso com todos, todos eles têm sua parcela de muita importância aqui. A Chácara é muito importante também, porque ela não me onera em nada, eles só dão o bem. Porque se tivesse que pagar uma contribuição aqui até tudo bem, pois vai pagar uma aula de violão ou de teclado, são duzentos reais, quatro aulas no mês! Aqui você está tendo uma aula que você vem, são voluntários e são pessoas que estão doando aquele momento gostoso, parece que sai até melhor do que se estivesse pagando, porque quando você está pagando já é meio comercial as coisas, agora aqui não, aqui é coisa de dentro, aquela coisa gostosa é até difícil de dizer, é uma sensação boa!

A Chácara garante os direitos sim, poxa que la vida! Talvez, eu não conheci antes, eu acho que já existia, mas está funcionando mais de um tempo para cá. Acho que o prefeito investiu mais, sei lá. Como eu vivia com minha esposa e a gente vivia juntos, não percebia muito, mas como estou usando e usufruindo, eu vejo que é muito essencial, muito bacana nesse aspecto. Mas tem muitas coisas que estou tentando lembrar que eles podiam fazer para os idosos, fazer eventos e divulgar mais. O motivo que me fez buscar a Chácara foi depois de ter ficado viúvo e por sentir essa falta de gente, porque olha bem o meu casamento, foi um casamento muito bem feito, a gente conversava muito, vivia muito bem, era o mundo nosso. Vivia eu, ela e a família, a gente saía, mas ela era meio caseira, não saía muito, mas a gente vivia bem, isso que era importante.

Os maiores benefícios que a Chácara propicia. Olha, bem, parece que não, mas está vendo (mostrou as mãos e rosto)? Aqui é o vitiligo²⁰. Isso aqui começou um pouquinho antes, com 25 anos, tinha uma pequena mancha. A vida foi indo, mas depois estagnou. Cheguei comprar um produto em Cuba, porque eu era jovem, depois nem tanto, porque isso é só

²⁰ doença dermatológica

estético, mas tem muitas pessoas que não entendem isso e como trabalhava na área comercial e tinha uns contatos maiores com as pessoas, eu sofri um pouquinho isso aí. Então, agora, aonde quero chegar por conta disso? Isso tudo é um sistema nervoso. Ela se propagou um pouquinho mais depois do falecimento da minha esposa. É isso, o sistema nervoso ataca a gente e quando temos um escape como este, isso já nos ajuda bem, então me faz bem. Acho que agora vais se estabilizar, pois estou me sentindo bem com o pessoal aqui, num relacionamento, em contato. Apesar de que lá nos Estados Unidos, a gastronomia é muito bacon, é muito prejudicial, gordura. Como fiquei seis meses lá fez com que se propagasse mais, é uma coisa dermatológica e também não me preocupo muito com isso, mas tudo é você estar bem. Se sentir bem no local, pois o sistema nervoso é o centro de tudo.

Eu me sinto protagonista da minha vida. Eu me sinto, sabe, poxa que la vida! Sei lá, eu acho que estou aprendendo mais coisas. Isso me valoriza, estou me sentindo: “- Poxa que la vida!” É difícil viver uma vida em que você acha bonito, mas você não faz, você não participa, não procura participar. Então como estou participando e estou vendo a minha evolução, poxa que la vida! Porque a primeira coisa que o velho diz é que não sou capaz de fazer isso, e é capaz! Todo mundo é capaz, desde que queira e procure as pessoas certas que estejam ao seu lado, aí você vai. Então me sinto protagonista.

A Chácara ajuda nesse protagonismo. Ajuda muito, muito. Ajuda e muito! Venho na terça-feira e quinta-feira às 9h e acabo saindo ao meio dia. Poxa vida! São tempos, seu eu fosse pagar isso para ter o divertimento, isso eu jamais teria acesso porque ficaria muito caro. Hoje o custo, todo mundo tem seu custo. Se for pagar para uma coisa, para você estar se sentindo bem, aumentar sua autoestima, viver bem, aqui não estou pagando nada e estou conhecendo pessoas maravilhosas, trocando ideias, pessoas estão me trazendo informações e estou passando informações, então isso é muito bom. Isso para mim é brilhante, muito gostoso.

Eu vivo mais o presente só. O futuro não sei, o passado sei que foi muito sofrido e já passou. Sofrido da vida para se viver, não sofrido de família. Eu sei que fico bastante preocupado diante do panorama que estão as coisas nesta eleição, nosso futuro, mas não quero me preocupar com isso, eu quero viver o presente, viver bem, quero cada vez mais ampliar minhas amizades e relacionamentos e se estou me sentindo bem assim, eu quero cada vez mais ampliar isso daí.

Sobre os amigos frequentarem a minha casa, como eu estava nos Estados Unidos e cheguei a pouco tempo e trabalho, tenho minhas atividades sozinho na casa, então, quando vim aqui para a Chácara e esse tempinho gostoso com a turma do violão, estamos pensando em se

reunir. Só que eu, às vezes, sinto em falar que não posso, que tenho um compromisso com o trabalho ainda, mas sei que uma hora vou parar e aí eu vou, porque sei que é gostoso estar vivendo assim: “- Vamos lá na minha casa hoje?” Tanto é que minha casa hoje está grande para mim. Eu estava naquela entre alugar ou vender, aquela decisão, tudo coisas que quando você entra no universo da viuvez tem uma série de coisas que precisa pensar ainda e ver. Então, daqui para frente sou sozinho, mas tenho filhos. Eu tenho que pensar que você não pode errar. Antigamente você errava, mas ainda lutava. Mas, agora, não posso estar errando, errar no sentido de tudo que você construiu, se fizer algo errado, joga tudo para o ar! Então, tem que pensar muito. Às vezes penso em alugar, em vender, mas ao mesmo tempo eu gosto de morar numa casa, pois sempre morei em casa e não sei se vou me adaptar em um apartamento. E se for para um apartamento, e como estou gostando de música, violão e teclado, como vou fazer? Porque hoje em dia as construções de apartamentos não dão... perturba... lá em casa tenho meu laptop aqui, meu teclado lá e meu violão aqui. Então, estou trabalhando aqui, cansei, pego um pouquinho o teclado, um pouquinho do violão e assim vou levando.

Eu fiz uma revisão da aposentadoria, para mim largar essas escritas, que achava que estava na final, mas esse ministro que o Bolsonaro indicou vai segurar por mais não sei quanto tempo, pois tenho esperança de aumentar a aposentadoria, porque daí posso deixar de mexer com o trabalho e vou viver mais tranquilo com minha aposentadoria. Eu posso viver mais tempo nessas coisas que estou gostando e largar do trabalho que é muito cansativo, é gostoso, mas muito cansativo, a preocupação com uma agenda, hoje tem isso, tem aquilo. O governo monta muita coisa, não quero mais ter esse compromisso, quero chegar e falar: “- Vou viajar.” Tenho um irmão que mora em Porto Alegre, quero pegar meu carro e fazer coisas que não fazia. Lá nos Estados Unidos fui em muitos lugares com meu genro, mas lá dá o que o Brasil não dá: estradas boas, não paga tantos pedágios, não fica muito custo para você passear. Lá se passeia bastante, conheci muito lá. Por isso que eu digo, essa viagem que fiz para minha terra foi uma coisa gostosa, pois peguei o carro e falei: “- Agora eu vou, sozinho, mas eu vou!” E fui. São 300 km, é caro e fui gostoso. Então é isso que quero fazer. Desculpe por falar muito. Minha esposa sempre falava: “- Você fala bastante! ”.

Para finalizar as narrativas, esclareço que a oportunidade de ouvir as experiências dos velhos/as foi significativa para a construção desta dissertação. A partir da escuta foi possível

perceber como estão vivendo, sentindo e pensando este momento da vida. Suas histórias pessoais são importantes contribuições para a velhice enquanto categoria tão complexa, a qual devemos estar atentos.

Precisamos aprender a ser bons ouvintes, pois os velhos/as são narradores que experienciaram e experienciam as transformações nas relações humanas. Na condição de narrador de sua história, suas memórias reveladas se tornam uma fonte inesgotável de experiências constituídas por contradições e rupturas que formam os fragmentos da história de maneira a fazer vir à tona os vestígios do passado.

Dessa maneira, ao se construir um estudo pela história oral sobre a velhice, é preciso ter em mente que os pedaços da história postas nas narrativas dos velhos nos propicia um discurso múltiplo e não linear de conhecimento, fragmentário e inconcluso, como é a história.

3 A EXPERIÊNCIA DA VELHICE E DE SER OUVIDO(A): COMO VIVEM NOSSOS(AS) VELHOS/AS

As experiências reveladas pelos velhos/as por meio da fala colocam como base as vivências cotidianas experimentadas em distintos lugares: como mulheres, homens, sendo professores, técnica em RX, funcionário público, autônomo, mãe, pais, avós, viúvos, amigos, dentre outros, onde cada palavra proferida foi a materialização de uma história vivida e sentida.

A definição de Experiência, debatida por Joan Scott, em seu estudo: A invisibilidade da experiência, trouxe importante contribuição para pensarmos a experiência dos velhos/as:

A experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é algo evidente, nem direto; é sempre contestado e, portanto, sempre político. O estudo da experiência, conseqüentemente, deve trazer a discussão seu status originário na explicação histórica. (SCOTT, 1988, p. 324).

As pessoas que estão experienciando a velhice são de uma geração específica, com características próprias, que vivenciam um processo de envelhecimento próprio. Portanto, através da escuta foi possível acolher os velhos/as visando uma melhor compreensão, bem como trazer à discussão essa fase tão complexa. Como explica Luz (2021, p.43):

Saber ouvir é ter tolerância com o outro. É buscar compreender e respeitar aquilo que está sendo exposto. É ter humildade para conseguir a capacidade de reconhecer os ganhos e avaliar os resultados. Saber ouvir é tão importante quanto saber falar. Saber ouvir traduz sabedoria e é fundamental lembrar e, principalmente, ressaltar a grande diferença de saber ouvir e saber escutar. Quando ouvimos, estamos utilizando nosso aparelho auditivo (ouvido médio, interno e externo). No entanto, quando buscamos escutar, estamos prestando atenção no que está sendo exposto, procurando compreender, perceber, sentir e memorizar, ganhando a capacidade de poder opinar para agregar valor ao diálogo. O saber escutar resulta em exercício. É dar atenção ao exposto, sem julgamento, percebendo também as mensagens não verbais e obtendo o entendimento necessário.

Diante de uma escuta atenta e respeitosa, os velhos/as puderam se expressar e foram ouvidos. Nesse sentido, podemos agora problematizar as diferentes terminologias na construção das identidades de forma a (re)pensar a velhice.

3.1 O USO DAS TERMINOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES: VELHO/A, PESSOA IDOSA E TERCEIRA IDADE

Primeiramente, é importante apontar a diferença entre os termos envelhecimento e velhice. Neste estudo a velhice é vista como resultado do processo de envelhecimento humano, sendo uma fase específica do ciclo de vida (VILIONE, 2016).

Diante da mudança na estrutura demográfica brasileira decorrente, em parte, do aumento da expectativa de vida, aos indivíduos mais velhos da sociedade estão sendo atribuídos novos papéis sociais. Essas mudanças levam à discussão sobre o conceito de velho/a. Da mesma forma, impõe-se o questionamento quanto aos critérios estabelecidos socialmente para determinar a partir de quando um indivíduo passa a ser considerado velho/a.

Para efeito legal, o termo idoso, recentemente foi alterado pela Lei Ordinária 14423/2022 de 22/07/2022 (que altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, conhecida como Estatuto do Idoso). A nova lei substitui as expressões idoso/idosos pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”²¹, tornando-a a denominação oficial no Brasil a todos os indivíduos que tenham 60 anos de idade ou mais. Anteriormente, o termo idoso(a) era o critério adotado para fins de Censo Demográfico, utilizado também pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento, tais como a Política Nacional e o Estatuto da Pessoa Idosa.

A sociedade brasileira carrega diferentes mitos, estereótipos e preconceitos relacionados às pessoas mais velhas, situação essa refletida nas terminologias utilizadas. De acordo com Debert (2011, p.1):

Aposentado, terceira idade e idoso são modos de tratamento das pessoas em etapas mais avançadas da vida que apontam a relação da velhice com diferentes dimensões da experiência social, como o preconceito e a discriminação, a atribuição de *status* e prestígio, a conquista de direitos sociais, a definição de formas adequadas de consumo e a valorização de estilos de vida.

Atualmente são utilizadas diversas terminologias para denominar as pessoas mais velhas. Debert reflete que as expressões como “idoso” ou “terceira idade”, em vez de velho, são utilizadas para evitar ofender ou melindrar nosso interlocutor. (DEBERT, 2011).

²¹ Importante esclarecer que as duas primeiras entrevistas foram realizadas antes da mudança da legislação que modificou a denominação oficial no Brasil a todos os indivíduos que tenham 60 anos de idade ou mais; de “idoso” para “pessoa idosa” e “pessoas idosas”.

Até meados do século XX, o termo velhice não tinha pares e as denominações velho e velhote serviam para designar pessoas com mais ou menos status social. Os significados depreciativos dos termos surgiram junto com o desenvolvimento dos meios de produção capitalista e se incrustaram nas idades avançadas da vida com imagens vinculadas à invalidez para o trabalho (PEIXOTO, 2009).

Imagem 4 – Imagem negativa da Velhice



Fonte: Flickr.com

A velhice retratada através da imagem, é negativa; representa a vivência de momentos de tristeza, solidão, preocupação, abandono, descaso e pobreza. A velhice, a terceira idade e outros recortes etários servem para delimitar fases da vida e conferir identidades aos seus referentes. Estes recortes não são naturais ou inerentes à humanidade, sendo produzidos socialmente através de períodos históricos (DEBERT, 2009).

A partir da segunda metade do século XX, ocorreu uma divisão social e identitária para diferenciar os velhos das camadas médias urbanas dos demais estratos menos favorecidos da população envelhecida. A denominação velho não serviria para designar os indivíduos das camadas médias urbanas que adentravam às aposentadorias a partir da década de 1960:

A partir da década de 60 o termo velho começa a desaparecer da redação dos documentos oficiais franceses, que passam a substituí-lo por 'idoso', menos estereotipado. Ao mesmo tempo, o estilo de vida das camadas médias começa a se disseminar para todas as classes de aposentados, que passam a assimilar as imagens de uma velhice associada à arte do bem viver. Surge o termo 'terceira idade' que torna pública, estabiliza e legitima a nova sensibilidade investida sobre os jovens e respeitados aposentados. (SILVA, 2008, p. 162).

Segundo Correa (2008), o aparecimento da expressão terceira idade denota o processamento de um recorte na representação da velhice para diferenciar um segmento da população mais velha considerado ainda capacitado para uma vida ativa. A terceira idade passa a ser propagada como uma expressão que designa uma fase da vida produtiva e, sobretudo, inserida no mercado de consumidores: uma figuração da velhice com novas funções e revitalizada em espaços sociais estreitamente ligados à produção e ao consumo.

Os estudos de Debert (2011, p.1), também são esclarecedores sobre a criação da chamada terceira idade:

A expressão “Terceira Idade” surge na década de 1970, quando foi criada na França a primeira Universidade para a Terceira Idade, sinalizando mudanças no significado da velhice. Trata-se, agora, de celebrar a velhice como um momento privilegiado para o lazer e para as atividades livres dos constrangimentos da vida profissional e familiar: daí a ideia da “melhor idade”. A invenção da terceira idade indicaria, assim, uma experiência inusitada de envelhecimento, em que o prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas ofereceria aos mais velhos a oportunidade de dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de realização e satisfação pessoal próprias a essa etapa. A velhice, assim, perde a conotação negativa de perda de *status* social e ganha o caráter positivo de etapa privilegiada pela garantia de um rendimento mensal, a aposentadoria – tanto em países de capitalismo avançado quanto em países como Brasil – e pelas novas experiências próprias a esse momento do curso da vida.

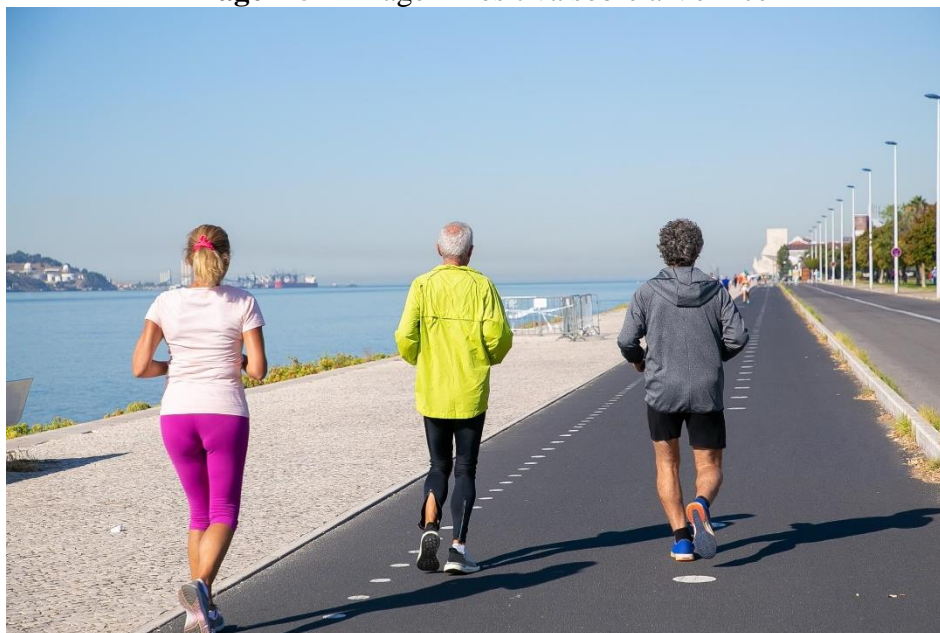
Diferentemente da velhice, a terceira idade foi caracterizada pelas realizações pessoais, ganhando um caráter positivo voltado ao lazer, de prolongamento da vida, bem como a garantia de rendimento mensal. Também ocorreu um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados encarregados de definir e atender as necessidades dos mais velhos, que são representados como vítimas da marginalização e da solidão. Uma nova linguagem, empenhada em alocar o tempo dos aposentados, é ativada na construção das etapas mais avançadas da vida como uma fase dinâmica em oposição à ideia da aposentadoria como um momento de desengajamento passivo de uma vida ativa (DEBERT, 2011).

No Brasil, Haddad (1986), aponta que no final dos anos de 1960, foi inaugurado um novo paradigma de serviços à velhice que seria um importante propagador das noções de terceira idade, inicialmente promovido pelo Serviço Social do Comércio (SESC) e, posteriormente, na década de 1990, pelas Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIs).

O sucesso dessas iniciativas é proporcional à precariedade dos mecanismos de que dispomos para lidar com a velhice avançada. A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido

como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. (DEBERT, 2011).

Imagem 5 – Imagem Positiva sobre a Velhice



Fonte: Freepik.com

Marcada por certa visão romântica, identificada com a imagem de velhos/as felizes, saudáveis, satisfeitos, dispendo de vigor físico semelhante ao da juventude, em condições econômicas favoráveis. Essas imagens veiculadas nos meios de comunicação refletem a realidade de uma pequena parcela de velhos/as na sociedade. Nessa direção é fundamental trazer o conceito de Reprivatização da velhice utilizado por Debert (2004, p. 21), que define:

[...] a juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequados. Isso caracteriza a chamada reprivatização da velhice.

Os problemas são dissolvidos nas novas representações da terceira idade e o envelhecimento é reprivatizado, fechando-se o espaço para situações de abandono e dependência na medida em que os mais velhos se tornam protagonistas de experiências inovadoras e bem-sucedidas e as perdas próprias do envelhecimento passam a ser vistas como maus resultados de suas escolhas quanto aos estilos de vida e consumo adotados (DEBERT, 2011).

Ou seja, as formas de racionalidade política do neoliberalismo trouxeram profundas transformações nos sentidos sociais do envelhecimento e impulsionaram visões idealizadas, operando como um processo em que os indivíduos podem e devem administrar a própria vida, do envelhecimento com responsabilidade, sendo importante que as pessoas envelhecidas se mantenham ativas.

Segundo Debert (2004), estes sujeitos tendem a ter maior disponibilidade financeira para o consumo e, assim, tornam-se parte de um grupo privilegiado dentro do sistema econômico que cria uma categoria de classificação social inserido entre a produtividade da idade adulta e a senilidade propriamente dita, a partir dos 60 anos. Dessa forma, desvincula-se a ideia de velhice representada pelo enfoque da doença e improdutividade. Com isto, surge um novo mercado de consumo para atender às novas demandas do mercado de envelhecimento, que vem se transformando cada vez mais em um problema social de responsabilidade individual.

Neste aspecto devemos refletir sobre as representações da terceira idade de produzir uma imagem positiva do envelhecimento, como se todas as pessoas pudessem desfrutar desta experiência de envelhecer, bem como dos produtos e serviços ofertados a este nicho. Conforme Matos (2012, p.5):

A nova realidade demográfica do Brasil leva à criação de um grupo denominado Terceira Idade, caracterizado por produzir uma imagem positiva do envelhecimento. Pesquisas sobre idosos mostram, também, que espaços estão sendo criados e ocupados rapidamente pela população de meia idade para que novas experiências de envelhecimento possam ser vividas coletivamente. Exemplos disto é a criação de instituições como Universidades da Terceira Idade, spas, grupos de dança de salão, viagens turísticas, grupos recreativos, academias de educação física, de pilates e de hidroginástica, lojas de roupas e de cosméticos, espaços de saúde e beleza, programas e revistas especializadas na mídia voltadas para este segmento que já se encontram no mercado para atender a esse público específico. Entretanto, tratar a velhice no Brasil não é tarefa fácil.

O envelhecimento ativo proposto e propagado pela terceira idade impulsiona o mercado no que diz respeito às formas de envelhecer bem; e para atingir este objetivo é necessário uma mudança no estilo de vida que implica não apenas disposição para se entregar a atividades como cuidados com o corpo, tratamentos de rejuvenescimento com cosméticos, ginástica e viagens, mas também uma disponibilidade financeira para arcar com tudo isto.

O imaginário social sobre as terminologias velho/terceira idade e pessoa idosa se instituem a partir das representações estabelecidas sob duas perspectivas. Uma delas está associada àquelas na qual o ser velho/a é um indivíduo infantilizado que vai perdendo sua

autonomia na medida em que se aproxima da velhice. Outra perspectiva se edifica na máxima de que é preciso envelhecer bem, com a possibilidade de consumir saúde e juventude que propiciam qualidade de vida e passa a representar o sucesso no envelhecimento.

Frente a contextualização das terminologias, buscou-se conhecer a concepção através das experiências dos participantes sobre as terminologias velho, idoso e terceira idade e as suas preferências quanto à denominação, foram evidenciadas as seguintes colocações:

Tem alguns que incomoda, tipo assim “Ah, sua velha! Já parece mais tom pejorativo né, tipo assim, faltando com o respeito pela pessoa né. Já assim, a melhor idade soa mais suave, né? Idoso, eu acho que não sou idosa, eu acho que ainda tenho virilidade para caminhar ainda assim sozinha, apesar de que os olhares dos outros recrimina, tipo assim, uma calça, roupa que você acha bonita, mas não dá mais, pois você se sente, a pessoa fica te olhando com um olhar meio crítico, eu percebo isso. (Belezinha).

Eu acho que velho é aquela pessoa que não sai, não vai a lugar nenhum, que não conversa. O idoso, é devido ao desgaste da vida já, agora o velho, eu pelo menos, não me sinto velho, mas me sinto gasto já. Eu prefiro ser chamado de idoso. (Cruz).

[...] eu acho que as duas coisas são válidas (velho e idoso), veja bem, se você está em um grupo com um pouquinho mais de visão, ele vai falar idoso, e não magoa ele...mas o coitadinho sofrido, do interior, lá do sítio, ele só entende quando falar velho, eu digo isso porque eu nasci no mato, me criei no mato e sei como foi minha vida e aí, depois de 15 anos e falei, vou voltar onde meu umbigo foi enterrado, em Piramboia, nasci lá, próximo a Conchas. (Iolanda).

Olha, sobre os termos velho, idoso e terceira idade, todos esses termos não sei, acho interessante até uma melhor idade... porque eu gosto, eu vejo pessoas assim da minha idade, apesar de tudo que está passando, com todas as dificuldades do país e não dá aquela ajuda, mas ainda leve! Eu vejo muitos amigos assim, então eu acho que isso faz a gente gostar disso né, [...]

O termo velho para mim não faço questão, tem pessoas que falam “Eu vou tingir o cabelo”, “Vou fazer isso,” mas todo mundo vai passar por isso, é normal, eu acho tudo normal (Zenon).

A fala da Belezinha demonstra sentimento de incômodo e desrespeito com a terminologia velho. Já Cruz associa com a finalização de uma etapa, demonstrando que o termo velho está voltado para a pessoa que está “paralisada, que não produz, não dialoga”. Percebe-se também uma certa negação da velhice que é apresentada pela não identificação em estar/ser velho.

Uma possível explicação encontra-se no campo cultural, pois segundo Rodrigues e Soares (2006, p. 3), “O tratamento dispensado à velhice dependerá dos valores e da cultura de cada sociedade em particular, a partir dos quais ela construirá sua visão dessa última etapa da vida”. Ou seja, no imaginário social o velho está associado a perdas e improdutividade.

Iolanda atrelou o uso da terminologia idoso e velho às questões voltadas ao grau de instrução da pessoa, sendo que a expressão idoso estaria voltada às pessoas com maior nível de instrução e velho atrelado às pessoas com menor nível instrucional.

Já Zenon, prefere a expressão terceira idade, apesar de não se opor ao uso do termo velho. Importante mencionar que durante a entrevista Zenon utilizou a terminologia velho/a para designar as pessoas acima dos 60 anos de idade.

Deste modo, percebemos que os significados atribuídos pelos entrevistados às palavras velho e idoso transcendem os limites meramente conceituais, uma vez que o entendimento sobre esses termos é construído a partir da vivência cotidiana que se manifestam, sobretudo, por meio da indissociabilidade corpo e cultura. No que diz respeito à expressão terceira idade citada por Belezinha, no seu entender é uma expressão mais sutil. Já Zenon atrela a expressão à leveza da pessoa ao lidar com os problemas.

Portanto, cada um dos entrevistados apresentou um entendimento sobre a melhor forma de denominar essa fase. Entretanto, neste trabalho o uso do termo velho não tem a intenção de desprestigiar ou desqualificar a pessoa mais velha, pois entendemos que a construção ou redefinição dos termos é socialmente produzida. A reflexão proposta é pensar que a substituição do termo velho por outros como idoso ou da terceira idade não modificará por si mesmo os critérios acionados para classificar a velhice, tampouco diminuirá os preconceitos e os estereótipos que necessitam ser superados na construção da identidade dos velhos/as na perspectiva de valorização em nossa sociedade.

3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA (RE)PENSAR A VELHICE NO CONTEMPORÂNEO

[...] quem vive mais em um país onde a vida, bem se sabe, torna-se quase impossível para crescentes parcelas da população? Ou, quem morre mais cedo? Mais uma lacuna nos censos. Entretanto, é um fato que o país possui, ano a ano, mais idosos. É um fato, também, que há idosos nas diferentes camadas, segmentos ou classes sociais, e que os mesmos vivem a velhice de forma diferente. Em outras palavras, o fim da vida é um fenômeno que evidencia a reprodução e ampliação das desigualdades sociais (HADDAD, 2016, p. 9).

A reflexão da professora Eneida Haddad foi escolhida como ponto de partida para (re)pensar a velhice no contemporâneo, principalmente dentro da realidade brasileira, fazendo-se necessário ancorá-la em outros estudos a fim de contribuir para o desvelamento dessa fase da vida tão importante, permeada por desigualdades sociais que fazem com que ela seja vivida

de forma tão diferente, principalmente se considerarmos a classe social a que pertencem esses velhos/as.

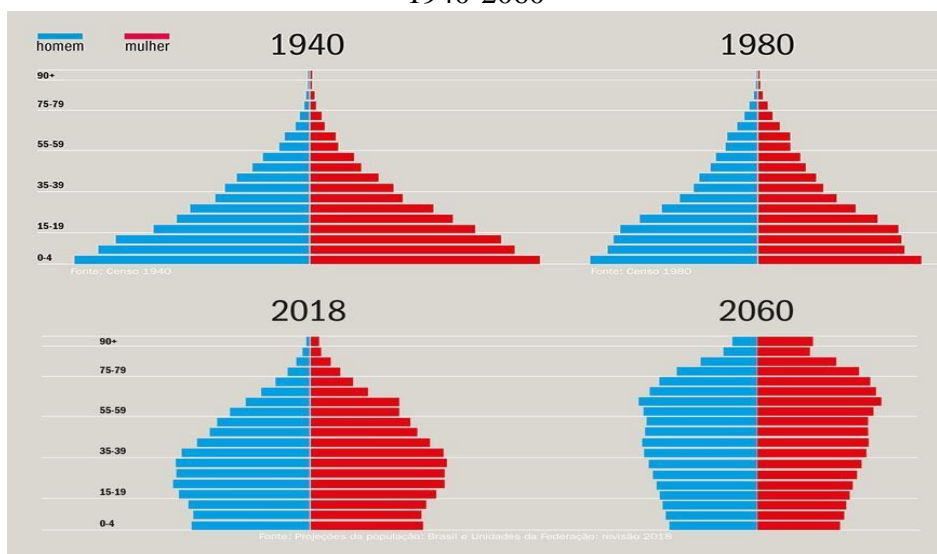
Nas últimas décadas tem-se observado um nítido processo de envelhecimento demográfico. A Organização das Nações Unidas (ONU), em seu relatório de estimativas e projeções *World Population Prospects 2019*, preparado pela Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, aponta que o mundo encontra-se num processo de transição demográfica irreversível que resultará no aumento da população idosa em todos os locais. Os dados da ONU afirmam que em 2050, haverá pela primeira vez mais velhos do que crianças menores de 15 anos.

Ainda segundo o Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC)²², o envelhecimento populacional está prestes a se tornar uma das transformações sociais mais significativas do século XXI, com implicações transversais em todos os setores da sociedade: no mercado laboral e financeiro; na procura de bens e serviços como a habitação, nos transportes e na proteção social, além das estruturas familiares e laços intergeracionais. Estima-se que o número de idosos com 60 anos ou mais, duplique até 2050 e mais do que triplique até 2100, passando de 962 milhões em 2017, para 2,1 bilhões em 2050 e 3,1 bilhões em 2100.

No Brasil, conforme projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), em 2049, haverá mais população idosa do que jovem em razão das efetivas transformações tecnológicas e sociais que aumentam a expectativa de vida populacional, especialmente entre as mulheres, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

²² Dados produzidos pelo Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental em março/2022. Disponível em: <https://unric.org/pt/envelhecimento/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

Figura 3 – Representação gráfica - Brasil: Projeções da população por sexo e idades 1940-2060



Fonte: IBGE. Projeções da população: Brasil e Unidades da Federação: revisão, 2018.

Em razão desse aumento geral da expectativa de vida, em dezembro de 2020 a Assembleia Geral da ONU declarou a Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030), como estratégia para alcançar e apoiar ações de construção de uma sociedade justa para todas as idades.

Diante dos dados apresentados, torna-se visível que a questão do envelhecimento é urgente; porém, quando podemos considerar uma pessoa como idosa no Brasil? Conforme determina o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei 10.741 (2003), em seu Art.1º, “a pessoa idosa é aquela com idade igual ou superior a 60 anos”. Contudo, é preciso refletir sobre a questão cronológica para definição da pessoa envelhecida. De acordo com Teixeira (2006, p.1.104):

O envelhecimento, no entanto, não começa aos 60 anos. Na verdade, estamos envelhecendo desde o momento em que nascemos. Por volta dos 30 anos, vários sistemas no nosso organismo já atingiram o ápice de sua evolução e estão entrando em processo de declínio. A única forma de não envelhecermos é morreremos jovens. Para melhor definir envelhecimento humano, é preciso considerar que este é um fenômeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude de sua existência, modifica o seu relacionamento com o mundo e sua própria história.

Parte-se de uma perspectiva de que o envelhecimento e velhice são compreendidos como fenômenos que, apesar de biologicamente intrínsecos à condição humana, são também partes de processos culturais e históricos que se dão a partir da interdependência de diversos fatores. Com isso, o olhar direcionado à velhice não pode assumir um caráter reducionista de leitura dos prismas cronológico e demográfico, reforçando práticas que distorcem a realidade

ao não considerar os fatores sociais e as trajetórias de vida até a fase da velhice, tão heterogênea e cheia de complexidades.

Nessa direção, faz necessário pensar o processo de envelhecimento e a velhice humana como uma realidade social que perpassa as contradições presentes no interior da sociedade sob a hegemonia do capital, cujos traços são configurados pelas determinações políticas, econômicas e culturais estabelecidas pelo sistema capitalista do qual a base é propriedade privada dos meios de produção e a exploração da força de trabalho (TEIXEIRA, 2008).

Refletir sobre a “problemática social da velhice”²³ não é uma tarefa fácil, visto ser marcada por uma intensa heterogeneidade, ou seja, intercambiada por uma vasta pluralidade de questões que nos impede de analisá-la como um fenômeno alheio aos diversos condicionantes, tais como o de classe²⁴, raça, etnia, gênero, dentre outros inseridos na dinâmica social. Como exemplo, podemos tratar da situação dos velhos/as: negros, indígenas, viúvas, LGBTQIA+, deficientes, imigrantes, pois que são condições determinantes que refletem no modo de vida da população que envelhece.

Vamos exemplificar essa questão pelo recorte racial. A população negra encontra muitos desafios no processo de envelhecer, pois embora mais de 50% da população brasileira seja negra, conforme o levantamento do Censo de 2010, esse recorte demográfico não possui a mesma representação entre os velhos/as, uma vez que as iniquidades sociais afetam as condições de vida dos negros(as) e as formas de envelhecer, impedindo muitas vezes a chegada dessa população aos 60 anos de idade (SILVA, 2018). Silva ainda denuncia o agravamento das condições dos velhos/as:

[...] Tentamos por anos escondê-los como se fossem pequenos alfinetes sem ponta. Tais determinantes criam situações que não possuem apenas o intuito de mostrar as diferenças entre grupos sociais, são marcadores de desigualdades e ocorrem repetida e sistematicamente, gerando trajetórias que nem sempre terão o envelhecimento como linha de chegada para grupos sociais como pretos, pardos e indígenas. Muitas dessas pessoas negras morrerão mais cedo, terão incapacidades funcionais mais cedo, irão residir em regiões sem oportunidades para o envelhecimento ativo, viverão sozinhas não por opção, algumas precisarão esconder sua identidade sexual ou não viver com

²³ Utiliza-se neste contexto o conceito de Teixeira (2008, p. 40), no qual “problemática social” da velhice ou do envelhecimento é nomeada entre aspas, pois não considera que tal processo seja um problema social pelas restrições físicas e de papéis sociais para todos os idosos de uma população. A autora explica ainda que constitui um problema social para determinada classe, destituída de propriedade exceto da sua força de trabalho, considerando-se a vulnerabilidade em massa dessa classe, principalmente quando envelhece e perde o valor de uso para o capital.

²⁴ Teixeira (2020, p. 32) explicita que o critério de classe é aquele capaz de diferenciar o envelhecimento e, ao mesmo tempo, homogeneizar, se não para uma classe inteira, pelo menos para frações de cada classe, os problemas que enfrentam, pela vivência de situações em comum. Ferreira e Fagundes (2021, p. 62), ampliam a discussão, incluindo as dimensões de gênero e raça/etnia para além do desenvolvimento desigual entre classes à análise da questão social.

a pessoa que gosta, enfim, muitas pessoas não farão 60 anos em decorrência desses determinantes sociais! (SILVA, 2019, p. 2).

O racismo direcionado para pessoas negras, tem ocasionado as mais diversas formas de genocídio desse grupo. A localização social e a falta de qualidade de vida, fazem com que esses velhos/as estejam inseridos em uma ambiência de vulnerabilidade e de restrições. Diante dessas reflexões, podemos perceber o quanto o envelhecimento possui um caráter heterogêneo, bem como o percebemos como uma expressão da questão social, uma vez que a inserção da parcela da população idosa no contexto da luta de classes sociais é definida pela posição que o indivíduo ocupa no processo produtivo e, a partir desta, distinguem-se suas condições de envelhecimento.

A questão social²⁵, cuja gênese é o conflito capital-trabalho, possui atualmente muitas expressões, como pobreza, desemprego, violência, discriminação de gênero, raça, etnia e orientação sexual, trabalho precário, dificuldade de acesso à saúde, à educação e ao trabalho, falta de moradia, bem como a violação dos direitos das pessoas idosas. Nessa direção, Iamamoto (2003), aponta que a questão social é indissociável do processo de acumulação e dos efeitos que produzem sobre o conjunto das classes trabalhadoras. Como indica Teixeira (2008, p.41):

[...] constituindo o envelhecimento do trabalhador uma das expressões da questão social na sociedade capitalista, constantemente, reproduzida e ampliada, dado o processo de produção para valorização do capital, em detrimento da produção para satisfazer as necessidades humanas dos que vivem ou viveram da venda da sua força de trabalho.

Paiva (2014), reforça o argumento de que as relações sociais de exploração no modo de produção capitalista determinam as diferenças e desigualdades nesse processo de envelhecer, tanto entre indivíduos quanto entre populações. Segundo o autor,

[...] ninguém é surpreendido pela velhice da noite para o dia. Envelhecer é um processo multidimensional - biológico, psicológico, social e cultural – inerente ao ser humano, iniciado antes da velhice, fase que completa o curso de vida, cuja delimitação não coincide no tempo e no espaço das diferentes sociedades (PAIVA, 2014, p. 186).

²⁵ Questão Social é o nome dado ao “conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista maduro, que tem raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho se torna mais amplamente social, enquanto seus frutos mantêm-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade” (IAMAMOTO, 2003, p.27).

Ou seja, se não somos surpreendidos pela velhice, significa que temos tempo hábil para planejar as mudanças diante da maneira com que tratamos e a percebemos. Mas, para isso, será preciso avançar em relação à efetivação dos direitos das pessoas idosas, bem como pela luta por uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de reduzir as desigualdades sociais.

Contudo, a condição da velhice enquanto uma questão social se agravou nos últimos anos, no contexto da pandemia da Covid-19, acentuando ainda mais as desigualdades sociais econômicas, educacionais, de gênero, etnicorraciais, entre outras (COSTA, 2020). Neste cenário, o capitalismo expôs de forma clara o abismo existente entre as classes sociais.

A população envelhecida foi particularmente afetada pelas cepas iniciais do SARS-Cov 2, transformando-os em grupo de risco. Segundo Camarano (2021, p. 510), “76,6% dos óbitos pela Covid-19, em 2020, ocorreram entre pessoas idosas, o que já levou a uma redução no tempo médio a ser vivido por todos os idosos de 1,9 ano”.

Outro dado relevante apresentado pela PNAD (2020), constatou que um terço dos 68,6 milhões de domicílios brasileiros eram constituídos por ao menos um velho/a totalizando 85% dos velhos/as brasileiros vivendo com outras pessoas; 18,5% trabalhavam e 75% contribuíam com 50% ou mais da renda total do domicílio. Além disso, 26% residiam com famílias que receberam o auxílio emergencial.

Segundo dados da pesquisa Cuida COVID, da Fiocruz (2021)²⁶, 91,7% das pessoas que exerciam cuidados na pandemia eram mulheres, com preponderância de pessoas com 50 anos ou mais nessa função. Além disso, uma em cada cinco familiares cuidadoras era idosa, sendo 51,2% das mulheres cuidadoras não remuneradas e 40% negras, revelando a invisibilidade da velhice feminina num cenário em que a mulher ainda permanece absorvida pelo cuidar, tendo suas necessidades muitas vezes ignoradas.

Outro ponto a se destacar, no que diz respeito ao impacto da pandemia sobre a população envelhecida, se refere ao distanciamento social, medida implementada por governos e autoridades sanitárias, a fim de conter a propagação do vírus. Esse distanciamento refletiu em situação já vivenciada por muitos no processo de envelhecimento, visto que o isolamento se concretizou em situações de abandono, perda de suporte social e esquecimento, primeiramente por familiares, depois pela sociedade e do Estado, face à ausência de políticas

²⁶ A pesquisa Cuida-COVID teve, como objetivo principal, levantar informações sobre o perfil sociodemográfico das pessoas cuidadoras de pessoa idosa em 2020 e mapear o impacto da pandemia de COVID-19 para as suas condições de trabalho e de saúde. Pesquisa completa disponível em: https://www.epsvj.fiocruz.br/sites/default/files/files/Relat%C3%B3rio_CUIDA_COVID_05_10_2021.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

públicas capazes de reverter-se em qualidade de vida e inserção social (SANTANA; LOURAU, 2020).

[...] as desigualdades sociais da sociedade brasileira iluminam o caráter multidimensional das vulnerabilidades que afetam a maioria da população das periferias das metrópoles e das regiões que concentram pobreza: a dificuldade em manter o isolamento social em face da necessidade de buscar renda num contexto de frágil sistema de proteção social; as condições precárias de habitação e de saneamento; o acesso precário a serviços de saúde, as desigualdades raciais, e a baixa escolarização (ALMEIDA, *et al*, 2020, p. 22).

Em meio a tantas mudanças que se impuseram, foi preciso também lidar com a questão da morte e do luto. Dois dos participantes desta pesquisa passaram pela perda de seus companheiros de vida durante a pandemia. Zenon perdeu a esposa em decorrência de um câncer logo no início da pandemia, em março de 2020. Já Iolanda perdeu seu marido para a Covid:

[...] na pandemia, dois anos, foi um teste muito difícil pra mim, porque minha esposa veio a falecer dentro de casa mesmo. Então tive que achar uma forma de driblar essa situação. Fique em casa sozinho, sozinho. Na verdade, ela (filha dos Estados Unidos) até chegou a comprar passagem pra mim porque, logo depois do velório da minha esposa, era pra eu ir pra lá, que foi em março de 2020, mas veio a pandemia e as viagens, foram se postergando, no fim, acabei viajando em novembro de 2021. Tive que aprender a ficar sozinho (Zenon).

O ano que o Pedro morreu, eu fiquei completamente reclusa. Primeiro eu tive Covid, né? Eu tive porque ele morreu de Covid (Iolanda).

Zenon e Iolanda viveram a solidão provocada pelo distanciamento social, enfrentando sozinhos a perda de seus companheiros.

Tomando a velhice é uma realidade incontestável, faz-se imprescindível o reordenamento das agendas governamentais no sentido da adoção de medidas que atendam às necessidades da população idosa. Definimos políticas públicas como “diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado” (TEIXEIRA, 2008, p.02). São políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos, criadas para orientar ações que geralmente envolvem a utilização de recursos públicos.

As pessoas mais velhas se encontram em situação de maior vulnerabilidade, exigindo maior cuidado e o direito prioritário à saúde, assistência social e previdência. Contudo, os direitos dos velhos/as foram desafiados em tempos de pandemia, exigindo da sociedade a luta pela reafirmação e efetivação destes direitos através da ação estatal, que possui o dever de ofertá-los, mediante as políticas públicas, visto que o direito ao envelhecimento digno é um

direito fundamental da pessoa humana. Mesmo sob a proteção legal da Política Nacional e o Estatuto da Pessoa Idosa, além dos tratados internacionais, ainda há muito que caminhar para efetivação dos direitos dos mais vulneráveis.

3.3 A LEMBRANÇA DO TEMPO DE TRABALHO E APOSENTADORIA

Para Ecléa Bosi (1994), uma das funções sociais do velho/a é lembrar e aconselhar, ou seja, reconstruir o passado a partir de um olhar do presente.

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar vem da experiência, sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo (BOSI, 1994, p.91).

O ato de lembrar é fundamental na resignificação da própria vida e do reconhecimento de si. Como nos explica Bosi, a função da memória é o “conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 1994, p. 89). É através dos tempos que os conceitos sobre nós e os fatos pelos quais passamos vão sendo reformulados, considerando-se que a vida é um processo onde cada um de nós é chamado a construir o próprio presente.

[...] se os idosos se inclinam sobre o passado mais que os adultos, não é porque existe nesta idade um mar ascendente de lembranças: eles não possuem mais lembranças de sua infância de que quando eram adultos: porém sentem que, na sociedade, não possuem nada melhor a fazer agora do que utilizar, para reconstituir o passado, todos os meios, dos quais sempre dispuseram, mas que não tiveram nem o tempo, nem o desejo de empregar. (HALBWACHS, 2008, p.639).

Nesse sentido, buscamos através das lembranças dos velhos compreender o tempo trabalho e as características atribuídas a esse universo até a chegada da aposentadoria. As lembranças referentes ao trabalho e a relação com a aposentadoria foram significativas nas narrativas dos velhos. Lembrar o passado e, principalmente, de um passado de trabalho, pode contribuir para o aumento da integridade e da autoestima, em especial quando se trata de velhos/as aposentados.

Assim, os velhos, ao relembrem suas histórias, dão continuidade ao processo de reconstrução do eu e da sociedade através do diálogo com a memória coletiva, preservando o valor do passado para os grupos sociais:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Nesse sentido, a memória individual é elaborada também socialmente, já que vivendo em grupos e organizando-se em sociedade, as pessoas criam laços de convivência, afinidades e memórias comuns, fortalecendo uma identidade coletiva e uma memória social. Por isso, considerou-se fundamental discutir as lembranças sobre o trabalho como uma categoria.

O aspecto central do trabalho como dimensão ontológica é sua caracterização como categoria inerente ao ser social, como atividade que antes de ter um caráter social é uma determinação da espécie humana (LUKÁCS, 2013). Apoiando-se sobre a perspectiva marxista, Lukács confere lugar central ao trabalho como a gênese do ser social:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (apud LUKÁCS, 2013 p. 44).

Neste sentido, Lukács define o trabalho como a determinação do ser social, a característica que diferencia o homem do ser meramente biológico. A categoria trabalho possui um lugar privilegiado no complexo do ser social por estar intrinsecamente ligado à sua gênese. O trabalho é a atividade humana mais primitiva e primordial. Através dele o homem se relaciona com a natureza, transformando-a e transformando a si. Por meio do trabalho o homem interage com outros indivíduos, em busca de atender às suas necessidades, produzindo coisas úteis (LUKÁCS, 2013).

No capitalismo, a potencialidade do trabalho como elemento humanizador é reduzida a um instrumento de geração de riqueza privada. O trabalho, que inicialmente objetiva a condição humana na realidade física e social, passa a relacionar-se com essa realidade como alienação para outrem, cuja consequência é o estranhamento. Ao invés de o trabalho servir para a auto realização plena e livre do ser humano; ao invés de mediar sua própria individualidade e seu gênio criativo, sob o império do capital o trabalho transforma-se justamente no oposto que castra a liberdade e a criatividade do homem, até lhe converter no animal mais inferior, mais bestializado (GARCIA; MOREIRA, 2020).

É possível perceber nas lembranças dos velhos/as entrevistados, que o trabalho favoreceu o desenvolvimento de suas potencialidades, mesmo em meio às dificuldades. O

trabalho propiciou sentimentos que evidenciam a dedicação, satisfação e felicidade, bem como a luta por direitos trabalhistas e sofrimentos diante do preconceito racial, situação em que levava o trabalhador a se esforçar ainda mais para provar sua capacidade.

A narrativa da Belezinha demonstra seu apreço e orgulho pelo trabalho realizado:

[...] fui professora alfabetizadora, gostava muito de crianças. Trabalhar com crianças a gente se sente muito feliz. Sentia muito feliz de pegar uma criança que não sabia nada, não sabia nem pegar no lápis e no final do ano ela já sabia ler... a gente transformava a criança, ajudava... então, eu gostava muito! Fiz o curso de pedagogia e como na época tinha falta de supervisores, então, prepararam uma turma na área de supervisão escolar e administração. A gente não escolhia, era os cursos que tinham na cidade. Daí eu fui para supervisão e já logo fui contratada no concurso do município de Porto Velho (Belezinha).

A experiência da Belezinha, ao lembrar de sua profissão como professora alfabetizadora, evidencia seu orgulho e satisfação frente a transformação de uma criança ao aprender a ler e escrever através de seus ensinamentos e com base na profissão que foi escolhida como uma oportunidade de trabalho dentre as poucas possibilidades de cursos ofertados às mulheres na época em sua cidade natal.

Cruz apresentou uma lembrança traumática de quando iniciou sua vida de trabalho, vivenciou preconceito racial, bem como relatou a superação. Afirmou que até os dias atuais enfrenta as consequências psicológicas, como a fobia de lugares fechados em razão de sua experiência. Trouxe também a lembrança dos seus 18 anos, quando foi levado a sair de Sorocaba devido à obrigatoriedade de alistamento ao serviço militar. Contou sobre sua não adaptação ao exército, que o levou a fugir do quartel e a embarcar sem destino, escondido em um avião no qual permaneceu fechado por horas até pousar em Bogotá. Por este motivo ficou exilado na capital da Colômbia por dois anos. Trabalhou na lavoura de algodão até retornar ao Brasil. Após a liberação do serviço militar, iniciou seus estudos no curso técnico e seu trabalho como metalúrgico em indústria. Falou orgulhosamente sobre sua luta pelos direitos dos operários enquanto participava do sindicato:

Fui bem dizer criado em Sorocaba; aos 18 anos sai para servir o exército, em Itu (SP), fugi de lá logo depois, não me adaptei à rotina... fui parar no aeroporto de Guarulhos, momento em que consegui embarcar escondido em um avião, sem saber o destino... fui parar em Bogotá. Durante a viagem... fiquei dez horas fechado, na carga do avião, até ser encontrado. Não gosto nem de lembrar, pois desde então tenho fobia de lugares fechados. Em Bogotá, na Colômbia, permaneci dois anos trabalhando na lavoura de algodão, até ser deportado. Quando cheguei ao Brasil, fui conduzido ao exército, na base de Osasco. Aos poucos consegui a simpatia do Coronel Benedito Martins, cheguei trabalhar na casa dele, que tempos depois, me liberou de prestar o serviço militar. Cursei o técnico em agrimensura, não exerci está profissão. Fui muito

tempo metalúrgico, trabalhei por dezenove anos. Depois fui trabalhar em serviço público, na prefeitura de São Paulo, durante 26 anos. Fui estudar e comecei a trabalhar como metalúrgico. Lembro dos momentos em que “fui politiqueiro²⁷”. Lutei por direitos que os metalúrgicos não tinham na época e sempre frequentei o sindicato dos metalúrgicos. Sofri muitos preconceitos e perseguições por ser negro, durante o tempo em que trabalhei em indústria... fui perseguido na empresa. Entre três pessoas, você quase que fica de fora... a gente tem que ser bom duas vezes, por causa da cor. Somente melhorou o preconceito quando sai da empresa e comecei a trabalhar na prefeitura de São Paulo, concursado, onde o pessoal era excelente. Na prefeitura de São Paulo, lá fazia cadastro, era serviço de rua, ficava medindo área, tipo topografia, um serviço de engenharia. Quando entrei no concurso da prefeitura, comecei como vigia e fui efetivado... daí me convidaram para trabalhar na engenharia, porque eu já tinha o curso técnico e quebrava o galho em todas as áreas da engenharia. Aí fazia serviço de ajudar o engenheiro na topografia, foi o que fazia lá, cadastros (Cruz).

Também ficou evidenciado o preconceito racial que sofreu ao longo dos anos de trabalho na indústria, somente cessado, em sua percepção, quando assumiu o concurso público na prefeitura de São Paulo. A esse respeito, Santos e Jesus (2009, p.2-3), apontam que:

[...] A estrutura hierárquica do mercado de trabalho, de cima para baixo, privilegiou o homem branco, dificultando o acesso de outros grupos étnicos, fundamentados na ideologia da superioridade de capacidade desses indivíduos, e norteou os sujeitos negros à segregação, contribuindo para legitimar a discriminação racial no mercado de trabalho brasileiro. Ressalta-se que até os dias atuais a discriminação é uma realidade no Brasil, que alimenta as desigualdades de oportunidades entre os grupos raciais.

A distribuição econômica desigual está relacionada ao racismo estrutural e institucional presente na sociedade e instituições brasileiras, decorre do modelo sistema mundo moderno/colonial e do capitalismo. O racismo estrutural se mantém e se atualiza ao longo das décadas, resulta na vulnerabilização e consequente marginalização das pessoas negras no país. Logo, tal população se encontra entre o maior número de desempregados e, quando não, estão ocupando, na maior parte das vezes, trabalhos desprovidos de direitos previdenciários, trabalhistas e precarizados (FAUSTINO, 2020).

Quanto a Iolanda trouxe importantes contribuições sobre o tema trabalho em sua narrativa. Aos 92 anos, lembrou com muita satisfação sua trajetória, principalmente por ser mulher numa época em que havia poucas possibilidades diante das questões de gênero:

Só de técnica de RX eu comecei com 26 anos e fui até os 58 anos. E antes, no hospital eu comecei na cozinha, lavando verduras. E depois eu passei, (isso aqui em Sorocaba, com meus pais moravam aqui), no hospital de Votorantim, a limpar corredores, isso

²⁷ Expressão utilizada por ele para designar sua participação junto ao Sindicato.

foi meu primeiro emprego, eu tinha 15 anos, era registrado. Mas eu fui passando de um trabalho para outro, eu distribuí alimento, eu fui fazendo “degrauzinho por degrauzinho” e a irmã Boa Ventura era muito legal, ela via que eu tinha boa vontade. Daí ela falou: Iolanda saber não ocupa lugar, vai aprendendo tudo que você pode, vai estudar e fazer alguma coisa melhor. Aí eu fui, mudei para São Paulo, na casa de uma tia. E lá no hospital para uma moça que vem do interior, que não tem profissão, é o lugar onde você mais encontra trabalho, na minha opinião, porque sempre precisa pessoal para trabalhar na cozinha, eu comecei lavando verduras, e aí com a Boa Ventura, eu aprendi a pintar, eu aprendi vários trabalhos. [...] em São Paulo, primeiro eu trabalhei em três firmas, as três de plástico. [...] Perto da empresa tinha hospital, aqueles hospitais antigos que tinham residência para empregados e eu fui trabalhar lá. Comecei na mesma na marcha, fui trabalhar na cozinha, para mim controlar as panelas de dietas[...] comecei por aí. Mas a gente vai formando amizades e começou a chamar minha atenção o senhor que trabalhava no laboratório, pois sempre fui muito curiosa e sou até hoje (risos), eu via ele pipetando as coisas [...] Olha eu sei que foi degrau por degrau. Mesmo para eu fazer o colegial era uma dureza. Para fazer o exame tinha que ver onde fazia a inscrição para gente ir, para ir eliminando a matéria que a gente pudesse [...] fui trabalhar num consultório médico, eu fui andarilha, para mim, patrão era dinheiro, então eu não parava. Eu estava trabalhando aqui, se ali oferecia 10 reais a mais, eu ia embora para lá, não queria nem saber, eu precisava do dinheiro para poder estudar [...] comecei a vida de técnico assim, depois entrei no Rio tinha a associação de técnicos, que São Paulo não tinha, uma turminha do Osvaldo Cruz, fundaram uma escolinha, eu fui trabalhar nessa escolinha de RX [...] quando eu saí e me aposentei, eu deixei o técnico de RX com sindicato. Envolvi com o sindicato, pois quando me envolvo com uma coisa, eu vou de cabeça! (Iolanda).

As narrativas de Iolanda e Belezinha mostram o quanto estiveram à frente de seu tempo, desde a entrada no mercado de trabalho, a luta para estudar e a inserção junto ao sindicato (Iolanda). As relações entre os sexos, no Brasil, sempre foram pautadas em construções sociais que distribuem o poder de forma desigual entre homens e mulheres. Segundo Aragão e Kreutz (2010, p.109), “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”. Mas, Iolanda construiu uma trajetória diferente, bem como Belezinha, que numa época árida para as mulheres conseguiram conquistar o espaço público, para além da vida privada, dentro do lar.

Portanto, ficou evidente algumas diferenças diante da questão de gênero, principalmente nas falas da Belezinha e Iolanda frente às poucas oportunidades de cursos ofertados na cidade onde Belezinha escolheu ser professora alfabetizadora, uma tradição feminina. Já Iolanda lembra da luta para conseguir estudar o curso técnico em RX, embora seu primeiro trabalho fosse voltado para o universo feminino.

Zenon elaborou a narrativa sobre sua trajetória profissional desde o momento em que começou a trabalhar no setor administrativo, o ingresso no curso superior e a decisão de trabalhar como autônomo no ano em que se casou. Diante da instabilidade, temendo ser demitido, apontou as dificuldades enfrentadas ao longo da vida para conquistar algumas seguranças que dispõe hoje:

Eu me lembro muito bem, casei em 1980 e até 1990 trabalhava no Clube Recreativo, na parte administrativa, mas antes do clube eu trabalhava em outros estabelecimentos comerciais, mas sempre em contabilidade. Comecei na verdade como auxiliar, mas fui mesmo atuar com responsabilidade, assinando, depois dos 18 anos, que me formei e fui fazendo os cursos superiores e tal. Tô falando desse 1980 pelo seguinte, porque até então, eu trabalhava sempre como empregado, com vínculo, então, sempre tinha aquele perigo, entre quatro paredes, lá fora porque é uma instabilidade, porque quando você trabalha num lugar fechado como funcionário, quando vem aqueles rumores: ah... vai haver corte, vai fazer isso... você fica impressionado. Então ficava com aquele medo, aquela preocupação. No entanto, em 1980 quando estava para me casar, então, falei: vou sair dessa vida, de ser funcionário com vínculo empregatício e vou atuar como profissional liberal. Em 1980, montei meu escritório e casei. Já pensou casar e entrar numa vida assim, pra trabalhar por conta própria? É uma coisa, né? Daí montei meu escritório, graças a Deus! Tivemos muitas dificuldades. Na verdade, é o que eu penso, a minha vida toda lutei muito para conseguir o que eu consegui hoje. Não sou rico, mas tudo o que tenho eu vivo bem. Então o que fica é isso, porque a minha esposa, sempre foi esposa, nas horas difíceis e nas horas boas, ela sempre estava lá [...] (Zenon).

Através das narrativas, percebe-se que os(as) velhos/as, ao longo de sua trajetória, estiveram vinculados ao mercado formal de trabalho, seja como autônomo ou ligados ao serviço público. Dado este vínculo formal, conseguiram alcançar a aposentadoria por meio da contribuição previdenciária.

O trabalho seguiu como meio de sobrevivência na vida de cada um. Foi recorrente a menção à importância do trabalho na vida dessas pessoas, com significados múltiplos e que não se reduzem a uma relação meramente mercantil, de troca de mão-de-obra por salário. O ato de trabalhar é investido de outros significados que fazem parte do campo da satisfação pessoal e do desejo de se sentir útil.

A aposentadoria na vida do velho/a pode ser considerada um espaço de reafirmação de seu lugar na sociedade. Ou seja, o fato de receber um salário e tentar suprir minimamente o seu sustento, faz com que este se mantenha integrado ao seu meio social e à sua família.

Partimos do entendimento da aposentadoria como um direito e como um processo que não pode ser dissociado do contexto geral da sociedade, pois a complexidade da realidade na qual está inserido o trabalhador em processo de aposentadoria incide sobre suas percepções, bem-estar e dos modos de ser e ver a realidade. (TEIXEIRA, 2008). Nessa direção, pode-se perceber o quanto o acesso à aposentadoria impacta a vida da pessoa velha.

Belezinha conseguiu construir carreira pública e atualmente sobrevive com a renda de sua aposentadoria: “Em 2006, aposentei, dava aulas em Porto Velho. Dessa aposentadoria, tenho uma renda de 6 mil reais e uns pouquinhos”. O acesso a uma renda capaz de garantir a sobrevivência permite aos/as velhos/as mais qualidade de vida. Belezinha relatou seu gosto por

sair de casa e acessar seus direitos ao lazer, o transporte, dentre outros, questões somente possíveis pelo acesso à uma renda que lhe permite custear transporte através de serviço de aplicativo, acessar a cidade, ir ao cinema, dentre outras despesas: “Gosto muito de sair [...] ir na casa das colegas, Gosto de ir ao cinema, de dançar [...]. Eu costumo me locomover de Uber ou ônibus”.

Sobre aposentadoria, Cruz ressaltou que seus 43 anos de trabalho permitiram a ele e à esposa alcançar certa estabilidade financeira e, conseqüentemente, sentimento de segurança em relação ao momento da velhice:

Foram quarenta e três anos de trabalho. Recebo R\$2.500,00 de aposentadoria, mas aproveitei enquanto eu estava trabalhando para fazer um pezinho de meia; eu tinha outro emprego, trabalhava em outros empregos, então dá para viver sossegado. Minha esposa também é aposentada, trabalhava na saúde, era concursada do Estado, era das atendentes antigas, depois ela foi trabalhar em um almoxarifado. Nós dois conseguimos uma estabilidade e isso dá uma segurança. Há 6 anos aposentei e retornei para Sorocaba, no mesmo bairro e na mesma casa que eu morava, aqui na Vila Gabriel. Moro só eu e a esposa. Quando não estou viajando, passeando, fico em casa. [...] Para me locomover na cidade, eu dirijo, tenho carro próprio, mas costumo pegar ônibus. (Cruz).

Quanto a Iolanda, também foi possível perceber que conseguiu ao longo dos anos de trabalho uma segurança na velhice, pois atualmente vive sozinha, possui casa própria e consegue custear uma pessoa para lhe auxiliar nas tarefas de casa, pois como possui deficiência física, necessita de apoio em suas atividades da vida diária:

Hoje estou com 92 e aposentei com 58 anos. [...] recebo 4 mil reais, porque faz 6 anos que o técnico de RX federal não tem aumento. Eu sou federal né [...] daqui da Chácara em casa, vou andando, mas já fui de ônibus para experimentar, porque eu queria aprender a andar no ônibus, porque com a muleta, eu ia bem, agora eu quero ver com o andador...e foi muito bem. Agora eu tenho uma moça que trabalha em casa, mas ela vai as segundas e em sextas para fazer a faxina da casa, porque minha casa é grande, é casa própria, tem 18 degraus para subir nos quartos (Iolanda).

Em relação a aposentadoria Zenon afirmou que:

[...] A minha aposentadoria se deu em 2012! desde então, continuo trabalhando, porque primeiro eu gosto disso que faço [...] e também por causa do próprio salário da aposentadoria, porque... se você perguntar para algum aposentado se está satisfeito com o que ele ganha de aposentadoria, você vai ouvir que a resposta dele é negativa. [...] Hoje minha aposentadoria é um absurdo. R\$1800,00 (mil e oitocentos reais), é um absurdo para quem colaborou com o governo, pagou toda a vida né... R\$1800,00 (mil e oitocentos reais) e então, fui obrigado a mexer né? Para poder sobreviver com uma renda maior [...] A casa que moro é própria, graças a Deus né... o que consegui foi minha casa, comprei meu carro (risos)... consegui uma estrutura para poder viver bem... tranquilo... porque sofrimento... nossa! foi muito, passou muito, a gente passou muito. [...] a minha vida toda lutei muito para conseguir o que eu consegui hoje. Não

sou rico, mas tudo o que tenho eu vivo bem [...] (Zenon).

Apesar de relatar que conseguiu conquistar a casa e carro próprio, um ponto que merece ser destacado é o fato de continuar trabalhando. Dentre os entrevistados, Zenon é o único que ainda trabalha. Justificou que, além de gostar do que faz, existe a necessidade de complementar a renda que recebe de aposentadoria para conseguir sobreviver com mais qualidade, considerando injusto o salário do aposentado no Brasil.

De acordo com Bulla e Kaefer (2003, p.5):

A sociedade é contraditória. Por um lado, considera a aposentadoria como um direito e uma conquista do trabalhador, depois de muitos esforços e anos de trabalho. Por outro, desvaloriza o sujeito depois de aposentado, que passa a ser visto como improdutivo e, portanto, inútil. O idoso aposentado necessita, muitas vezes, permanecer trabalhando por necessidade financeira, considerando-se que, para grande maioria dos brasileiros, os valores recebidos como aposentadoria não cobrem as suas necessidades de manutenção e de seus dependentes, principalmente quando cabe ao idoso o papel de mantenedor do grupo família.

Deve-se levar em conta os aspectos econômicos da vida dos sujeitos, uma vez que, quanto menor a renda, maior será a sua preocupação com a aposentadoria. Sujeitos vulneráveis economicamente, no momento em que se aposentam, podem ter renda insuficiente para a sobrevivência. Esse fato é um forte motivo para que em 2012, a porcentagem de pessoas idosas ativas fosse de 5,9%. No ano de 2018, o índice aumentou para 7,2%. Segundo o IBGE, o que representa 7,5 milhões de idosos atuando como força de trabalho. Conforme Teixeira (2009, p.68):

Envelhecer para o trabalhador, na ordem e no tempo do capital é ter seu tempo de vida subordinado ao tempo de trabalho, mesmo depois de aposentado; para os trabalhadores velhos de baixa renda no capitalismo periférico brasileiro, é ter seu tempo livre submetido às exigências de reprodução social do capital e de controle social que se estende ao envelhecimento, submetendo o idoso ao planejamento externo de comportamentos, atitudes, sentimentos, consciência e mecanismos organizativos.

No entanto, uma sociedade marcada pela lógica das políticas neoliberais e de retração do crescimento econômico, vem levando as famílias, inclusive os idosos, a buscarem alternativas de sobrevivência e “Para uma parcela ainda expressiva da nossa sociedade, o trabalho continuado, mesmo depois da aposentadoria” (NERI, 2009, p.57).

De acordo com Sarti (2001), o velho/a continuam como provedores de todos os membros, muitas vezes apenas com a aposentadoria. Na maioria dos casos, a aposentadoria do velho/a é a principal ou única fonte de renda da família, levando-nos a concluir que a pessoa

velha retorna ao mercado de trabalho para acrescentar a renda familiar.

O capital transforma o tempo de vida do trabalhador em tempo de trabalho para fins de valorização do capital em detrimento das qualidades e necessidades humanas do produtor, principalmente para os que envelhecem na periferia do sistema, em que o tempo de trabalho se estende ao tempo de envelhecer, ou ao tempo de consumo manipulado de bens, serviços e mercadorias. (TEIXEIRA, 2008, p. 15 - 16).

Portanto, a reinserção do idoso no mercado de trabalho, muitas vezes, refere-se à necessidade de continuar contribuindo com a renda familiar, visto que, o valor recebido com a aposentadoria não é suficiente para o sustento da família. Em algumas famílias a única fonte de renda é a do trabalhador velho.

Embora não seja o foco principal deste estudo, é preciso mencionar as mudanças ocorridas no sistema previdenciário brasileiro, inseridas dentro da agenda neoliberal. As reformas se fundamentam numa perspectiva cronológica e demográfica que desconsidera o envelhecimento e a aposentadoria como processos heterogêneos que se articulam com fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. (TEIXEIRA, 2008).

Por isso, apesar dos entrevistados terem acesso à aposentadoria, é preciso sinalizar que do ponto de vista do velho trabalhador brasileiro, as contradições do capital e as mudanças na esfera do trabalho impulsionam a situações de maior gravidade. Para os trabalhadores envelhecidos, essa fase da vida marca a reprodução e a ampliação das desigualdades sociais.

No decorrer de toda a existência somos impulsionados ao trabalho contínuo, inclusive como uma forma de garantir nossa subsistência e de nossa família. As narrativas permitem perceber que os processos de envelhecimento e aposentadoria não são homogêneos e “sofrem múltiplas determinações, porque estão relacionados com as condições de existência, de trabalho, classe, cultura, gênero, raça e etnia dos trabalhadores, assim como com as percepções individuais” (TEIXEIRA, 2009, p.194).

A lembrança trazida pelos nossos velhos/as participantes deste estudo remete à lembrança defendida por Halbwachs (1990), de reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto". É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis, localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

3.4 A EXPERIÊNCIA DE SER VELHO/A E SER OUVIDO(A) PELO ESTADO, SOCIEDADE E FAMÍLIA.

A compreensão da experiência do envelhecimento, ser velho/a e sentir-se ouvido pela sociedade é fundamental, pois todos nós um dia estaremos nesse lugar. Mas o que significa experiência? O filósofo Jorge Larrosa, pesquisador espanhol da Universidade de Barcelona, em sua obra *Tremores: escritos sobre experiência*, assim descreve:

A palavra "experiência" nos serviu e nos serve para nos situar num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos. Mas nos serviu também para afirmar nossa vontade de viver. Porque se a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la (LARROSA, 2014, p.74).

Assim, ao compartilharmos nossas experiências construímos nossa identidade e produzimos uma identidade coletiva, aprendemos com as experiências dos outros e nos transformamos com nossas próprias experiências.

Para a historiadora norte-americana Joan Scott, a Experiência é:

Uma parte tão integrante da linguagem cotidiana, tão imbricada em nossas narrativas que parece fútil argumentar em favor de sua expulsão. Ela serve como uma forma de se falar sobre o acontecido, de estabelecer diferença e similaridade, de postular conhecimento que é inaceitável. (SCOTT, 1998, p.324).

O uso da noção de experiência em Scott permite compreendê-la a partir da história, de como a experiência constrói os sujeitos. Sendo assim, refletir sobre o envelhecimento e velhice por meio dos relatos das velhas/os é um caminho para entender o significado da velhice, permitindo à sociedade, à família e ao Estado planejarem estratégias fundamentadas na realidade, que permitam proporcionar a manutenção da autonomia e independência do(a) velho/a, tendo como parâmetro a compreensão das alterações decorrentes do envelhecimento, refletidas na velhice, possibilitando a melhoria da qualidade de vida.

Diante da experiência da velhice, o que é ser velho? Segundo Zimmerman, o velho/a é:

Um mais: tem mais experiência, mais vivência, mais anos de vida, mais doenças crônicas, mais perdas, sofre mais preconceitos e tem mais tempo disponível. No momento em que utiliza mais sua experiência, a vivência adquirida ao longo da sua

vida, aprende a conviver com suas doenças crônicas e próprias da idade; elabora suas perdas, não esquecendo seus ganhos (ZIMERMAN, 2000, p. 19).

Pensando, então, pela perspectiva de que “o velho é uma mais experiência”, buscou-se compreender a velhice e ser velho, através da experiência dos participantes, que afirmaram:

É você não ter, ter aquela mais força que você tinha antes quando estava mais jovem, né, a gente já sente que você está numa fase de decadência mesmo (silêncio), é difícil de aceitar, eu estou me conscientizando, tento encarar de frente, tento não ficar triste, aceitar a condição né, viver o momento que estou passando. Quando eu era jovem fazia coisas de jovens, quando mais adulta, coisas de adulta e agora fazendo coisas de “melhor idade”. É porque dizem que é a melhor idade, mas, não é não), porque você quer fazer algumas coisas e já sente algumas dificuldades, né? Quando você é mais jovem, saia sem problemas, enfrentava as situações, agora mesmo você quer fazer alguma coisa e daí, poxa vida, não dá mais, tem que deixar para depois, um negócio estranho, mas a vista de outros eu estou bem (Belezinha).

[...]Hoje não trabalho mais, a minha saúde não é muito boa não, é regular, tomo remédio para pressão, faço controle da pressão e diabetes [...] Ah! quando vai envelhecendo é difícil, muitas coisas a gente não esperava, a gente não tinha ideia de como seria, né. Ah, chegar na idade, a cada 5 anos vai modificando a vida da gente. A gente vai perdendo as forças, a cabeça já não vai sendo a mesma, o físico, o corpo já não acompanha mais, é assim, mais tá ótimo, eu acho, em vista de muitos tá bom (Cruz).

[...] olha! Com toda a sinceridade! Não sei! Para mim eu mesmo me assusto, que tenho 92 anos, porque minha vida está normal! Estou aprendendo a ser viúva, estou reaprendendo a ficar velha, ah! Eu acho engraçado a mulherada velha, a velhice não existe, eu não me sinto velha! Eu não estou perguntando se você se sente ou não, estou lhe perguntando: você acha que você não é velha? Eu vou falar com sinceridade, o que eu sou! Eu sou uma idosa, o idoso o que é? É Velho! [...] eu faço a minha comida, lavo minha roupinha, eu procuro deixar a sala e cozinha, onde eu mais fico em ordem. Eu vou buscar meu pão e meu leite, vou na farmácia, vou fazer minha comprinha, com meu carrinho de feira, mas eu também faço os meus tricozinho. Eu tenho máquina de tricô, mas não mexo nela. Ganhei um monte de restos de lã, então faço coisinhas assim, de tricô, e sento lá na frente, ninguém vê que estou sentadinha lá na frente e vejo a rua e faço colchinhas, eu ocupo o tempo (Iolanda).

Olha, essa fase ser velho, gostaria de ser velho tendo minha esposa ao lado, eu não estou! Estou sozinho, se eu estou sozinho, eu sempre acho o seguinte, que uma boa conversa, uns bons amigos, boas pessoas ao seu lado, né... uma convivência alegre, isso ajuda e faz a gente viver e apesar do velho ter essas dificuldades, restrições que existe, ainda tem muito na questão fim, de você viver mais financeiramente mais tranquilo, mas por outro lado existe essa válvula de escape, que é o caso da Chácara né, que tem os amigos que vem aqui., você aqui se distrai, você conversa bastante, isso faz muito bem. Então, agora, seu tivesse uma velhice e ficasse retraído em casa, agora não sei como seria... é difícil, pelo menos eu sinto assim. Muito difícil, a solidão é triste, é muito difícil! [...] (Zenon).

Ao olhar para seu próprio envelhecimento, os narradores apontaram que estão aprendendo a ser velho/a. Como aponta Zimerman (2000, p. 28): “Vivemos em uma sociedade

em que a expectativa é ser adulto [...] é preciso acabar com essa mentalidade. Ser velho não é o contrário de ser jovem. Envelhecer é simplesmente passar para uma nova etapa da vida”.

Ficou evidente nas falas que eles se sentiram assustados com a percepção do avanço da idade, a perda da força que possuíam na juventude e a decadência da saúde, demonstrando dificuldade em aceitar a velhice, a solidão e a viuvez. Apesar das dificuldades, estão organizando a vida conforme essa fase, construindo uma rotina de atividades (fazer compras, cuidar da roupa, alimentação, passear, conviver com amigos e familiares, etc) e, quando comparados a outras pessoas velhas, relataram que se sentem bem.

Como destaca Torres (2013, p. 218):

O sujeito que aprende com sua experiência deve estar aberto a vivê-la receptível, disponível, atento, paciente e ao mesmo tempo estimulado para viver um encontro, uma relação para experimentar e provar um fato ou uma situação [...] o saber decorrente da experiência é aquele adquirido na medida em que acontecimentos sucedem na trajetória do sujeito a partir dos quais ele vai definindo sentido e relevância para esses acontecimentos.

As experiências dos velhos/as sinalizaram aspectos importantes que atravessam a velhice: as perdas e incapacidades, a propensão ao desenvolvimento de enfermidades e declínios na saúde, a preocupação com a insuficiência da renda para subsistência, a importância da convivência social como prevenção à reclusão e ao isolamento do velho/a em casa. A velhice é um processo complexo e a percepção sobre o envelhecer foi respondida de maneira diferente por cada narrador, sendo influenciada por inúmeros fatores.

Quanto aos principais desafios enfrentados na velhice expressaram:

Você se impor né, perante os filhos e sociedade, eles não aceitam mais que você tenha uma sua opinião. Tem os problemas dos filhos deixarem numa instituição, porque os filhos não querem mais ter problemas com os pais, aí então, acha melhor colocar nessas instituições; tudo bem... no começo vai sempre lá e vai relaxando, vai abandonando... abandonando. Eu tenho uma amiga da minha filha que deixou a mãe lá, ela disse que é por conta do trabalho dela, ela colocou a mãe dela nessas casas de repouso e aí ela vai à noite, visita, fica não sei quanto tempo lá e.... eu acho degradante (Belezinha).

A fala de Belezinha expõe o silenciamento, a institucionalização e o abandono como um dos desafios vividos pelas pessoas idosas. Sobre estes aspectos Zimmerman (2000, p.98), nos conta que:

[...] de início, as famílias que internam seus velhos em instituições visitam-nos em média três vezes por semana. Com o tempo, as visitas vão diminuindo e há casos em que chegam ser de uma a duas vezes por ano. Pode parecer incrível, mas há familiares que chegam dar o endereço e telefone errados para não serem mais encontrados e

“incomodados”, por causa dos velhos. Esse sentimento de abandono é um dos pontos que mais contribui para a depressão e os problemas de saúde em geral.

Conforme o Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003), a assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência somente será prestada quando verificada inexistência de grupo familiar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família.

Um outro ponto importante levantado por Belezinha e por Iolanda se refere à perda do papel social do velho/a:

[...] Eu fiquei assanhada participar das eleições do Conselho do idoso...mas, depois pensei [...] Se você entrar nessa bagunça, como é que você vai fazer? Vai aqui... vai ali... eu sei que você vai brigar mesmo... você tem condições? Você já não é mais a Iolanda que era... por isso que eu digo que estou aprendendo a envelhecer... porque eu esqueço! (risos). Eu esqueço que eu não posso tomar a atitude que eu podia tomar antes, porque agora eu tenho muitas atitudes, que eu chego e falo: “Tenho 92 anos”. [...] a Sra. tem que buscar alguém da família para assinar aqui em algum lugar [...]se eu estou dentro da minha lucidez. Eu sou responsável [...] eu tenho visto muito, muito, muito, não se tem respeito, vontade dos filhos que imperam, não dos velhos. Eu conheço uma senhora que está na cama e nenhuma filha vai fazer nada para ela, só tem um filho que depois do serviço vai um pouco lá com a mãe, porque ela não pode levantar e isso é dolorido. O que eu vejo tem muito... (Iolanda).

Segundo Moreno, as relações e a vivência humana estão marcadas por papéis desde o nascimento e seguem ao longo de toda a vida do indivíduo, enquanto experiência pessoal e modalidade de participação social.

Papel é a forma de funcionamento que assume um indivíduo, no momento em que reage frente a uma situação também específica na qual estão envolvidos outras pessoas e outros objetos. Logo, podemos dizer que é o que determina o sentido da ação. Pode-se definir papel como uma unidade de experiência sintética na qual se fundiram elementos privados, sociais e culturais (MORENO, 1984, p.11).

O modo de vida contemporâneo é resultado dos modelos econômicos, políticos e culturais de uma época. Isso significa que o desenvolvimento biológico é determinado enquanto categoria social (juventude, vida adulta e velhice) a partir da aquisição de conhecimentos, capacidade de realização de determinadas atividades e definição de papéis sociais (DEBERT, 2010). Pensando na velhice como uma categoria social, ela está atrelada ao fazer e ao saber e principalmente, nas representações sobre o papel desta pessoa velha enquanto sujeito social.

A narrativa do Zenon trouxe como principais desafios a insegurança em relação à renda, a pessoa envelhecida como única provedora da família, a falta de acesso aos direitos como alimentação e lazer, além das dificuldades relacionadas à saúde, solidão e viuvez:

Nessa fase da idade o principal desafio mesmo é justamente você obter, porque muitas vezes você tem acesso a alguns divertimentos, no sentido de viagens, não digo só vim aqui na Chácara, mas viagens... que nem aqui na Chácara tem lá algumas pessoas que fazem parte de excursões, que é uma coisa muito gostosa, mas muitas vezes não pode porque, por causa do orçamento apertado... eu acredito que se resolvesse um pouco mais nessa questão do orçamento, da renda, da renda! Porque você sabe que, inclusive, o grande erro por parte do governo e endividou muito a maioria dos idosos estão endividados, com o governo, por causa dessa questão do empréstimo consignado (dessas instituições de empréstimos). Hoje tem famílias, tem idosos, que tem filhos com 30, 35 anos que vivem na dependência do pai, por causa dessas rendas, vive na casa e coloca até idosos, coitados que estão enforcados financeiramente por causa de consignados, que é uma coisa que deveria ser revisto também... porque eu não sei, ultimamente parece que no meu tempo, não sei... naquele tempo você não via muito os jovens...por que lá começaram cedo no trabalho, hoje você vê grande número de pessoas... ah! Eu moro com meus pais, porque até separaram e veio... porque tudo bem que alguns separaram, mas estão vivendo, estão trabalhando, mas tem muitos casos que vejo isso aí, tem sido quase que a gente tem percebido muito isso aí, então, eu até pensei aqui, conversando com os amigos, que a gente precisava fazer uma ação de ajuda... que isso aí tem diminuído muito... uma ajuda em termos de alimento, que tem pessoas morrendo de fome, idosos morrendo de fome... isso é triste! Este é o desafio! Desafio de uma renda melhor, de uma vida melhor para que ele possa viver melhor! Porque é gostoso viajar, é gostoso da juntando de tudo isso que tem, mas requer também o seu dia a dia, sua alimentação, sempre ter principalmente um remédio. Graças a Deus eu tenho (Zenon).

O Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003), garante que as pessoas idosas possam gozar dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Entretanto, na prática, sabemos que os direitos não se concretizam efetivamente.

Mudar nossa postura sobre a velhice requer que voltemos nossas atenções para tudo aquilo que os velhos/as produziram ao longo de sua vida e continuam a produzir. São merecedores de respeito, devem ter espaços para lutar, reivindicar, discutir, posicionar-se e mostrar aos jovens como pode ser o seu futuro (ZIMERMAN, 2000).

Nessa direção é fundamental refletir sobre as possibilidades encontradas na velhice, sobre as quais os participantes levantaram alguns aspectos: “Eu acho algumas vantagens de ser idoso, né, mas não sei te dizer” (Cruz). Ainda sinalizaram que:

[...] teve muita coisa boa, pelo menos a Creche (se referindo a Chácara do Idoso) [...]. É bom não só para mim, mas para os idosos em geral, antes os idosos ficavam trancados em casa [...] (Iolanda).

[...] então a velhice da gente você pode sentir isso daí de poder cuidar melhor, vivendo com a família... então isso é gostoso da velhice... é você poder, depois de tudo que passou, é estar junto com eles [...] (Zenon).

Mais liberdade, mesmo as vezes você querendo fazer algo, no meu caso, a minha filha diz, você não pode fazer isso, daí eu não digo nada e vou lá e resolvo do meu jeito, daí quando ela sabe que eu fiz porque eu queria fazer, ela fica brava e tudo, mas eu falo, foi meu gosto, meu prazer, essa é uma conquista que eu vejo em mim, nos outros colegas, não sei te dizer, mas eu nunca tinha parado para pensar na liberdade como uma possibilidade, nessa independência, por que vejo que em muitas colegas, que os filhos não permitem, simplesmente eles... como a gente diz lá na minha cidade... baixa a crista (Belezinha).

Vemos através das falas que a velhice possui algumas vantagens. Iolanda disse que o SCFV foi uma conquista positiva frente à velhice, pois em sua visão, antes os velhos/as “ficavam trancados em casa”. Esta fala de Iolanda colabora para pensarmos que no âmbito da Política da Assistência Social (2004), as causas mais frequentes de vulnerabilidade social²⁸ que envolve as pessoas idosas, originam-se no abandono ou isolamento social, decorrentes da fragilização ou da perda dos vínculos de pertencimento. Além disso, a discriminação da velhice e a exclusão social relacionada à pobreza agravam a violação de seus direitos, o que justifica a atuação da assistência social na oferta do SCFV.

Zenon apontou que uma das possibilidades percebidas com a velhice foi poder cuidar melhor da família e estar junto dela. Já Belezinha destaca a liberdade e independência como uma conquista, uma vez que a pessoa toma decisões priorizando seu gosto e prazer, mesmo que contrariando a opinião da família. A fala de Belezinha evidencia a luta pelo respeito e autonomia na tomada de decisão, principalmente em relação à família e comunidade que questiona a autonomia dos velhos/as. Como mostra Goldenberg em trabalho sobre a velhice, “Eles enfatizam que, com mais idade, conquistaram a liberdade de “ser eles mesmos”. [...] Não se sentem mais obrigados a corresponder às demandas dos familiares ou da sociedade quando mais jovens” (GOLDENBERG, 2021, p. 58).

²⁸ Conceito de Vulnerabilidade social, conforme o Dicionário de termos técnicos da assistência social – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social (2012, p. 109): Apresenta-se como uma baixa capacidade material, simbólica e comportamental, de famílias e pessoas, para enfrentar e superar desafios com os quais se defrontam, o que dificulta o acesso à estrutura de oportunidade sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Refere-se a uma diversidade de “situações de risco” determinadas por fatores de ordem física, pelo ciclo de vida, pela etnia, por orientação sexual, etc., que favorecem a exclusão/e ou que inabilita e invalida, de maneira imediata ou no futuro, os grupos afetados, na satisfação de seu bem-estar – tanto na subsistência quanto na qualidade de vida. A pobreza, por exemplo, é uma vulnerabilidade efetiva, mas a condição de vulnerabilidade, embora a inclua, não se esgota na pobreza.

O envelhecimento populacional traz novos desafios para toda a sociedade, pois as pessoas que envelhecem vivem essa condição em um mundo que oferece novas oportunidades, mas que não se preparou para garantir, a todos, condições de vida digna e a possibilidade de preservarem sua autonomia, eleger objetivos e crenças, atribuir-lhes valor com discernimento e colocá-los em prática com a participação e apoio de outros. A autonomia e protagonismo se contrapõem às práticas pautadas na tutela e nas incapacidades, invocando como alternativa uma proteção social ativa.

Essas questões remetem diretamente à questão central deste trabalho, pois vocalizarem suas angústias com relação à vida e a busca por autonomia e serem tolhidos nesse processo, os velhos apontam que não são ouvidos. Como demonstra Kilomba²⁹:

Como vocês podem ver, o ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem ouve, ou seja, entre os sujeitos falantes e seus/suas ouvintes. Ouvir é, neste sentido, o ato de autorização para quem fala. Eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer. Sabemos que aqueles/as que pertencem são aqueles/as que são ouvidos/as. E aqueles/as que não são ouvidos/as são aqueles/as que não pertencem. A máscara recria este projeto de silenciamento, controlando a possibilidade de que colonizados/as possam um dia ser ouvidos/as e, conseqüentemente, possam pertencer (OLIVEIRA, 2016, p. 3).

Segundo Kilomba, há uma negociação entre a pessoa que fala e quem os escuta, sendo o ouvir um ato de autorização para quem fala que significa pertencer. Partindo desta compreensão e diante das experiências de serem ouvidos pela sociedade, família e Estado, os (as) velhos/as, relataram:

É ouvido muito pouco, muito pouco! Menina! Por exemplo, você vai numa reunião, as pessoas não dão importância para o que você fala, acha que você é quadrado, não tem mais voz, né, para falar da vida, eu acho que a gente carrega uma bagagem e as pessoas não dão valor né, até difícil de explicar...tipo assim aqui na Chácara a coordenação quer fazer uma coisa para o idoso e vai lá, não sei se é na prefeitura solicitar alguma coisa e lá mesmo falam que não tem verba, deixa para depois, não dão muita importância (Belezinha).

Hoje o idoso não tem muita palavra não, mas também o idoso, às vezes, não se esforça, ele não participa, não é participativo, por isso que ele não tem muita palavra na sociedade, ele não gosta, tem uma certa idade e não se importa mais e tem que participar (Cruz).

²⁹ Grada Kilomba participou como palestrante na Mostra Internacional de Teatro em São Paulo (MITsp), intitulada: Descolonizando o conhecimento em 2016, sua fala se tornou um texto organizado por (OLIVEIRA, 2016).

Sobre a minha experiência do velho ser ouvido seja pela sociedade, família e o Estado... se você pensar bem e vendo que o ramo que cresceu muito, isso mata a gente né... é o ramo de cuidador de idosos, então, pensando nisso, vê que está faltando por parte daqueles que deveriam olhar de uma forma diferente para esses idosos, que não foi o meu caso... as minhas filhas são maravilhosas! Minhas filhas ligam todo dia, me dão atenção né (Zenon).

Todos os entrevistados apontam que os velhos/as pouco são ouvidos, que a sociedade, o Estado e a família não dão a importância que esperam de sua fala e que tão pouco a velhice seja prioridade do Estado no que se refere ao investimento em políticas públicas para este segmento.

Se os velhos/as não se sentem ouvidos, isso se deve, em grande medida, a uma sociedade que entende que o velho/a não tem mais voz ativa. Essa situação é questionada por Belezinha quando afirma que a pessoa envelhecida possui uma bagagem que foi construída ao longo do tempo, mas que não é valorizada. Já Cruz aponta a necessidade da participação da pessoa envelhecida e que a falta dessa participação pode levar ao silenciamento pela sociedade.

Essas questões sensíveis à realidade da velhice nos impõe uma questão que urge ser debatida: A quem nossos ouvidos escutam?

Kilomba (2010/12), chama a atenção para a importância de aprendermos a escutar. “Uma escuta atenta e aberta é um exercício contínuo de alteridade, pois, a reparação de todos esses processos de silenciamento vêm de uma negociação com a realidade, mudando estruturas, formas de pensamento, conhecimento, atitudes, palavras, espaços e posições” (KILOMBA, 2010/12, p. 180, apud GORJON, 2018, p. 113).

O uso da fala, não apenas verbal, é condição essencial para a constituição de relações sociais que inserem o outro dentro do laço social. Na velhice isso se intensifica, uma vez que nesta fase são ofertados menos espaços de escuta e acolhimento para que o sujeito possa falar das suas recordações, experiências e angústias. Como bem aponta Bosi (1994, p.82-83):

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassa nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. E para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

Corroborando Bosi (1994), Minayo e Coimbra Jr. (2002), apontam que outros atores têm falado pelos velhos/as, dando foco ao envelhecimento e à velhice como um processo negativo, carregado de estereótipos que impedem a construção de uma identidade mais positiva. Por isso, é fundamental conhecer a vida desses sujeitos, escutando-os com respeito

sobre como se sentem nessa estrada, contando com a participação na realização de seus anseios para construção de vida que lhes seja adequada.

No âmbito de atuação dos profissionais inseridos na política pública de assistência social, a escuta qualificada está prevista nas normativas do SUAS para o desenvolvimento de todos os serviços socioassistenciais, sendo um dos instrumentos de alcance às seguranças socioassistenciais. Faz parte do cotidiano dos profissionais que compõem as equipes (responsáveis diretos pelo atendimento e acompanhamento socioassistencial). É fundamentada em pressupostos éticos e respaldada pelo sigilo profissional. Conforme o Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p. 56), a escuta é:

Estratégia que cria uma ambiência e um clima em que a história do outro é ouvida tanto como realização quanto processo que constituiu o sujeito que fala, portanto, pertencente a uma lógica temporal não cronológica. Assim, a narrativa é constituída a partir do interesse daquele que escuta. As perguntas que animam a narrativa estão ligadas a elementos da própria fala e não de um roteiro prévio a ser seguido. Interesse na história e apreço pelo trajeto vivido pelo sujeito que narra, busca dos motivos e não das justificativas, busca do entendimento e não do julgamento sobre as situações que são componentes estruturantes dessa técnica. Saber que há legitimidade e interesse pela sua narrativa oferece segurança para poder partilhar questões afilivas ou importantes e isso fortalece vínculos.

Nesse sentido, os Parâmetros de atuação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência (2020, p.28), explicam o que a escuta qualificada no SUAS:

A escuta é qualificada porque os (as) profissionais da assistência social devem exercitar ao longo de sua atuação a habilidade de escutar com atenção e respeito e de compreender de maneira ampliada as demandas, as necessidades e as potencialidades dos indivíduos e das famílias atendidos, demonstrando para com eles compromisso e responsabilidade diante da situação vivenciada. Para além de um procedimento metodológico, a escuta qualificada é um processo contínuo e transversal ao trabalho social com famílias e indivíduos que possibilita conhecer a família e seu contexto, constituindo-se, assim, como elemento distintivo para atuação do SUAS no enfrentamento e prevenção das situações de vulnerabilidade, de risco, de violação de direitos e de violência.

Com a metodologia da escuta qualificada, o profissional da assistência social permite que a população atendida possa falar por si, possibilitando conhecer a família e seu contexto, demonstrando compromisso e responsabilidade diante da situação vivenciada. Nesse ponto de vista, Torres (2013, p.210), esclarece:

Escuta implica num movimento e compromisso do agente que ouve [...] A escuta exige mobilização do trabalhador e do usuário³⁰ para produzir respostas e mudanças para as situações narradas, considerando expectativas e desejos das pessoas, pois essa é a sua força propulsora.

Por isso, refletir sobre a escuta nos espaços de trabalho da política de assistência social é um caminho para que esta prática se efetive como um instrumento na ampliação do conhecimento sobre os usuários dos serviços, bem como para que acessemos a interpretação das pessoas sobre sua própria vida, definindo estratégias para o trabalho social. Como diz Torres (2013, p. 216-2017):

É possível afirmar que é a vivência da experiência de ser ouvido e de dialogar que produz mudança e o reconhecimento de ser sujeito de direito na política de assistência social. Logo, dentre outros atributos do direito como continuidade e a garantia de acesso a todos nas mesmas condições, está a vivência de ser tratado e valorizado como tal. Nessa perspectiva, a experiência da convivência protetiva é atributo obrigatório para a política pública que deve assegurá-la.

Em vista disso, devem ser criadas situações de convivência protetiva na proposta da política de assistência social e a oportunidade de vivências de experiências de convivência respeitosa, horizontal, diversa e fortalecedora dos sujeitos, que os reconheça como seres capazes de fazer escolhas. Os conhecimentos e as experiências precisam ser ouvidos e considerados em cada fase da atuação profissional (TORRES, 2013).

Com esta mesma intenção a escuta foi exercida nesta dissertação, com base nos pressupostos teóricos que sustentaram meus conhecimentos, bem como pela ética e prática profissional como assistente social atuante na política de assistência social. A interpretação das narrativas se deu a partir da ideia de que o filtro perceptivo que as orienta são as experiências e sentimentos dos velhos. Uma percepção profunda e complexa de sua condição a partir do próprio corpo que se faz portador das tensões vividas pelo velho nesse tempo de mudanças em seu universo social.

³⁰ A Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social - NOB SUAS (BRASIL, 2010) - define os usuários como indivíduos ou famílias em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, com precário ou nulo acesso aos serviços públicos, com fragilização de vínculos de pertencimento e sociabilidade e/ou qualquer outra situação de vulnerabilidade e risco social.

4 A POLÍTICA PÚBLICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E A CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO DIREITO

Este capítulo foi organizado a partir da categorização das narrativas dos entrevistados. As questões trazidas pelos participantes do estudo levaram aos seguintes tópicos: o papel do Estado e das políticas sociais no contexto neoliberal; a trajetória e garantia dos direitos de proteção à velhice no Brasil; o conhecimento e exercícios dos direitos, sobre a política pública de assistência social e a convivência social como direito e o SCFV como espaço de apoio para uma condição de autonomia e protagonismo.

4.1 ESTADO, POLÍTICA SOCIAL E NEOLIBERALISMO

O debate sobre o papel do Estado na condução de políticas públicas voltadas para a velhice está inserido no contexto do capitalismo e, mais especificamente, na sua atual configuração neoliberal de desmantelamento das políticas públicas, impactando diretamente na garantia dos direitos sociais historicamente conquistados.

Para situar a política social na conjuntura neoliberal, é necessário definir categorias política social e neoliberalismo, a fim de orientar o leitor no posicionamento adotado neste estudo, isto é, a partir de que perspectiva as ideias aqui apresentadas são elaboradas.

A Política Social é uma modalidade de intervenção do Estado no âmbito do atendimento das necessidades sociais básicas dos cidadãos que responde a interesses diversos, ou seja, a política social expressa relações, conflitos e contradições que resultam da desigualdade estrutural do capitalismo. Esses interesses não são neutros e reproduzem desigual e contraditoriamente as relações sociais na medida em que o Estado não pode ser autonomizado em relação à sociedade e as políticas sociais são condicionadas pelo contexto histórico em que emergem (YAZBEK, 2008).

Behring e Boschetti (2011), analisam a política social a partir da perspectiva de sua múltipla causalidade, enquanto processo e resultado das relações contraditórias que se estabelecem entre Estado e sociedade, no âmbito dos conflitos e lutas de classes que envolvem o processo de produção e reprodução do capitalismo. Nesse sentido, ela deve ser estudada em suas dimensões histórica, econômica, política e cultural.

Do ponto de vista histórico, é preciso relacionar o surgimento da política social às expressões da questão social que possuem papel determinante em sua origem (e que,

dialeticamente, também sofrem os efeitos da política social). Do ponto de vista econômico, faz-se necessário estabelecer relações de política social com as questões estruturais da economia e seus efeitos para as condições de produção e reprodução da vida da classe trabalhadora. [...] Do ponto de vista político, preocupa-se em reconhecer e identificar as posições tomadas pelas forças políticas em confronto (BEHRING; BOSCHETTI, 2011, p. 43).

As políticas sociais lidam com interesses contrários dentro do sistema de reprodução do capital, já que resulta da pressão simultânea e opostas dos sujeitos. Desta maneira, a política possui caráter conflituoso justamente por marcar a relação entre pessoas diferentes ou desiguais (BOSCHETTI, 2011).

Hoje, as políticas sociais têm sido desenhadas no contexto de Estados neoliberais, os autores Dardot e Laval (2016, p. 17), apresentam o neoliberalismo como:

[...] o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade (...) A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação [...] O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo.

O neoliberalismo alterou as relações sociais ao radicalizar o postulado da concorrência como forma de assegurar o lucro e a acumulação de riquezas. Na visão de Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo não apenas destrói instituições e direitos, mas cria formas de relações sociais, de maneiras de viver”, em que as subjetividades se expressam numa forma de existência e de comportamento, conformando uma “norma de vida” (DARDOT; LAVAL, 2016).

O neoliberalismo pode ser lido como uma intensa retomada do ideário liberal através da defesa da liberdade e da autorregulação dos mercados e das liberdades individuais por meio da mínima interferência do Estado na economia. Como consequência, o projeto neoliberal valoriza a área econômica em detrimento da social, levando à retração da intervenção do Estado no campo social. No Brasil, o neoliberalismo pode ser mais fortemente identificado a partir da

década de 1990, mais precisamente no governo de Fernando Henrique Cardoso³¹ através do Plano Diretor da Reforma do Estado (PDRE), organizado por Bresser Pereira³².

Sob a justificativa de que o aparelho do Estado brasileiro encontrava-se sobrecarregado e incapaz de realizar suas principais funções, a reforma foi proposta como estratégia para a saída da crise instaurada na década de 1980; e a redução da atuação do Estado, principalmente no que tange a economia (BEHRING, 2008).

As maiores consequências da implementação do modelo neoliberal foram a perda de direitos da classe trabalhadora com o processo de flexibilização do trabalho e os cortes nos gastos sociais. As políticas sociais diminuíram consideravelmente sua cobertura e efetividade, realizando ações de caráter cada vez mais pontuais e imediatistas. No Brasil, a adoção dos princípios neoliberais levou programas governamentais a assumirem as privatizações e cortes de gastos públicos como políticas prioritárias. (BEHRING; BOCHETTI, 2011).

Este debate se torna ainda mais relevante quando tratamos de questões sensíveis a setores e camadas da população em vulnerabilidade e risco social, aqueles que sofrem diretamente as consequências das perdas de direitos sociais, como é o caso das pessoas envelhecidas em). Como destaca Yazbek (2008, p.4):

O papel do Estado só pode ser objeto de análise se referido a uma sociedade concreta e à dinâmica contraditória das relações entre as classes sociais nessa sociedade. É nesse sentido que o Estado é concebido como uma relação de forças, como uma arena

³¹ Fernando Henrique Cardoso, também conhecido como FHC (Rio de Janeiro, 18 de junho de 1931), é um professor, sociólogo, cientista político, escritor e político brasileiro. Filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil. O governo presidencial de dois mandatos (1994-1997; 1998-2002) de Fernando Henrique Cardoso foi marcado pela efetiva implantação da política Neoliberal no Brasil". Natural da cidade do Rio de Janeiro, mudou-se com sua família para a cidade de São Paulo, onde se casou em 1953 com a antropóloga e sua colega de faculdade Ruth Vilaça Correia Leite, com quem teve três filhos. FHC graduou-se em Sociologia pela Universidade de São Paulo e mais tarde tornou-se professor emérito daquela universidade. Foi perseguido depois do golpe militar de 1964, exilando-se no Chile e na França, voltando ao Brasil em 1968. Lecionou em universidades estrangeiras e desenvolveu uma importante carreira acadêmica, tendo produzido diversos estudos sociais premiados. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/governo-fernando-henrique-cardoso.htm>.

³² Luiz Carlos Bresser-Pereira foi ministro do governo Fernando Henrique Cardoso nos anos de 1990 e responsável pela Reforma Gerencial do Estado, que deu origem às Organizações Sociais. Nasceu em São Paulo, 30 de junho de 1934, economista, cientista político, cientista social, administrador de empresas e advogado brasileiro. É professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, desde 1959, e edita a Revista de Economia Política desde 1981. Foi ministro da Fazenda do Brasil (1987) e, nessa condição, propôs uma solução geral para a grande crise da dívida externa dos anos 80 na qual se baseou o Plano Brady, que resolveu a grande crise da dívida externa dos anos 80. Foi também o criador do Plano Bresser, que reajustou as tarifas públicas defasadas e congelou salários, preços e o câmbio por 90 dias na expectativa de combater a inflação. Foi Ministro da Administração Federal e Reforma do Estado (1995-1998) e Ministro da Ciência e Tecnologia (1999). Parte da sua carreira foi dedicada a estudar a burocracia pública e a profissionalização da administração das empresas, a industrialização brasileira e os efeitos da doença holandesa. É um dos contundentes críticos do liberalismo, do livre-comércio e defensor de medidas protecionistas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/csDmFr3LjKYv4JmPTXVr3Dg/?lang=pt>.

de conflitos. Relação assimétrica e desigual que interfere tanto na viabilização da acumulação, como na reprodução social das classes subalternas. Na sociedade capitalista o Estado é perpassado pelas contradições do sistema e assim sendo, objetivado em instituições, com suas políticas, programas e projetos, apoia e organiza a reprodução das relações sociais, assumindo o papel de regulador e fiador dessas relações. A forma de organização desse Estado e suas características terão, pois, um papel determinante na emergência e expansão da provisão estatal face aos interesses dos membros de uma sociedade.

Em um Estado capitalista, a função de proteção da propriedade privada é radicalizada, pois além de garantir que as empresas privadas e os empreendedores cumpram papel de inovadores na criação da riqueza – estabelecendo uma regulação que os libere de qualquer limite para atingir seus fins, a exemplo das contrarreformas trabalhistas –, transfere serviços públicos sob responsabilidade do Estado para o setor privado e incorpora os valores da gestão empresarial privada na administração pública (DRUCK, 2021).

O Estado desempenha um papel central nessa nova estratégia de valorização e disseminação da concorrência, pois é o responsável por responder à crise e elaborar melhores condições fiscais e sociais para a valorização do capital. São escolhas políticas que se consubstanciam na aplicação de contrarreformas que tem como eixo a redução do custo da força de trabalho, seja através da subtração de direitos, seja através das reformas administrativas que visam reduzir salários, direitos e vínculos estáveis dos servidores públicos (DRUCK, 2021).

Como resultado das relações de forças entre as classes sociais em um dado momento, o Estado capitalista é um produto histórico, sujeito a transformações e assumindo configurações distintas nas diferentes conjunturas históricas. Nesta medida, o Estado de bem-estar social³³, fruto do pacto social e do padrão fordista de desenvolvimento capitalista, pode ser considerado como oposição ao neoliberalismo. O Estado de bem-estar social se desenvolveu mais plenamente nos países europeus do pós-II Guerra, sobretudo nas nações escandinavas, o modelo enfrenta um desgaste que parece ruir com o objetivo de sua implementação. No Brasil, país de profunda desigualdade social, o Estado de bem-estar social é questionável, sendo definido por Sposati (1995), como um Estado de bem-estar ocupacional:

os direitos sociais se erigem associados ao campo de “trabalho formal”, enquanto que a maioria da população brasileira é mantida à margem de um padrão básico de cidadania. Compreendendo, pois, um quadro no qual “[...] as condições de reprodução

³³ Embora existam muitas definições sobre o estado de bem-estar, Esping-Andersen (1999, p. 34) o define como: “um tipo de estado no qual o poder público conscientemente organizado é usado para reduzir o papel das forças do mercado.” Dessa forma, é aceito dentro do escopo do papel do estado de bem-estar social fornecer uma garantia de renda mínima para indivíduos e famílias, facilitar a prevenção de certos riscos sociais e oferecer boas condições de vida aos indivíduos da sociedade por meio do bem-estar social.

social foram seletivamente estendidas a estratos ocupacionais a partir de sua importância econômica ou do grau de organização política” (SPOSATI, 1995, p. 14).

No contexto brasileiro, o Estado³⁴, além de não ter atuado a partir de um horizonte universal dos direitos sociais e das políticas sociais, esteve marcado por relações de favorecimentos a determinadas classes sociais. Distante de realizar a igualdade de direitos por meio da oferta e do acesso aos bens e serviços públicos, que relegassem as diferenças sociais

³⁴**Governo Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016)**; as políticas sociais realizadas pelos governos progressistas apresentam um duplo caráter. De um lado, não há dúvida de que constituíram um avanço, melhorando as condições de vida e de reprodução das parcelas mais pobres do país, sobretudo por conta do Programa Bolsa Família, da valorização do salário mínimo e, para uma menor parcela, do acesso à educação superior gratuita. De outro lado, percebe-se que a via ou o instrumento eleito para que essa melhora ocorresse foi a renda ou o salário, mantendo-se, em geral, sem alteração as estruturas seculares que geram a pobreza e a desigualdade no país. Ao mesmo tempo, tais governos foram determinantes na consolidação do setor privado em áreas de política social, inflando a pressão por privatização que tenderá a se acentuar nos próximos anos. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/yTJLwCYQ89PvV77mJgRwGHq/?lang=pt>. (MARQUES, ET AL, 2018, p.1).

Governo Temer (2016-2017), o Estado brasileiro, permaneceu distante de realizar, a partir da oferta e do acesso aos bens e serviços públicos a exemplo citamos que a partir da análise do contexto socioeconômico e político do golpe de 2016, Silva (2017) enfatiza que a opção do Governo Temer por um projeto conservador, orientado pelo desmonte dos direitos sociais e desestruturação da seguridade social no Brasil, é complementado pelas ações para redefinição do orçamento público para a Política de Assistência Social, como a Emenda à Constituição PEC nº241/2016, posteriormente denominada Emenda Constitucional nº 95, que instituiu, de forma arbitrária, o Novo Regime Fiscal (NRF) para a União pelos próximos vinte anos, e estabeleceu limites para as despesas primárias, destinadas a cada um dos poderes, de maneira que o crescimento anual dos gastos não pode ultrapassar a taxa de inflação de 2016. O NRF, instituído no Governo Temer, inviabilizou, portanto, a vinculação dos recursos para as políticas sociais, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988, visto que impõe o congelamento das despesas primárias, excetuados os gastos com o pagamento de juros da dívida. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/23479/21170.

Governo Bolsonaro (2018-2022). Apesar dos sucessivos cortes na política de Assistência social, lembremos aqui a Portaria nº 2362/2019 publicada pelo então Ministro da Cidadania, Osmar Terra, que resultou no corte de cerca de 40% dos recursos federais e pôs em risco o pacto federativo e a continuidade dos serviços desta política (BRASIL, 2019), o governo Bolsonaro, em meio à pressão do Congresso, liberou um aporte extraordinário de R\$ 2,5 bilhões para fortalecer as atividades do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O foco central desta medida foi possibilitar que municípios com maior ocorrência de Coronavírus tivessem condições de prover Benefícios Eventuais à população. A Medida Provisória nº 953/20 previu ações de enfrentamento, no campo da saúde pública, ao Coronavírus no contexto do SUAS, atendendo tanto usuários/as cadastrados/as, quanto àqueles/as que se encontram sem as mínimas condições de prover seus sustentos (CASTILHO; LEMOS, 2021, p. 274). Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TyMKscqjWfwpbScmWpwCvc/>. Acesso em 02 de abr. de 2023.

Novo Governo Lula (2023–2026), De acordo com o relatório final da transição governamental (2022, p. 19-20): A Previdência Social e a Seguridade Social são um dos mais importantes mecanismos de proteção e desenvolvimento social do País. Os benefícios monetários do Regime Geral de Previdência Social (RGPS) sustentam, direta ou indiretamente, mais de 90 milhões de brasileiros e a Seguridade é fonte de renda para cerca de 140 milhões de cidadãos. Atualmente, 78% dos idosos têm nos benefícios previdenciários e no Benefício de Prestação Continuada (BPC) uma de suas principais fontes de rendimento familiar. Os avanços sociais expressos na Constituição de 1988 proporcionaram a inclusão dos idosos rurais e urbanos, o combate ao êxodo rural, o apoio à agricultura familiar, a promoção da economia regional, especialmente por seu papel redistributivo nos municípios mais pobres. Reduziram também a desigualdade de renda e a situação de pobreza dos mais velhos. As medidas adotadas pelo Governo Federal, a partir de 2016, ameaçam essas conquistas e colocam o novo governo diante do desafio de reconstruir a Seguridade Social e a Previdência Social. Disponível em: <https://gabinetedatransicao.com.br/noticias/relatorio-final-do-gabinete-de-transicao-governamental/>. Acesso em: 20 de març. 2023.

ao plano econômico, a esfera governamental também foi um refém histórico das classes dominantes brasileiras. À vista disso, destaca Yazbek (2006, p. 37):

[...] o caráter regulador de intervenção estatal no âmbito das relações sociais na sociedade brasileira vem dando o formato às políticas sociais no país: são políticas casuísticas, inoperantes, fragmentadas, superpostas, sem regras estáveis ou reconhecimento de direitos. Nesse sentido, servem à acomodação de interesses de classe e são compatíveis com o caráter obsoleto dos aparelhos do Estado em face da questão. Constituem-se de ações que no limite, reproduzem a desigualdade social na sociedade brasileira.

Em meio ao sistema econômico capitalista de recorte neoliberal, as políticas sociais assumem um caráter contraditório na realidade mundial e particularmente no Brasil, pois, ao mesmo tempo em que representam conquistas da classe trabalhadora, que lutou por seu reconhecimento no cenário político e pelo reconhecimento de suas necessidades e demandas; apresentam um cunho de consenso e coerção, pois, respondem igualmente às necessidades do capital, com a manutenção e reprodução da classe trabalhadora, legitimando os interesses e a hegemonia dominante e apresentar as políticas sociais como concessão.

Assim, o Estado tem sido redesenhado em favor dos interesses do capital, dirigindo um processo de desresponsabilização perante os direitos e políticas sociais. A esfera estatal é apresentada como inoperante, ineficiente diante da reestruturação do Capital, e refletindo negativamente ao enfrentamento das expressões de desigualdades sociais na sociedade brasileira. O exemplo concreto sobre os impactos neoliberais na vivência cotidiana da população brasileira, quanto a precariedade das políticas sociais, foi trazido por Zenon:

[...] falo no sentido, de até mesmo, nos direitos... até pouco tempo teve a gratuidade de ônibus, de passes, coisas que já deveria ter há muito tempo, mas tem muitas outras coisas como o próprio remédio, o governo tirando do coitado que está na fila, que não tem dinheiro para comprar o remédio e jogando lá naquele “orçamento secreto”, que vai para aqueles políticos, que vai só para eleger eles e não tem que justificar. Isso dói! E quantas pessoas idosas que quando eu levava a minha esposa para fazer quimioterapia, radioterapia lá no hospital, lá no Leonor, você via essas coisas de perto, porque você está vivendo, então, a partir do momento que comecei a ver aquilo lá, comecei a ver essas coisas, vejo que está faltando nessa área da saúde, ainda está muito devagar e está precisando mexer muito, precisava porque você vê as pessoas aí, custo de vida altíssimo, nossa Senhora! Então isso é triste! Porque uma pessoa mais jovem pode até superar, mas uma pessoa de idade, já passou, já está cansada e ainda tem que viver esses momentos difíceis, poderia ser melhor.

Apesar do artigo 9º do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), assegurar a obrigação do Estado em garantir à pessoa envelhecida a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. A população mais vulnerável vivenciará com maior intensidade a precariedade da vida. Como

destaca Butler (2018, p.80), “[...] a nossa precariedade depende em grande medida da organização das relações econômicas e sociais, da presença ou ausência de infraestruturas e de instituições sociais e políticas de apoio”.

Esta realidade requer medidas que se oponham à racionalidade neoliberal e, para isso, é fundamental a luta pela democracia. Segundo Dardot e Laval (2017, p.19 e 21), destacam a importância do princípio político do Comum como mecanismo para a busca de novas formas democráticas:

[...] o termo “comum” designa não o surgimento de uma ideia eterna, mas a emergência de uma forma nova de se opor ao capitalismo — inclusive, de visar a sua superação. [...]é princípio político percebido por meio de movimentos, lutas e discursos dos últimos anos que se opuseram à racionalidade neoliberal pelo mundo, na busca por novas formas democráticas, é os espaços urbanos que a política neoliberal tem por intuito confiscar.

Entretanto, na medida em que demanda um outro tipo de atitude em relação aos outros, às coisas e a si mesmo, o comum pode ser pensado não apenas como princípio político, mas também como princípio de justiça e como princípio ético-formativo não excludente, principalmente para a população envelhecida.

4.2 A GARANTIA DOS DIREITOS DE PROTEÇÃO À VELHICE NO BRASIL: ESTADO, SOCIEDADE E FAMÍLIA.

Frente ao explanado, torna-se relevante apontar a trajetória pertinente a incorporação da questão dos direitos a proteção social³⁵ a velhice na agenda governamental brasileira, que foi influenciada pelos movimentos sociais que pressionaram o Estado em relação à necessidade de implantar políticas voltadas à população envelhecida, devido ao aumento significativo deste público no mundo, bem como as exigências de organismos internacionais.

As décadas de 1980 e 1990 são marcadas pela emersão do envelhecimento na agenda social como um problema social e político relevante. Essa transformação da velhice em tema privilegiado deve-se tanto à revolução demográfica mundial, com o aparecimento do fenômeno da longevidade, também em países em desenvolvimento como o Brasil, quanto à força de grupos de pressão como o movimento de aposentados e pensionistas, as diversas organizações da sociedade civil, organismos internacionais, responsáveis pela vocalização do envelhecimento, sob a influência da Gerontologia

³⁵ A proteção social visa a vida digna, com redução das incertezas e inseguranças provenientes da própria desigualdade capitalista, dos ciclos familiares e individuais e dos conflitos sociais com a satisfação das necessidades fundamentais dentro de um padrão normativo democrático de cidadania (FALEIROS, 2007, p.50).

Internacional, principalmente norte americana, cuja a orientação influenciará o modo de interpretar a problemática do envelhecimento e as políticas públicas. (TEIXEIRA, 2008, p.170).

Cabe destacar o maior movimento social a favor da população envelhecida, que foi a criação da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COBAP), em 1985. Pessoas envelhecidas de todo o país se organizaram, tornando os trabalhos da Assembleia Constituinte como seu principal interlocutor para as conquistas previdenciárias e os vários eventos promovidos pelo movimento foram responsáveis por grande parte das conquistas na Constituição de 1988. “Ao final dos anos de 1980, o poder de organização das associações e das federações era tanto que os aposentados e pensionistas formaram o segundo maior lobby na Constituinte, perdendo apenas para o grupo ruralista da União Democrática Ruralista” (TEIXEIRA, 2008, p.173).

Outro momento importante foi a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento ocorrida em Viena (1982), considerada um marco inicial na constituição de uma agenda internacional de políticas públicas dirigidas ao segmento da população envelhecida. A segunda Assembleia, em Madrid, no ano de 2002, onde foi produzido o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, do qual o Brasil é signatário.

Estas agendas dirigidas pela ONU, foram indispensáveis para o suscitar o Brasil acerca da incorporação desta discussão, bem como para o aprimoramento do seu conjunto jurídico sobre o tema, permitindo um avanço no país em relação a pauta interna sobre políticas para a velhice.

Ressalta-se que, apesar da influência das Assembleias Mundiais sobre o Envelhecimento, os movimentos sociais foram fundamentais para a implantação das questões do envelhecimento na agenda política brasileira, caracterizando-se assim a existência do “movimento político” entre Estado e movimentos sociais na busca de efetivação de direitos.

A velhice no decorrer do tempo está sendo inserida na cena das políticas públicas, traçando avanços ao direcionar o olhar para o segmento da pessoa envelhecida, especialmente sob a perspectiva dos direitos sociais, mesmo diante da agenda neoliberal que vem se intensificando desde a década de 1970. Na década de 1980, sob a ótica normativa-jurídica, demos ênfase ao marco expansivo e legitimador das políticas públicas que se estabeleceu na Constituição Federal, em 1988.

A Constituição Brasileira de 1988, destaca em vários artigos os direitos à velhice, porém, a atenção neste estudo se volta à Seguridade Social. Ao adentrar a Previdência Social, que tem por base o art. 201 da C.F, indica que a previdência social será organizada sob a forma

de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial.

Caberá à Previdência Social o atendimento a cobertura dos eventos de doença, invalidez, morte e idade avançada; proteção à maternidade, especialmente à gestante; proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário; salário-família e auxílio-reclusão para os dependentes dos segurados de baixa renda; pensão por morte do segurado, homem ou mulher, ao cônjuge ou companheiro e dependentes, observado o disposto no § 2º.

No que se refere à Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS, 1993), lei, n. 8.742, reconhece a pessoa envelhecida como um dos seus segmentos de atenção prioritária. A lei visa garantir a proteção social aos cidadãos, ofertando apoio a indivíduos e famílias, no enfrentamento de situações de vulnerabilidade e de risco pessoal e social. Atua por meio da oferta de serviços, benefícios, programas e projetos socioassistenciais.

A LOAS estabelece no artigo 2º, que a Assistência Social tem entre os seus objetivos: “a garantia de um benefício mensal de um salário-mínimo a pessoa com deficiência e idosa que não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família” (BRASIL, 2010), realidade concretizada com o Benefício de Prestação Continuada (BPC). (YAZBEK; SILVA, 2014).

A LOAS (alterada pela Lei nº 13.714, de 24 de agosto de 2018), preconiza que a Assistência Social seja organizada em um sistema descentralizado e participativo, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que é o responsável pela organização e oferta da Assistência Social em todo o Brasil em dois tipos de Proteção: Básica e Especial, promovendo bem-estar e proteção social a famílias, crianças, adolescentes e jovens, pessoas com deficiência, pessoa idosas – enfim, a todos que dela necessitarem.

Em relação à saúde, como desdobramento da lei Orgânica de Saúde, aprovada em 1990, Lei n. 8.808/1990 que assegurou o direito universal e integral à saúde, foi estabelecida em 1999, a Política Nacional de Saúde da pessoa idosa, mediante Portaria Ministerial n. 1.395/1999 e regulamentada pela Portaria n. 2.528 de outubro de 2006 que a renomeou como Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, estabelecendo como uma de suas diretrizes a promoção do envelhecimento ativo e saudável, de acordo com as recomendações da Organização das Nações Unidas. (YAZBEK; SILVA, 2014).

Sobre o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI), possui previsão na Lei nº 8.842/1994, que o estabeleceu como órgão permanente, paritário e deliberativo, composto por igual número de representantes de órgãos e entidades, responsável pela supervisão, acompanhamento, fiscalização e avaliação da política nacional da pessoa idosa.

O CNDI é um órgão superior de natureza e deliberação colegiada. Cabe a ele elaborar as diretrizes para a formulação e implementação da Política Nacional da Pessoa Idosa. Este conselho contabilizou avanços importantes na política de promoção aos direitos das pessoas idosas no país, dentre eles, foi a criação do Estatuto da Pessoa Idosa, que foi apresentado acima.

Compreendendo que a legislação seja apenas uma das iniciativas a serem assumidas pelo poder público, verifica-se a necessidade de uma codificação mínima sobre o assunto a partir da esfera federal, nesse sentido, em 1994, foi implantada a Política Nacional da Pessoa Idosa (PNI), Lei n. 8.842, que traz no seu artigo 1º, como objetivo a necessidade de “assegurar os direitos sociais do pessoa idosa, criando condições para prover a sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 2010), tendo a família, a sociedade e o Estado iguais responsabilidades na provisão de condições que permita a esse segmento social o pleno exercício de sua cidadania. (YAZBEK; SILVA, 2014).

Esta lei também priorizou o convívio em família em detrimento do atendimento asilar, definiu como pessoa idosa aquela maior de 60 anos de idade. Evidenciou a pessoa idosa não somente como sujeita de direitos, mas preconizou um atendimento de maneira diferenciada em suas necessidades físicas, sociais, econômicas e políticas.

Sobre o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei n. 10.741, apresenta como objetivo regular os direitos assegurados às pessoas idosas, prevê, que:

Artigo 2º, a pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual espiritual e social em condições de liberdade e dignidade.

Artigo 3º. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar a pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária

Conforme o Estatuto, estão declarados os Direitos Fundamentais da Pessoa Idosa, que são: Direito à vida; Direito à saúde; Direito à alimentação; Direito ao transporte; Direito à educação, cultura, esporte e lazer; Direito à assistência social; Direito ao trabalho; Direito à cidadania; Direito à previdência social; Direito à liberdade, respeito e dignidade.

Importante frisar quanto aos deveres de amparar as pessoas idosas, anteriormente ao Estatuto da Pessoa Idosa, a Constituição Federal de 1988, já havia expressado claramente em art. 230 a defesa da dignidade e da participação, o dever de amparar as pessoas idosas com a responsabilidade da família, da sociedade e do Estado: “a família, a sociedade e o Estado têm

o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988).

O princípio da reciprocidade entre pais e filhos é claramente manifestado no art. 229: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”. Em relação a responsabilidade da família no amparo a pessoa envelhecida, as autoras Ferreira e Teixeira (2014, p.168), apresentam uma importante reflexão:

Evidenciar a família como espaço prioritário no cuidado com o idoso, por um lado, avança na perspectiva de acionar a institucionalização (o abrigo) do indivíduo apenas como última opção, o que pode trazer, em muitos casos, efeitos positivos, tendo em vista que o idoso estaria em convívio com os seus familiares, evitando assim o isolamento, que poderia levar a graves consequências, como depressão, por exemplo. Por outro lado, pode implicar a responsabilização das famílias que, por vezes, já se encontram fragilizadas, sem condições de cuidar dele. Essa perspectiva reforça, mais uma vez, a redução do Estado, que dirige suas ações apenas para casos de extrema pobreza.

O cuidado com as pessoas idosas é um desafio diante das políticas públicas atuais, pois, apesar das mudanças demográficas, sociais e econômicas que tiveram impactos nas famílias, estas permaneceram sendo consideradas como os entes prioritários para a proteção aos seus membros. No entanto, o Estado dispõe de poucos recursos via políticas sociais que possam viabilizar às famílias a garantia e a permanência de fato dessa proteção a pessoa envelhecida no contexto familiar, conforme expressa Goldani (2004, p. 236):

Os crescentes custos das tarefas de cuidar, ao lado das dificuldades econômicas, mudanças demográficas e nos contratos de gênero sugerem que as famílias brasileiras não poderão continuar como as principais cuidadoras de seus dependentes sem a ajuda do Estado. A ideia hoje, mesmo fora dos círculos neoliberais, é de que as famílias provêm cuidado melhor e a custos mais baixos do que o Estado. Entretanto, no repasse das tarefas de proteção e cuidado do Estado para a sociedade civil, em particular para a família, questões importantes são negligenciadas. Por exemplo, os diferentes papéis do Estado e da família ou as diferenças entre as políticas públicas e as ações privadas, e o fato de que as mulheres deixaram de ser um —recurso invisível e passaram a ser um —recurso escasso entre as gerações.

Como as políticas sociais e as legislações consideram, prioritariamente, a família como responsável pelos cuidados, às pessoas idosas e famílias que têm acesso a boas condições de renda e recursos acessam os serviços no mercado, contudo, os que não possuem recursos, principalmente financeiros e econômicos, enfrentam muitas dificuldades na manutenção do cuidado.

Diante dos direitos estabelecidos legalmente no país, tornou-se relevante entender a experiência dos velhos (as) participantes do estudo quanto a percepção no que se refere à Garantia dos Direitos pelo Estado, Sociedade e Família:

Eu consigo perceber, quando eu recebo informações, palestras, por exemplo: nós tivemos aqui (Chácara do Idoso), palestra de um médico que trabalha com deficiências na terceira idade, como o Parkinson e o Alzheimer e ele tratou desse assunto, os direitos dessas pessoas com Alzheimer e surgiram muitas questões de famílias, de pais e mães com Alzheimer. Minha família garante meu direito, as vezes quando eu estou errada, assim, quando tenho direitos e não procuro, minha filha orienta (Belezinha).

Ah... Nem todo o direito o Estado garante, principalmente na área da saúde, quando você vai procurar um médico, as vezes aqui em Sorocaba, não tem um médico para idoso. Eu mesmo recorro e vou para São Paulo, no hospital municipal de lá; então eu acho daqui difícil, os hospitais que tem aqui, eu acho o atendimento péssimo para idoso, muito demorado, talvez seja isso da gestão (Cruz)

Quanto a garantia dos direitos pelo Estado e sociedade, vejo que não garantem, acho que o Estado tem muito que passar para o idoso, muito mesmo e por questões políticas, como o salário mesmo que já comentei, mas o idoso precisa de muitas coisas, dar mais condições, tem muitas coisas que o ente público deveria ver. Como é agora, ainda que melhorou para os deficientes o acesso, houve boa melhora, que até então era muito difícil... isso só fui observar também, quando minha esposa teve que ficar numa cadeira de rodas, eu percebi as dificuldades que eu tinha quando queria levar ela, por que foram dois anos, que é muito tempo né, levando ela para lá e para cá e vi o quanto um deficiente físico sofre diante do descaso público (Zenon).

Diante das narrativas, é importante ressaltar que a República Federativa do Brasil é caracterizada por ser um Estado Democrático de Direito, cujo exercício político será exercido mediante uma democracia. Conforme evidenciado no Preâmbulo da Constituição Federal de 1988, o Estado brasileiro firma compromisso em prestar direitos positivos em prol dos indivíduos. Conforme Faleiros (2007, p. 37), aponta que: “A constituição do Estado de Direito, como pacto e como lei, torna-se o eixo de organização da vida em sociedade e do processo de fabricação do sujeito cidadão na modernidade”.

Sendo assim, a partir das narrativas, foi possível perceber que Belezinha abordou a questão da garantia de direitos diante das informações que recebe pelo serviço da Chácara do Idoso, bem como percebe que sua família oferta proteção e luta por seus direitos quando necessita.

A fala do Cruz evidencia que a pessoa envelhecida não é uma prioridade dos gestores públicos, ou seja, a diminuição nos investimentos ou cortes de recursos públicos faz com que os serviços públicos prestados à população sejam de péssima qualidade e as políticas sociais passam a serem meras ações paliativas. (BEHRING; BOCHETTI, 2006).

Zenon pontuou que a ação do Estado está muito aquém do ideal, isto é, não tem garantido os direitos da população idosa; o Estado precisa oferecer melhores condições de vida, desde a implementação de um salário mínimo mais justo, que garanta às necessidades da pessoa envelhecida. Conforme bem colocado por Zenon, este público “precisa de muitas coisas”, sendo assim, importante reforçar o pensamento de Yamamoto (2008, p. 149), sobre os direitos sociais frente ao projeto neoliberal:

Vale reiterar que o projeto neoliberal subordina os direitos sociais à lógica orçamentária, à política social, à política econômica, em especial às dotações orçamentárias. Observa-se uma inversão e uma subversão: ao invés do direito constitucional impor e orientar a distribuição das verbas orçamentárias, o dever legal passa a ser submetido à disponibilidade de recursos. São as definições orçamentárias – vistas como um dado não passível de questionamento – que se tornam parâmetros para a implementação dos direitos sociais [...].

A submissão dos direitos sociais à rentabilidade econômica coexiste com o discurso de universalização de direitos. Entretanto, a ampliação de políticas sociais focalizadas, para atender a população que se encontrava na miséria, não conseguiu alcançar a população em situação de pobreza. Com a reestruturação neoliberal do sistema capitalista ocorreu um alarmante aumento das desigualdades econômicas e sociais (IAMAMOTO, 2008).

Portanto, como se percebe, a qualidade do envelhecimento de uma população significativamente heterogênea como a brasileira, depende de políticas públicas, ou seja, de ações estatais voltadas ao atendimento das demandas do segmento envelhecido da população, o qual necessita de serviços muito específicos, principalmente na seguridade social., visto que:

Para ser considerado cidadão ou cidadã, a pessoa precisa ter asseguradas, pelo Estado e pela sociedade, as condições de vida digna na sua história e na sua trajetória. A pessoa torna-se credora do Estado de Direito para viver e conviver com liberdade, igualdade, justiça e equidade democraticamente estabelecidas (FALEIROS, 2007 p.49).

Esse quadro nos impõe um grande desafio de exigir das agências estatais a implementação de políticas públicas para o atendimento das necessidades específicas das pessoas envelhecidas. Apesar dos avanços significativos que foram apresentados, como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Pessoa Idosa, Política Nacional da Pessoa Idosa, além de tratados internacionais, ainda há muito que caminhar para efetivação dos direitos dos idosos mais vulneráveis, principalmente no que se refere aos direitos de proteção social.

Diante do exposto, o reconhecimento da condição da pessoa envelhecida na sociedade brasileira supõe a garantia de esforços que promovam a sua condição plena de cidadania, ou

seja, procurar assegurar a sua autonomia, sua integração e participação efetiva na sociedade. (YAZBEK; SILVA, 2014).

4.3 O CONHECIMENTO E EXERCÍCIOS DOS DIREITOS PELOS(AS) VELHOS/AS

No campo jurídico, os direitos relativos à velhice estão constitucionalmente assegurados no Brasil. Entretanto, a existência legal não garante a efetivação desses direitos e, por isso, é fundamental que os velhos/as conheçam seus direitos e participem ativamente na defesa de sua causa.

Nesse sentido, buscou-se compreender a percepção que os velhos/as possuem sobre seus direitos e, no geral, as falas dos participantes convergem em um ponto: “Eu conheço muito pouco dos direitos, não sei nem dizer” (Cruz).

É interessante notar que todos eles compreendem a importância desses direitos, como também das atuações individuais na sua observância e garantia:

Não conheço todos os direitos não, eu inclusive nem procuro por saber, isso é uma falha que eu tenho, eu tinha um amigo lá em Porto Velho, que sempre me chamava a atenção, pelos meus direitos: é seu direito, procura! A gente deixa passar muita coisa, às vezes pela própria formação. Essa minha filha de Caraguá ela se formou em direito, então, ela briga muito comigo: Mamãe, não pode deixar! isso é seu direito, não é assim! Mas não quero bater a cabeça, não quero me indispor, aí deixa para lá, mas a filha fala: mas você está jogando seu dinheiro fora, sem necessidade, estão abusando de você, ultrapassando seu limite! mas falo: deixa. :Você tá vendo que a pessoa quer lhe passar a perna, né, incrível! E quando eu sei e aprendo alguma coisa, daí eu passo para os outros, que as vezes é pior que eu, coitados, aí vou informar, ajudo, dentro do possível. (Belezinha).

Sobre conhecer os direitos das pessoas idosas, ainda tem muitas coisas que não sei, deve ter muitas coisas que preciso ainda me inteirar, não sei se por causa da minha própria atividade, que exige muito da gente, então se vive muito em cima disso e o tempo acaba se esgotando... por isso eu queria ter uma vida um pouco mais tranquila financeiramente para poder parar um pouco e desacelerar dessa minha atividade (profissional) e começar e ver bem mais o que poderia, porque assim, eu posso exigir mais também, porque é um desrespeito muito grande, as pessoas passam por cima de muitas coisas[...] (Zenon).

Conhecer os seus direitos é extremamente importante, pois quando temos ciência conseguimos desfrutar seus benefícios ou mesmo reivindicá-los. As falas evidenciam a superficialidade do conhecimento sobre os direitos dos velhos/as, bem como apontam a dificuldade em reivindicá-los quando isso se faz necessário. Como disse Belezinha, ela evita se indispor para evitar desgastes. É possível perceber também o quanto as atividades cotidianas,

como o trabalho, absorvem o tempo desses sujeitos, dificultando a busca por conhecer ou se aprofundar nessa questão.

O conhecimento dos velhos/as sobre seus direitos independe de questões como classe social, renda, escolaridade e idade. Por esse motivo, as Orientações Técnicas de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas preconizam a existência de três eixos estruturantes para nortear a metodologia do serviço, são eles:

- Convivência Social e Intergeracionalidade;
- Envelhecimento Ativo e Saudável; e
- Autonomia e Protagonismo.

Dentro de cada eixo há uma série de temas a serem trabalhados. No que tange ao exercício dos direitos destacamos especificamente a relação com o eixo Autonomia e protagonismo. Por exemplo:

Envelhecimento e Direitos Humanos e Socioassistenciais.

O tema transversal Envelhecimento e Direitos Humanos e Socioassistenciais abordará a concepção da pessoa idosa como sujeito de direitos, cidadã, participante ativa da sociedade, com direitos e deveres. Desta maneira, as atividades do serviço tratarão de conteúdos referentes aos direitos humanos e socioassistenciais da pessoa idosa, baseado na Política Nacional de Assistência Social, no Estatuto da Pessoa Idosa e na Política Nacional da Pessoa Idosa, além de outros documentos de referência. Este tema também contemplará informações sobre participação em conselhos e outras instâncias de controle social, como, por exemplo, conselhos de defesa dos direitos dos idosos, conferências da pessoa idosa. Informações sobre os programas sociais de proteção à pessoa idosa também serão apresentados neste tema transversal, incluindo conteúdos que tratem da prevenção de riscos sociais, como a violência contra a pessoa idosa, entre outros (REF, 2012, p. 59).

Tomando as Orientações Técnicas como princípio, é fundamental que a temática dos direitos seja debatida de forma continuada dentro dos SCFV. Especificamente na Chácara do Idoso de Sorocaba, foi possível perceber que não há um trabalho contínuo na área, mas ações pontuais esporádicas. Isso ficou perceptível no informativo entregue à população sobre as atividades diárias desenvolvidas, bem como através dos relatos dos(as) velhos/as.

Também é preciso que haja uma maior divulgação dos espaços de participação para o velho/a, como os Fóruns e Conselhos da pessoa Idosa, para que esses sujeitos possam conhecer e participar do cenário político que os envolve, fortalecendo-se para lutar pela preservação dos direitos já adquiridos, bem como lutar por novas conquistas.

Com relação ao acesso e exercício dos Direitos, os participantes disseram:

[...] Eu acho que não tenho acessado e exercido a maioria dos direitos, muito pouco, pouco mesmo, por lerdeza mesmo, por exemplo, tem os manuais de consumidor, as vezes pedimos coisas na internet e sumiu, eu não fui atrás, deixa para lá, não faço questão. A minha filha sempre diz: mamãe, tudo isso é dinheiro, a Sra. Pagou! (Belezinha).

Por exemplo, aqui na Chácara, sempre tem uma pessoa que fala dos direitos, se eu precisar vou procurar orientação aqui, aqui na Chácara, entendeu? Ou com algum conhecido, que pode indicar eu em algum lugar. Alguns, por exemplo, o direito de andar de transporte público, eu aproveito bem e os serviços públicos (Cruz).

[...] Para acessar os direitos, tenho que fazer valer... porque ainda quando me vejo numa situação em que percebo que estou sendo desrespeitado eu vou em frente, procuro falar com a pessoa primeiro, eu faço uma encrenca... não uma encrenca, mas as pessoas levam para esse lado [...] eu até conversei com o prefeito, porque quando estive em um evento, [...] os velhos estão numa situação financeira desprivilegiada... é caro você ir assistir um show, eu acho que a pessoa idosa teria o direito, mas não divulgam muito, procuram não divulgar muito porque eles já tem a estatísticas de idosos grande e de repente... entendeu [...] mas, tem muitos eventos aí que você tem que chegar e falar que sou idoso eu posso entrar! Coisas que não deveria ser assim. Porque se existe a lei o idoso tem entrada... não sei... a não ser que esteja enganado, mas esse é um dos aspectos né... e outras coisas mais (Zenon).

Em sua fala, Belezinha se responsabiliza por desconhecer ou mesmo não acessar e exercer seus direitos. Na mesma linha, Cruz diz que pode buscar informações sobre seus direitos na Chácara do Idoso ou com algum conhecido, além de apontar o acesso ao transporte e alguns serviços públicos como os direitos aos quais ele acessa. Zenon demonstra mais iniciativa, entende que ele deve fazer valer seus direitos e diz que quando se sente desrespeitado procura reivindicá-los. Percebe-se nele uma compreensão mais ampla da situação quando ele fala da necessidade de uma maior divulgação sobre os direitos estabelecidos legalmente, visto que em sua visão a população idosa vivencia uma situação financeira desprivilegiada.

Essa questão corrobora o que nos diz Faleiros (2002, p.60):

A garantia do acesso às políticas básicas depende de condições mínimas de informação, apresentação pessoal, transporte, capacidade de falar, de requerer, entender o itinerário institucional, elaborar recursos das decisões”. Ainda segundo o mesmo autor: [...] A cidadania³⁶ se fortalece nas relações Estado/Sociedade, nas mediações concretas das políticas sociais [...].

Outro aspecto relevante a ser apontado se refere ao conhecimento das pessoas idosas sobre a Política de Assistência Social, questão que todos eles sinalizaram desconhecimento:

³⁶ A cidadania se constitui no exercício dos direitos civis, políticos, sociais, ambientais, éticos, que foram construídos historicamente, através das leis, normas, costumes, convenções, que fazem com que os indivíduos sejam reconhecidos como membros ativos de uma determinada sociedade, podendo exigir dela os seus direitos, ao mesmo tempo que ela lhe exige determinados deveres comuns. Os deveres do Estado são, por sua vez, direitos do cidadão.” (FALEIROS, 2002, p. 60-61).

“Não conheço, nunca foi divulgado, não sei, nem os benefícios que pode me proporcionar” (Belezinha).

“Não, não conheço, eu sei que é importante, mas eu não conheço” (Cruz).

“Não, não conheço a importância e nem os benefícios” (Iolanda).

“A política de Assistência social... não conheço” (Zenon).

Apesar de inseridos na política pública de assistência social através de um serviço público de assistência à pessoa envelhecida, como é o caso da Chácara do Idoso, todos os participantes mostraram desconhecê-la. Já o serviço municipal de transporte é o mais conhecido e mais acessado pelos entrevistados:

Eu conheço o passe de ônibus, já tirei inclusive a carteirinha, preciso tirar a carteirinha de colocar no carro, para vaga de idoso para quando saio com as amigas da minha filha. Eu conheço para comprar o ingresso no cinema, teatro, geralmente para a metade, já fui no zoológico. Conheço um outro serviço que tem, que não é aqui a Chácara. O Clube eu conheço (referiu ao Clube do Idoso), somente estes, não sei de outros. (Belezinha).

Sobre conhecer os serviços públicos que atende as pessoas idosas daqui de Sorocaba, comecei a frequentar aqui (Chácara do Idoso), o Clube do Idoso ainda não conheço... então, desconhecia tanta coisa boa que eles têm para o idoso. O Sesc mesmo, que já fui sócio, antes de me aposentar, como trabalhei grande parte da minha vida como profissional liberal, autônomo [...] eu frequentava e gostava muito de lá, ia na piscina e tal... de repente eles cortaram porque a empresa deixou de recolher o Sesc... daí tive que brigar [...] é um direito adquirido [...] já me deram a carteirinha e agora vem me tirar a carteirinha de sócio porque a empresa muitos anos depois deixou de contribuir. É um erro, é tirar uma coisa do idoso, porque eu me aposentei! Mas diante disso de conversar com eles, me concederam uma carteirinha, não com um status como era, mas me dá a possibilidade de ir lá (Zenon).

A assistência social é uma política pública direcionada a quem dela necessitar, especialmente à população em situação de vulnerabilidade, pobreza, risco e exclusão social. Possui como uma de suas diretrizes de organização, a participação da população usuária na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis de governo.

Urge que os próprios serviços da política de assistência social, especialmente os SCFV, esclareçam a população atendida sobre a sua importância. É fundamental tornar a assistência social conhecida por seu público de forma que os serviços não se configurem somente como um espaço de atendimento de demandas, mas sim, como um espaço potencializador que pode e deve centralizar, articular, organizar, reunir e desenvolver iniciativas de inserção em mecanismos democráticos de participação. Para isso, é necessário que os usuários e potenciais usuários tenham conhecimento para poderem se posicionar e lutar em favor dos direitos que são garantidos por esta política. Como destaca Gohn (2005, p. 30), a participação é:

[...] um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou novos valores, e uma cultura política nova.

A autora observa que a participação com consciência crítica visa à construção de novos valores e favorece a transformação social. Para tal, exige o avanço para uma democracia de fato participativa, atribuindo mais poder para a sociedade civil, ao possibilitar-lhe participar na gestão incluindo a população como integrante do processo, e não mais como espectadora. Faleiros (2007), destaca que a garantia e acesso aos serviços de saúde, educação, aposentadoria, cultura e lazer precisam ser efetivados com a participação das próprias pessoas idosas. Muitos estão alheios à participação junto ao poder público e se recolhem à instância privada. Esse quadro nos impõe o desafio de exigir das agências estatais a implementação de políticas públicas para o atendimento das necessidades específicas das pessoas envelhecidas.

Portanto, foi possível identificar o quanto a população idosa desconhece seus direitos e necessitam de espaços que venham contribuir na sua condição de cidadania, de forma a favorecer sua participação. Diante dos diversos serviços públicos destinados à população mais velha, os entrevistados indicaram o transporte público como o mais conhecido e utilizado, além do acesso aos serviços de lazer e cultura. Todos eles são direitos preconizados pelo Estatuto da Pessoa Idosa (2003), significando, para os mais velhos, a positivação da condição de cidadão.

A Constituição Federal de 1988, tem a construção da cidadania como um de seus principais fundamentos. Ao longo do texto constitucional, são instituídos mecanismos necessários ao exercício dessa cidadania, destacando-se, em relação à gestão pública, o direito à participação, regulamentado no decorrer do texto constitucional. O art.37, §3º. “A lei disciplinará as formas de participação do usuário na Administração Pública direta e indireta” (BRASIL, 1988). Já o art. 193, trata dos princípios gerais da Seguridade Social, definindo de forma mais explícita a participação fazendo menção direta aos trabalhadores, empresários e aposentados. No art. 198, trata das ações e dos serviços públicos de saúde, cuja diretriz geral é “participação da comunidade”. O art 204, que trata das ações governamentais na área da assistência social, estabelece a “participação da população por meio de organizações representativas na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis” (BRASIL, 1988).

Apesar da participação social ter sido reafirmada no Brasil como um fundamento dos mecanismos institucionais que visam garantir a efetiva proteção social contra riscos e

vulnerabilidades, assim como a vigência dos direitos sociais, ainda há muito que caminhar em direção a uma participação mais efetiva e democrática.

4.4 A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA E A CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO DIREITO NA VELHICE

Historicamente, as ações de assistência eram promovidas por organizações religiosas, baseadas na filantropia, caridade, tutela, favor, voluntarismo, clientelismo, assistencialismo e ação pontual (SPOSATI, 2004). A partir da Constituição Federal de 1988, a Assistência Social passa a concretizar-se como política pública, dever do Estado e direito do cidadão e a integrar junto com as políticas de Saúde e Previdência Social, o tripé da Seguridade Social brasileira. Esta política visa garantir a proteção social aos cidadãos, oferecendo apoio a indivíduos e famílias, no enfrentamento de situações de vulnerabilidade e de risco pessoal e social. Em dezembro de 1993, foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que define em seu primeiro artigo:

A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.

Em seu segundo artigo apresenta os objetivos, que envolvem a proteção social, visando à garantia da vida, à redução de danos, à prevenção da incidência de riscos, de forma especial a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice, além de garantir um salário-mínimo de Benefício de Prestação Continuada (BPC) à pessoa com deficiência e idosa que comprovarem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família.

No seu quarto artigo, inciso III, traz o respeito à dignidade do cidadão, à sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como à convivência familiar e comunitária, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade.

A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), alterada pela Lei nº 13.714, de 24 de agosto de 2018, preconiza que a Assistência Social seja organizada em um sistema descentralizado e participativo - o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), responsável pela organização e oferta da Assistência Social em todo o Brasil em dois tipos de Proteção: Básica e Especial.

A proteção social especial é a modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus-tratos físicos e, ou, psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua, situação de trabalho infantil, entre outras. As ações da Proteção Especial podem ser ofertadas em dois níveis diferentes, de acordo com a complexidade (média ou alta) das situações vivenciadas pelo indivíduo ou família (PNAS, 2004).

A Proteção Social Básica (PSB) tem por objetivos a prevenção de situações de risco, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação, ausência de renda, acesso precário ou nulo aos serviços públicos e da fragilização de vínculos afetivos, discriminações etárias, étnico-raciais, de gênero ou por deficiência, entre outras (PNAS, 2004).

As ofertas da PSB são organizadas por meio do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), que é uma unidade pública estatal descentralizada, de base territorial. Os principais serviços ofertados nos CRAS são: Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família (PAIF), Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e Serviço de PSB no domicílio para pessoas com deficiência e idosas (PNAS, 2004).

Quanto ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), tem como objetivo fortalecer as relações familiares e comunitárias, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva, ou seja, uma forma de intervenção social planejada que, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares. Os usuários do SCFV são organizados em grupos, a partir de faixas etárias ou intergeracionais: crianças até seis anos; crianças e adolescentes de seis a quinze anos; adolescentes de quinze a dezessete anos; jovens de dezoito a vinte e nove anos; adultos de trinta a cinquenta e nove anos e pessoas idosas (PNAS, 2004).

A convocação ao direito à proteção social como condição de cidadania é central na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), uma vez que a proteção social não contributiva implica na oferta de um conjunto de serviços, programas, projetos e benefícios capazes de prover meios e situações a partir de uma visão social apta a entender que a população tem necessidades, mas também tem possibilidades ou capacidades que devem e podem ser desenvolvidas (PNAS, 2004).

A concepção de proteção social alarga o campo da assistência social pelo próprio significado preventivo que contém a ideia de proteção. Estar protegido significa ter forças próprias ou de terceiros, que impeçam que alguma agressão/precarização/privação venha a ocorrer, deteriorando uma dada condição. Porém, estar protegido não é uma condição inata, ela é adquirida não como mera mercadoria, mas pelo desenvolvimento de capacidades e possibilidades. No caso ter proteção e/ou estar protegido não significa meramente portar algo, mas ter uma capacidade de enfrentamento e resistência. (SPOSATI, 2007, p.43).

Portanto, no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a Proteção Social Básica opera garantindo três tipos de seguranças: a de convívio, a de acolhida e a de sobrevivência. Nesse sentido, busca evitar e prevenir os riscos sociais, perigos e incertezas para grupos vulneráveis, tanto do ponto de vista material quanto do ponto de vista relacional.

É fundamental destacar o caráter inovador da Proteção Social Básica no âmbito da Assistência Social, uma vez que essa perspectiva de proteção social, conforme pontuado no Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p.13), ao referenciar as colocações de Aldaíza Sposati, vai exigir fortes mudanças:

exige forte mudança na organização das atenções, pois implica em superar a concepção de que se atua nas situações só depois de instaladas, isto é, depois que ocorre uma “desproteção”. O termo “desproteção” destaca o usual sentido de ações emergenciais, historicamente atribuído e operado no campo da assistência social. A proteção exige que se desenvolvam ações preventivas (SPOSATI, 2009, p. 21).

A Política Nacional de Assistência Social (2004), define que a segurança da vivência familiar ou a segurança do convívio supõem a não aceitação de situações de reclusão e perda das relações. Entende, ainda, que a dimensão societária da vida desenvolve potencialidades, subjetividades coletivas, construções culturais, políticas e, sobretudo, os processos civilizatórios. Refere-se às barreiras relacionais criadas por questões individuais, grupais, sociais por discriminação ou múltiplas inaceitações ou intolerâncias, estão no campo do convívio humano. As dimensões multiculturais, intergeracionais, interterritoriais, intersubjetivas, entre outras, devem ser ressaltadas na perspectiva do direito ao convívio.

Mas o que seria a convivência social como proteção assumida pela assistência social? Abigail Torres (2013 p.201), em seu estudo de doutorado, defende que: “poderia ser entendida como um conceito sensibilizador³⁷, posto que há uma diversidade de situações de experiências de sujeitos que a qualificam no âmbito da assistência social”.

³⁷ Sobre o termo conceito sensibilizador, Torres em seu estudo faz uma consideração sobre a citação, que ela apresenta, sobre a reflexão de Pais (2006, p. 27) ao discutir a solidão como um objeto de estudo, uma vez que Pais afirma que não definiria o conceito para não aprisionar suas formas de experiências e para não limita-la a definições prévias. Então, caracterizou como um conceito sensibilizador, sendo aquele que oferece um sentido geral e

Ou seja, a dimensão relacional é inovadora na política de assistência social, uma vez que aposta no direito ao convívio, que é assegurado ao longo do ciclo de vida por meio de um conjunto de serviços locais que visam à convivência, à socialização e à acolhida em famílias cujos vínculos familiares e comunitários não foram rompidos (PNAS, 2004).

O Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p.10), cita a reflexão de Aldaíza Sposati, apontando que assistência social está no campo societário e, como tal, são os riscos sociais advindos dos processos de convívio, de insustentabilidade de vínculos sociais que se colocam entre suas responsabilidades.

Sempre que as precariedades do lugar e da situação vivida afetar pessoas, famílias ou grupos sociais produzindo sofrimento ético-político, caberá uma ação da política no sentido de possibilitar que a situação seja enfrentada num campo de responsabilidade pública e coletiva, porque estar protegido significa ter forças próprias ou de terceiros que impeçam que alguma agressão/precarização/privação venha a ocorrer, deteriorando uma dada condição (SPOSATI, 2007, p. 42).

Tal definição supõe que a gestão da política de assistência social precisa realizar ações que permitam ao usuário apropriar-se, ou pôr em prática, uma capacidade de realização pessoal e social e também torne mais fortes suas relações no âmbito da família, da vizinhança e das associações coletivas de representação de seus interesses, o que o torna conhecido e reconhecido nos seus lugares de vivência, circulação e atuação pública.

Cabe ressaltar que a segurança de convívio é direito também reconhecido no Estatuto da Pessoa Idosa. Essa garantia legal possui relevância histórica, visto que reforça a perspectiva de não institucionalização, indicando a superação, ainda que de caráter normativo, da concepção de confinamento e isolamento.

O entendimento é que a política pública para ampliar e fortalecer vínculos deve oferecer a experiência de viver relações mais protetivas. “Nesse caso, os elementos que destaco dessas relações referem-se à escuta e à capacidade de diálogo, que devem ser orientadores do trabalho social” (TORRES, 2013, p. 200).

Diante deste entendimento, ressalta-se a importância dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos na velhice, uma vez que a participação da pessoa envelhecida nas atividades propostas pelo serviço pode contribuir significativamente em sua vida, oportunizando a construção de relações protetivas, visto que nem todas as relações oferecem proteção, inclusive algumas são violentas.

orientação nos estudos de casos empíricos. Sendo assim, Torres comparou que a convivência social como proteção também poderia ser entendida como um conceito sensibilizador.

Portanto, a intervenção pública estatal é justificada, pois a vivência social é questão processual complexa que pode proteger e desproteger e os sujeitos não são os únicos responsáveis em ampliar sua rede de relações e convívio.

A análise da professora Abigail Torres (2013), diante dos estudos do sociólogo Elias (1994)³⁸ e Paugam (2008)³⁹, aponta que se há interdependência dos seres humanos, então existem demandas para provisões coletivas que não terão soluções ou respostas no indivíduo. A interdependência impulsiona as relações cotidianas, pois os indivíduos estão constantemente sob o olhar do outro, fazendo que respeitem regras e busque reconhecimento e valorização. Ocorre uma união relacional que leva os indivíduos, em razão de suas relações, a se transformarem e transformarem a sociedade simultaneamente.

Nesse sentido, Torres (2013), entende que a reflexão acima tem um direcionamento importante para pensar a convivência social, uma vez que os indivíduos se transformam nas relações e transformam a sociedade nesse movimento. Assim, estimular experiências de convivência numa perspectiva de fortalecimento de vínculos dos indivíduos, de reconhecê-los como sujeitos e diversificar, bem como sustentar seus vínculos, é possível e desejável para o estabelecimento de outros parâmetros de civilidade.

A autora também aponta que a convivência familiar e comunitária vem expressar a corresponsabilidade da sociedade e Estado pela proteção de todos os cidadãos. A denominação de uma situação a ser enfrentada no campo político e o reconhecimento de que os sujeitos a elas estão submetidos têm direitos decorre de uma determinação essencial na ação pública, que dá visibilidade a questões antes desconsideradas ou secundarizadas.

Nessa direção, foi importante compreender como percebem sua rede de apoio e convivência familiar e comunitária:

A gente se dá bem em família, fora alguns atropelos, mas tem a superação. Sinto apoiada, não sei quando chegar a hora que eu tiver com mais idade, seu eu vou morar lá numa casa de repouso, a gente não sabe né, tem o carinho, tem tudo, mas de repente, né... é difícil você ver, é.... os filhos que abandonam. Eu tenho duas filhas que estão lá em Porto Velho e outra em Caraguatatuba (SP), ela prestou concurso, é

³⁸ O sociólogo alemão de origem judaica Norbert Elias (1897-1990), sobressaiu-se pela preocupação em relatar a relação dos indivíduos com a sociedade, preocupando-se com as formas de sentir e imaginar como tema de estudo, os quais pormenorizam, para a partir dessas manifestações enxergar a ação e a força que vai constituindo a sociedade, a cultura e os costumes.

³⁹ O sociólogo francês Serge Paugam nascido em 1960, possui atuação nos estudos sobre a exclusão e as desigualdades sociais, sobre as novas profissões e a precarização do trabalho, além da natureza e a transformação dos laços sociais nas sociedades contemporâneas. Diretor de pesquisa da Escola de Autos Estudos em Ciências Sociais da França.

solteira. Lá em Porto Velho, são duas casadas. Tenho netos, de uma das filhas, são duas meninas e da outra, um casal, um rapaz e uma moça e um bisneto de 5 aninhos. Tenho contato com eles direto, eu vou mais para lá, elas têm os filhos, fica mais fácil eu ir. Uma veio passou um mês aqui com a gente, já 2 vezes que ela veio. E a outra não tem condições (Belezinha).

A relação é boa a relação, é muito boa, com a esposa, a gente vive como um casal mais idoso, né. E com a filha também é boa...eu recebo apoio sim. Ele sempre me chama para viajar, mas eu gosto mais de viajar sozinho, ela me chama muito para viajar, que ela viaja muito para fora. Eu viajava muito sozinho, gostava muito de rodeio, shows né...e ela (esposa) não gostava muito, ela gostava mais de ir para a igreja, mais é tranquilo. Ela gosta muito de viajar, mas com as colegas dela...e eu para não atrapalhar, que sou mais, sei lá, eu sou mais...como posso de dizer, tem coisas que não dá certo, as vezes o casal não dá certo numa viagem juntos, entendeu (Cruz).

[...] eu tenho uma sobrinha neta que mora próximo e tenho boa relação, todos os dias a gente conversa pelo celular, eu passo na porta da casa dela todo dia para vir para cá [...] tenho aqui na minha bolsa... aliás... sugestão daqui da secretária, para andar dentro da bolsa, com um papel com meu nome, meu telefone, telefone de pessoas para chamar em caso de urgência [...] um casal de amigos, amigos do meu marido, que depois que o Pedro faleceu, eles estão como parentes meu, sempre dando apoio para tudo, mas no cartão (dados de emergência) em primeiro lugar, tem o nome deles, pela facilidade (Iolanda).

Graças a Deus eu tenho ótima relação com a família e recebo apoio... a única coisa de bom que eu falo que esses aparelhos de redes sociais trouxeram, e é muito positivo e muito bom, porque aproxima, toda a hora a gente tá se vendo, tá se falando... isso é muito importante (risos) (Zenon).

Destaca-se a importância de possuir uma rede de apoio familiar e comunitária. Todos manifestaram possuir um bom relacionamento, recebem suporte e carinho. Contudo, a fala da Belezinha levanta a preocupação com a institucionalização e abandono dos filhos quando estiver com a idade mais avançada.

Cruz aborda a boa convivência com esposa e filha, porém, evidencia a necessidade de manter a individualidade e respeito às diferenças que possuem. Iolanda, apesar de viver sozinha, possui sua rede de apoio, mantém contato com a sobrinha e amigos. Zenon também verbalizou receber amparo, bem como utiliza-se da internet para facilitar o contato com a família e amigos.

O ser humano em qualquer fase da vida apresenta a necessidade de algum suporte e apoio, seja da família ou comunidade. São esses lugares que possibilitam condições para ampliar vínculos relacionais e projetos coletivos. Portanto, o indivíduo encontra na rede familiar, na convivência com os vizinhos, amigos, um respaldo para o enfrentamento de dificuldades em seu cotidiano (LEMOS; MEDEIROS, 2006).

O reconhecimento da importância da família na vida social da pessoa envelhecida está consubstanciado no Art. 16, da Declaração dos Direitos Humanos (1948), onde afirma que a

família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado.

Ainda no art. 3º, inciso V, afirma que é priorizado o atendimento da pessoa idosa por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

Deste modo, o amparo aos velhos/as é, assim, responsabilidade primária da família, onde a internação em instituição de longa permanência deverá ser realizada em últimas hipóteses, nos casos em que haja impossibilidade da família em prestar o atendimento adequado ou em circunstâncias em que seja necessário o acompanhamento profissional em instituições especializadas.

Cabe sinalizar que no espaço familiar e comunitário também podem ocorrer abusos, violações de direitos em determinados contextos de vulnerabilidades extremas. Quando há a perda do vínculo familiar, tem-se afetada a qualidade de vida. Porém, é inegável que o fato de poder envelhecer no seio de uma família, em possibilidade de convívio com as pessoas que lhes são importantes, favorece a pessoa envelhecida uma vida mais agradável de ser vivida. Mas há que se considerar também que em muitos casos, a alternativa de institucionalização do velho/a é algo necessário, como forma inclusive de protegê-lo e oferecer-lhe cuidados para uma velhice mais digna.

Além do papel da família junto a pessoa envelhecida, devemos destacar a convivência comunitária como meio de promover o bem-estar e a qualidade de vida na velhice. Incentivar os velhos/as a participar ativamente da sociedade, seja em grupos de convivência, cursos e demais encontros sociais é o caminho para prevenir doenças, como a depressão, e garantir uma velhice saudável.

Nesse viés, a convivência social dos velhos/as deve ser estendida para diferentes espaços públicos. Assim, é importante salientar a convivência familiar e comunitária não apenas como uma obrigação imposta a sociedade, a família e ao Poder Público, mas, como um direito da pessoa envelhecida, como refere-se o artigo 37, do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), ao dispor que “a pessoa idosa tem direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou ainda, em instituição pública ou privada” (BRASIL, 2003).

Nesta direção, a Política da Assistência Social expressa o compromisso e anuncia a responsabilidade pública pela convivência na Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2004), que a entende como uma segurança a ser provida por ela, tratando-se assim de uma

responsabilidade pública com definição de locus institucional regida pelos princípios públicos. Na população idosa as causas mais frequentes de vulnerabilidade social originam-se no abandono ou isolamento social, decorrentes da fragilização ou da perda dos vínculos de pertencimento. Além disso, a discriminação negativa da velhice e a exclusão social relacionada à pobreza propiciam e agravam a violação de seus direitos (GUIA DE ORIENTAÇÕES TÉCNICAS CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO, 2014).

4.5 O SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (CHÁCARA DO IDOSO DE SOROCABA) COMO ESPAÇO DE APOIO PARA UMA CONDIÇÃO DE AUTONOMIA E PROTAGONISMO NA VELHICE

Pretende-se aqui compreender o SCFV enquanto espaço de apoio para uma condição de autonomia e protagonismo na velhice, bem como ao desenvolvimento da condição de sujeito de direitos.

A convivência na Assistência Social, diferentemente das demais políticas sociais, é uma segurança preconizada e afiançada na Política Nacional de Assistência Social (2004), sendo, portanto, direito da população e responsabilidade estatal. Isso significa dizer que a convivência não é apenas a formação de um coletivo de pessoas para atingir um determinado objetivo, mas, que ela faz parte da natureza das intervenções da Assistência Social, sendo um direito garantido tal, como a segurança de sobrevivência (de rendimento e de autonomia) e de acolhida.

Sobre as seguranças de sobrevivência e de acolhida, importante esclarecer cada uma. A segurança de sobrevivência não é uma compensação do valor do salário mínimo inadequado, mas a garantia de que todos tenham uma forma monetária de garantir sua sobrevivência, independentemente de suas limitações para o trabalho ou do desemprego. (PNAS, 2004).

Já a segurança da acolhida, entende-se como uma das seguranças primordiais da política de assistência social. Ela opera com a provisão de necessidades humanas que começa com os direitos à alimentação, ao vestuário e ao abrigo, próprios à vida humana em sociedade. Os(as) trabalhadores(as) devem disponibilizar no seu fazer profissional, uma escuta qualificada, ter informações atualizadas e com resolutividade. Devem ofertar a provisão de benefícios e serviços aos usuários e serem uma referência no território, materializando a segurança de acolhida. (PNAS, 2004).

Por isso, o SCFV possui um caráter preventivo na garantia e afirmação de direitos, isto é, que busca agir antes da violação ou negação de quaisquer direitos sociais que possam a vir materializar-se, assim como desenvolver ações após a violação, indo ao encontro do reconhecimento da condição de sujeito de direitos da população idosa, público prioritário na Política de Assistência Social.

O SCFV pertence à Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social sendo definido pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2014, p.16), como:

Serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

As Políticas Públicas devem contemplar o velho/a de forma a prevenir a violação dos seus direitos, levando em consideração a heterogeneidade da velhice e sua multidimensionalidade.

A Chácara do Idoso de Sorocaba -SP é um serviço municipal caracterizado como SCFV, que desde 2012, atua na Proteção Social Básica, da política de Assistência Social, vinculada à Secretaria da Cidadania (SECID), da Prefeitura de Sorocaba. Como dito, os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), estão inseridos no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), na Proteção Social Básica, atuando de forma complementar ao Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e ao Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI). Devem ser realizados por grupos a partir de faixas etárias considerando as especificidades dos ciclos de vida. Assim, conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, o SCFV para pessoas envelhecidas (2014, p. 18), tem por foco:

[...] o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social. A intervenção social deve estar pautada nas características, interesses e demandas dessa faixa etária e considerar que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer e a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. Devem

incluir vivências que valorizam suas experiências e que estimulem e potencialize a condição de escolher e decidir

Por isso, é importante propiciar o acesso das pessoas idosas aos serviços socioassistenciais, buscando reduzir as situações de isolamento social e institucionalização, bem como ampliar o convívio social, fortalecer vínculos familiares e comunitários, contribuindo para a autonomia e emancipação deste público.

A dimensão da autonomia refere-se à capacidade dos sujeitos agirem com sua rede de dependências e apoio, de eleger objetivos e crenças, atribuir-lhes valor com discernimento e colocá-los em prática com a participação e apoio de outros. É uma dimensão relativa e depende do acesso dos sujeitos à informação, de sua capacidade de utilizar esse conhecimento em exercício crítico de interpretação. Pode ser expressa pela maior capacidade de compreender e agir sobre si mesmos e sobre o contexto, conforme objetivos democraticamente estabelecidos (CAMPOS; CAMPOS, 2006).

A autonomia, juntamente com a promoção da independência da pessoa envelhecida é a base do protagonismo (FALEIROS, 2008). O protagonismo nas ciências sociais tem sido utilizado para definir grupos ou conjunto de atores que desencadeiam ações, colocando-se ativamente na construção da história. O protagonismo está intimamente relacionado à participação. (ROZENDO, 2014). Ou seja, os conceitos de autonomia e protagonismo estão em contraponto às práticas pautadas na tutela e nas incapacidades dos seus destinatários, invocando como alternativa uma proteção social ativa.

Quando falamos de velhice percebemos que existem vários entendimentos acerca de cada realidade, que se manifesta de vários modos dependendo do seu contexto histórico de vida, das relações familiares, bem como a classe social que pertence: “a velhice está nas diferentes camadas, segmentos e classes sociais, que o vivenciam de forma também diferente e é preciso, portanto, desestabilizar a ideia de que a idade pode oferecer uma identidade fixa, unitária e coerente” (DEBERT, 1999, p. 161).

Sendo assim, o SCFV deve atuar compreendendo as diferenças e ofertando espaços acolhedores que saibam valorizar as potencialidades dos participantes. É também importante ressaltar que, o SCFV tem o propósito de favorecer o fortalecimento da função protetiva da família, bem como a mobilização e fortalecimento de redes sociais de apoio.

As orientações Técnicas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas (2012), apontam que a atitude dos profissionais responsáveis pelo serviço deve se fundamentar no diálogo, no respeito à diferença, no reconhecimento das experiências e

saberes das pessoas idosas e na valorização de suas capacidades. Essas são as bases para constituição do grupo de convivência e fortalecimento de vínculos.

A autonomia e o protagonismo compõem eixos estruturantes do serviço, buscando desenvolver a autonomia da pessoa envelhecida por meio de situações que proporcionem a realização de atividades que potencializam a capacidade pessoal de produção, de escolha e decisão, valorizando experiências de independência, fortalecendo a autoestima, a identidade, o sentimento de liberdade e a sensação de domínio e controle sobre a própria vida.

O SCFV pode contribuir para que o envelhecimento seja encarado como um processo pelo qual todos iremos passar e que se desenrola não apenas no âmbito individual, mas dentro do território das relações comunitárias e sociais. Por isso, o protagonismo do velho/a no processo de envelhecimento deve ser encarado como primordial na busca por proteção, para que a vivência do envelhecimento seja saudável, respeitada e valorizada, potencializando sua condição de escolha e decisão.

Os participantes da pesquisa contaram como chegaram ao SCFV - Chácara do Idoso:

“Eu vim aqui por causa da saúde, moro perto” (Cruz);

“[...] antes de chegar aqui, a gente se reunia ali embaixo, perto do centro esportivo na vila Gabriel (Iolanda)”;

“Quando eu vim de lá de Porto Velho, aí então minha filha que falou, porque ela fez um estágio de fisioterapia aqui na Chácara, daí ela me falou”: - Mamãe, não quer participar de lá? Daí então eu vim (Belezinha)”.

Além disso, Zenon esclareceu:

O motivo que me fez buscar a Chácara foi depois de ter ficado viúvo e por sentir essa falta de gente, porque, olha bem, o meu casamento foi um casamento muito bem feito, a gente se conversava muito, vivia muito bem... então era o mundo nosso... eu vivia eu e ela e a família, a gente saía, mas ela era meio caseira, não saía muito, mas a gente vivia bem, isso que era importante.

A fala da Belezinha demonstra a importância da família no exercício de relações protetoras, pois foi através da filha que Belezinha tomou a iniciativa de participar do SCFV. Segundo Bosi (1994) no grupo familiar existe muita força de coesão e em nenhum outro espaço social o lugar do sujeito é tão fortemente destinado. Podemos mudar de país, mudar de profissão, mas o vínculo com a família é irreversível.

A importância dos vínculos familiares aparece também na decisão de Zenon em participar do SCFV - Chácara do Idoso, uma vez que ele percebeu a necessidade de buscar o serviço após o falecimento da esposa. Como ele nos narrou, a relação com a esposa era

permeada de diálogos e viviam muito bem: “era o mundo nosso”. Após a viuvez, deparou-se com a solidão, então o SCFV foi uma alternativa encontrada para dar novo sentido à vida.

Diante das narrativas podemos perceber que a busca por apoio foi o motor da busca dos entrevistados pelo SCFV, que tem como propósito favorecer o fortalecimento da função protetiva da família, bem como a mobilização e fortalecimento de redes sociais de apoio. Como apontam Torres e Ferreira (2013, p.287):

Considerando que a desigualdade social não se expressa exclusivamente no injusto e indigno acesso à renda, mas também no desigual acesso aos bens imateriais, simbólicos e nos recursos de poder [...] a qualificação do trabalho no SUAS requer a conexão entre as seguranças de sobrevivência, acolhida, convivência e autonomia. Essa compreensão passa pelo desafio de transpor uma lógica restritiva das necessidades à dimensão econômica, presente em muitos agentes institucionais, e reconhecer que a desproteção se agrava quando se sobrepõem às dimensões econômicas [...]

O tempo de permanência dos entrevistados no SCFV valida a importância desse serviço para os sujeitos: “Eu participo desde 2016, mais ou menos. Eu faço exercícios físicos de manhã, duas vezes na semana” (Cruz).

Ainda afirmaram:

Eu estou aqui desde quando ela reabriu, em outubro de 2021. Eu vou lhe dizer as que eu não participo, que é violão (risos), do resto, de tudo, (risos); artesanato, as aulas de alongamento. Eu venho todos os dias da semana, de segunda a sexta. Tem um monte de atividades, algumas de manhã e outras a tarde também, tipo desenho e de pulseirinha é a tarde. A que eu mais gosto é de fuxico (risos), sempre achava bonito e não tinha tempo para aprender, né... E essa de pulseirinha também, eu tinha uma vontade aprender a fazer essas pulseirinhas e aí cheguei aqui... Ai, meu Deus! Que legal! (Belezinha).

[...] eu participo faz anos, mas não lembro quanto... quando o Pedro começou a ficar ruim, doente, eu pedi afastamento. Antes tinha um coral bonitinho, que participava. Entrei em um monte de atividades e já tentei fazer, dança, fico mexendo com a cadeirinha e o educador físico falou... desce para ver o exercício, porque tem muitos que eu acho que dá para você fazer... ele me incentiva muito... eu vim ver e acho que dá... inclusive eu fiz duas ou três de cada... estou aprendendo a fazer os bordados, eu faço smartfone, eu faço acupuntura, roda de conversa às quartas-feiras e antes eu estava no violão e no desenho, mas os dois são de tarde (Iolanda).

Participo da Chácara do Idoso há quatro meses, descobri por iniciativa própria, depois que voltei da casa da minha filha dos Estados Unidos, fiquei 6 meses lá. [...] hoje venho duas vezes na semana, na terça-feira e quinta-feira às 9h, por conta do trabalho. Aqui eu participo das atividades no grupo de violão e coral, por enquanto, às terças e quintas-feiras de manhã. Hoje vim a tarde para conhecer a atividade de Karaoke (Zenon).

Cada um deles, diante de sua realidade e experiência de vida, fizeram suas escolhas quanto à atividade que melhor atende suas necessidades. Como destaca o Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p.29):

[...] pela via da participação, a forte sinergia entre o traço político e ético dos vínculos sociais, pois tais manifestações, embora aparentemente menores, podem ser catalizadoras de processos mobilizadores de ações mais amplas, pois rompem fronteiras e limites simbólicos e de poder ao motivar uma ação responsável consigo e com a coletividade. Uma motivação para agir que envolve o interesse, mas também uma dimensão afetiva, expressa no sentimento que motiva a querer conhecer ou alcançar uma dada condição.

O SCFV deve levar em conta os interesses da população, desenvolvendo atividades que contribuam para a vida nessa faixa etária com a perspectiva de assegurar os direitos desses usuários no estímulo da autonomia e do bem-estar, fomentado pela Proteção Social Básica. O Caderno Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p.27), orienta a:

Promover bons encontros, que fortaleçam a potência de agir pode impulsionar a ação para enfrentar situações conflituosas, alterar condições de subordinação, estabelecer diálogos, desejar e atuar por um mundo mais digno e mais justo. Enfim, promover mudanças em que haja corresponsabilidade entre a ação das políticas sociais e os sujeitos usuários.

Nessa direção, o SCFV deve planejar em conjunto com os velhos/as as atividades, valorizando e investindo na potência de agir, implicada com um plano coletivo que favoreça o enfrentamento de situações cotidianas: “É necessário, portanto, ter o processo de produção/planejamento como fomento ao convívio, logo, a questão chave é qualificar esse momento e, não exclusivamente, o resultado da produção ou trabalho coletivo” (CADERNO 2017, p.57).

As orientações Técnicas Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas (2012), apontam que a atitude dos profissionais responsáveis pelo Serviço deve se fundamentar no diálogo, no respeito à diferença, no reconhecimento das experiências e saberes das pessoas idosas, e na valorização de suas capacidades. Essas são as bases para constituição do grupo de convivência e fortalecimento de vínculos.

Todos os participantes destacaram a importância do SCFV - Chácara do Idoso em suas vidas: “Eu acho a Chácara muito importante, por eu venho aqui para a saúde, ela é ótima a Chácara” (Cruz).

Consideraram também:

Olha, são as melhorias que está tendo, sempre buscando. O coordenador sempre procurando parcerias para trazer para cá, para melhorar a convivência da gente. Muito boas, as atividades são muito boas, até na parte física. A limpeza, tô vendo muitas melhoras aqui nesse sentido e na parte de proteção, se não sei alguma coisa, mas eles sempre estão trazendo pessoas para dar palestras, sobre qualidade de vida, fora os exercícios e o pessoal que é profissional daqui, estão sempre tentando trazer pessoas novas para agregar aqui. No final do ano passado, os estudantes vieram e voltaram novamente esse ano, na parte de melhorar a memória, na terapia ocupacional. Tem um casal de estagiários, fazendo isso, agora trouxeram a Dra. Ana Lúcia, na parte física, tem um senhor que é lá do centro cultural, que veio no início do ano dar uma palestra muito boa e agradável. (Belezinha).

A Chácara garante os direitos sim [...] eu não conheci antes, eu acho que já existia, mas está funcionando mais de um tempo para cá [...] sei lá, é como eu vivia com minha esposa e a gente vivia né juntos, não percebia muito, mas como estou usando e usufruindo, eu vejo que é muito essencial, muito bacana nesse aspecto. [...] precisava sair e aqui eu encontrei! É isso! Encontrei essa amizade e me fez muito bem... é uma pena que ainda estou envolvido com essas minhas atividades de trabalho, mas seria tão bom se não tivesse [...] (Zenon).

Todas as narrativas evidenciam o quanto o SCFV é fundamental na vida da pessoa envelhecida, como um espaço que favorece a ampliação da rede de proteção, além de garantir seus direitos. Se o objetivo da Assistência Social é a proteção da vida relacional, não se pode perder esse horizonte, pois quando se trabalha a formação e o fortalecimento de vínculos em família e em comunidade, promove-se potenciais protetivos que dão suporte para o enfrentamento dos riscos sociais.

Uma das formas de proporcionar aos mais velhos os meios para o seu desenvolvimento social, cultural, político e, principalmente, sua inclusão nos espaços sociais, é a sua participação nos grupos de convivência, escolas abertas e universidades, experiências que demonstram que a velhice pode ser vivida de maneira inovadora e gratificante (DEBERT, 1999).

Quanto aos benefícios propiciados pela SCFV na vida do velho/a, ao participar das atividades, os entrevistados mencionaram que:

“Ah, é muito bom para a saúde, eu acho muito bom para a saúde, faz uma falta quando eu não venho na Chácara, principalmente esses dois anos parado por conta da pandemia. Eu tenho bom convívio, eu tenho muitos amigos aqui”. (Cruz)

“[...] veja bem, esse ano que o Pedro morreu, eu fiquei completamente reclusa... primeiro eu tive Covid! eu tive porque ele morreu de Covid. [...] Para mim... ela me deu alma nova... para mim ela é importante”! (Iolanda).

Também foi mencionado:

É a distração e sei lá, vai que de repente, o governo corta nosso salário, eu já tenho alguma coisinha para mexer... e para você ver, é assim, para a cabeça da gente também, a gente se distrai muito, não fica pensando besteira, essa é a importância para mim. Olha, eu acho que melhorou um pouco a minha saúde, esses exercícios físicos, melhorou bem... eu vivia cheia de dores e já quase não sinto mais e essas outras atividades melhora bem para a gente também a convivência, o convívio as trocas de ideias, a gente às vezes divide os problemas que a gente tem, aí vai ver são parecidos, né? A gente desabafa, na própria aula mesmo, a gente fala com o professor, e ele dá umas dicas (Belezinha).

É interessante, inclusive, a percepção de Belezinha sobre a possibilidade de aplicar o que aprende na Chácara na eventualidade de uma perda na sua aposentadoria, temendo uma desproteção diante de uma redução na sua renda. Ela destaca também uma melhora na saúde, seja pela realização dos exercícios físicos, seja pela convivência social, demonstrando que o fortalecimento de vínculos sociais com o grupo e profissionais é essencial para o enfrentamento das diversas situações que podem ocorrer individualmente, mas que são enfrentadas coletivamente, levando a uma maior proteção.

Cruz também avalia muito positivamente os benefícios proporcionados pelo SCFV na saúde e na convivência, sinalizando a falta que sentiu durante o período de restrição e isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19. A interrupção das atividades, aliada às restrições de mobilidade e isolamento social, provocaram mudanças significativas tanto na rotina cotidiana como no estado emocional e psicológico dos velhos/as, gerando insegurança e ansiedade.

De acordo com Silva *et al.* (2020), situações como isolamento social e quarentena tendem a despertar nas pessoas idosas sentimentos relacionados à solidão, estresse, ansiedade, tristeza e depressão, dentre outras questões, doenças relacionadas ao bem-estar mental, a transtornos mentais. Nessa lógica foi possível perceber o quão impactante foi o período de isolamento na vida dos (as) participantes do estudo.

O direito da pessoa idosa à convivência familiar e comunitária, está previsto no marco regulatório como direito fundamental que deve ser efetivado pela família, a comunidade, a sociedade e o Estado. Mas, a COVID-19 inviabilizou o convívio social que foi substituído pelas medidas de prevenção ao vírus, se contrapondo a segurança de convívio como direito de proteção social, para prevalecer o direito à vida que é personalíssimo, que deve se sobrepor mesmo diante da desconstrução de outros direitos como a convivência familiar e comunitária (MENDES, 2021, p.12).

Zenon traz como as amizades e relações construídas têm sido fundamentais, bem como o acolhimento por parte dos profissionais e o não custeio pelas atividades.

[...]quando a gente se encontra com pessoas como encontrei aqui, pareceu uma

amizade, não sei se por conta da idade, a gente passou também por esses momentos... parece que você já conhece há muito tempo, agora se vai se relacionar com outras pessoas... sei lá, não vou generalizar, mas a gente já não se sente bem. O serviço da Chácara é importantíssimo, para mim é importante que tenha cada vez mais e que tenham sempre profissionais como estes que estão aqui... não conheço os profissionais de outros lugares... não estou falando somente do Marcelo, da Teresinha... é de todos, por que quando chego aqui converso com todos, todos eles têm sua parcela de muita importância aqui. A Chácara é muito importante também, porque ela não me onera em nada, eles só dão o bem... porque se tivesse que pagar uma contribuição aqui até tudo bem... pois vai pagar uma aula de violão ou de teclado... é duzentos reais, quatro aulas no mês! Aqui você está tendo uma aula que você vem, são voluntários e são pessoas que estão doando aquele momento gostoso, parece que sai até melhor do que se estivesse pagando... porque quando você está pagando já é meio comercial as coisas, agora aqui não, aqui é coisa de dentro, aquela coisa gostosa é até difícil de dizer, é uma sensação boa! (Zenon).

A narrativa de Zenon também vai ao encontro de que a política de assistência social é voltada a quem dela necessitar. Assim, Sposati e Paz (2013), sintetizaram a singularidade da proteção social de assistência social:

- ampliar a capacidade protetiva da família e de seus membros, o que supõe construir respostas desde a ausência dessa proteção, a presença de abandono, de agressões, produzindo ações de fortalecimento de laços e de capacidade de exercício dessa proteção que insere quer benefícios como serviços;
- ampliar a densidade das relações de convívio e sociabilidade dos cidadãos desde a esfera do cotidiano até atingir os diversos momentos do ciclo de vida do cidadão e cidadã em que ocorrem fragilidades que os tornam mais sujeitos a riscos sociais e a violação de sua dignidade; • instalar condições de acolhida e processos de acolhimento como parte do trabalho de atenção e cuidados;
- reduzir as fragilidades da vivência e da sobrevivência, através de meios capacitadores da autonomia, das condições de dignidade humana, provocados inclusive pela ausência de renda em uma sociedade de mercado;
- reduzir e restaurar os danos de riscos sociais e de vitimizações causadas por violência, agressões, discriminações, preconceitos. (BRASIL, 2013c, p.36).

As narrativas nos mostram que a participação no SCFV propiciou mudanças significativas na vida de cada um dos nossos velhos/as; através das relações e convivências foi possível minimizar os sofrimentos, a solidão, bem como oportunizar novos conhecimentos e experiências.

Um ponto importante levantado por Iolanda foi em relação a necessidade de melhorias no serviço prestado pela Chácara do Idoso, apresentando diversas sugestões:

Agora aqui ainda falta muita coisa, muita coisa, porque pelo visto, a mulherada aqui é muito “baileira”, é uma coisa que para mim não diz nada, baile não diz nada, agora, o teatro sim! [...] mas, eu vejo aqui que a mulherada só pensa em baile, eu vejo, já me convidaram em bailes, nem sei onde, eu não sei dançar, então, baile não tem graça... mas eu acho que deveria ter mais recreação [...] tem um grupo que se organiza para fazer viagens e porque não se organizam para fazer para todos? Que faça uma em cada semestre, organizada pela creche (referindo a Chácara do idoso). não era muito melhor! Eu acho melhor! Joguinhos. Outro dia vi duas senhoras, não sei se era buraco.

Esses joguinhos leves que as famílias se reúnem, vamos fazer torneio de brincadeiras, inventar, não só ficar naquilo, só saindo besteiras, cada um contando seu sofrimento. O sofrimento a gente conversa com Jesus! [...] Deveria motivar, porque tem muita gente que vem de longe aprender seu bordadinho, seu tricozinho, mas não saí disso, não faz mais nada, assim, dar nomes de livros bom para ler e abri a mente, dar palestras motivadoras, para não ficar aquela coisinha (Iolanda).

Nossos velhos/as precisam participar do planejamento das ações do SCFV. Permitir e incentivar a participação contribuirá para o desenvolvimento de um serviço de qualidade, planejada considerando a demanda pelo serviço. Conforme o guia de Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (2017, p. 85):

O SCFV busca romper com ações pontuais, não planejadas e sem definição clara de objetivos, para se consolidar como um serviço socioassistencial caracterizado por atividades continuadas e ininterruptas, em coerência com os objetivos da proteção social básica, que são os de prevenir riscos sociais e de fortalecer os vínculos familiares e comunitários. [...] Nesse sentido, bailes, festas, atividades físicas, confecção e exposição de artesanato, passeios e palestras não caracterizam, por si só, o SCFV. Todavia, essas atividades podem ser desenvolvidas como meio para promover a convivência entre os usuários, sempre conjugadas com os objetivos do SCFV. Isso significa que os bailes usualmente realizados para integrar os idosos que participam do SCFV, por exemplo, podem continuar acontecendo, porém, com objetivos direcionados, que podem associar-se à promoção de lazer e ao desenvolvimento das relações afetivas entre esses usuários.

O planejamento é condição essencial para melhoria do serviço. Conforme as Orientações Técnicas Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas (2012, p.65):

Este deve se incorporar na rotina diária, fazer parte das atividades e estar em sintonia com outros planos, como o Plano de Assistência Social do município ou Distrito Federal. Planejar consiste em um momento de reflexão sobre a situação presente e sobre a que se pretende alcançar. É uma reflexão que inclui verificação dos recursos existentes, ferramentas, meios disponíveis para se atingir os objetivos pretendidos, e avaliação do tempo necessário. São traçados, então, os objetivos, definidas as estratégias, prioridades e metas.

É fundamental que o poder público possa melhorar a estrutura e funcionamento dos SCFV, de forma a incentivar o desenvolvimento de ações capazes de estimular a participação dos idosos e fazer com que estes sintam prazer em participar das atividades propostas:

Muito, 100%, então aqui estamos descobrindo muitas coisas que melhora meu cotidiano, melhora bem mesmo, eu absorvo tudo o que falam e eu sinto que estou melhorando, o professor fala que as crenças que a gente tem, parecia descarregar, tirando da gente coisas que a gente olha para trás e diz... puxa! que não valeu a pena, coisa que a gente carrega, um atraso de vida. E agora, a gente está mudando e fazendo

diferente, a felicidade é em qualquer momento, a gente constrói no dia a dia, não aquelas tolices que colocaram na cabeça da gente (Belezinha).

Eu me sinto protagonista da minha vida. Eu me sinto, sabe? Acho que estou aprendendo mais coisa, isso me valoriza, se me valoriza, estou me sentindo, poxa que lá vida! É difícil viver uma vida em que você acha bonito, mas você não faz, você não participa, não procura participar, então como estou participando e estou vendo a minha evolução, poxa que lá vida! Porque a primeira coisa que o velho diz é que não sou capaz de fazer isso e é capaz! Todo mundo é capaz, desde que queira e procure as pessoas certas que estejam ao seu lado. Então me sinto protagonista. A Chácara ajuda nesse protagonismo. Ajuda muito muito ajuda e muito! Porque olhe bem, um segundo de alegria faz com que sua vida se torne um, né? Venho na terça-feira e quinta-feira às 9h e acabo saindo ao meio dia, poxa vida! São tempos seu eu fosse pagar isso para ter o divertimento isso eu jamais teria acesso porque ficaria muito caro, hoje o custo, todo mundo tem seu custo... se for pagar para uma coisa para você estar se sentindo bem, aumentar sua autoestima, viver bem, aqui não estou pagando nada e estou conhecendo pessoas maravilhosas, trocando ideias, pessoas estão me trazendo informações e estou passando informações, então isso é muito bom... isso para mim é brilhante, muito gostoso (Zenon).

Os velhos/as demonstraram se sentirem autônomos e protagonistas de suas vidas, condição favorecida pelo SCFV – Chácara do Idoso. Estão aprendendo coisas novas, trocando ideias, recebendo e transmitindo informações, sentindo-se mais felizes, valorizados, com acesso a atividades gratuitas. O SCFV é um espaço importante para se trabalhar a participação social e a mobilização dos usuários na reivindicação de seus direitos.

A Autonomia e o Protagonismo, compõem um dos eixos estruturantes do SCFV buscadas por meio de situações que proporcionem a realização de atividades que potencializam a capacidade pessoal de produção, de escolha e decisão, valorizando experiências de independência, fortalecendo a autoestima, a identidade, o sentimento de liberdade e a sensação de domínio e controle sobre a própria vida.

O protagonismo é um conceito cujo significado é relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos envolvidos num acontecimento. Por isso, é preciso que o mediador liberte-se de ideias conversadoras e estáticas, para poder sentir as demandas de um grupo, se conscientizando de seu papel na sociedade perante a responsabilidade social da área em que atua, procurando incentivar a tolerância e abertura por parte dessa sociedade face à diversidade cultural e étnica dos que vivem à margem (FARIAS; VARELA, 2016, p.3).

Farias e Varela (2016), entendem que alcançar o protagonismo social pode permitir ao sujeito contemplar sua plenitude, participando ativamente dos processos de decisão, consumo e produção a partir da mediação das práticas sociais. Por meio do protagonismo social o sujeito se torna peça principal e fundamental da transformação de sua própria realidade. Portanto, é entendido que antes de ser protagonista será preciso que as necessidades básicas sejam supridas, como: alimentação, saúde, segurança e educação.

A emancipação social implica a participação ativa e protagonista dos sujeitos na construção de projetos de vida pessoal, familiar, comunitário e social, e no processo de desenvolvimento e exercício da autonomia e da participação social com liberdade de escolha e capacidade para a tomada de decisões de forma autônoma (CNAS, 2017).

Cabe à Assistência Social prover a rede de atenção para que a dignidade humana seja assegurada e respeitada, a inclusão social, as possibilidades de acesso aos serviços socioassistenciais e à informação, ao pertencimento, à igualdade e à equidade.

Nessa direção, a fala dos velhos/as demonstram que o SCFV pode contribuir para que o envelhecimento seja encarado como um processo humano pelo qual iremos passar, que ninguém se faz autonomamente, e que no território as relações comunitárias e sociais se estabelecem, evidenciando que o protagonismo da pessoa envelhecida no processo de envelhecimento é primordial na busca de maiores proteções, para que essa vivência seja saudável, seja respeitada e seja, portanto, valorizada e potencialize a condição de escolher e decidir.

Frente a este debate partilha-se o pensamento de Boschetti (2004), a respeito da funcionalidade das políticas sociais no marco do capitalismo, ao reconhecer sua capacidade de reduzir as desigualdades sociais, entretanto, não as superando. Compreende-se que a pobreza e as desigualdades são geradas pela própria estrutura capitalista a partir da produção coletiva e apropriação privada da riqueza. A posição adotada neste estudo se pauta pela defesa intransigente dos direitos sociais como conquistas históricas dos trabalhadores e alicerce para a luta por outra sociabilidade.

CONCLUSÃO

Sem a intenção de dar como encerrado o debate desta temática, as considerações aqui apresentadas têm o propósito de provocar um espaço de reflexão sobre a experiência da velhice e a ação do SCFV dentro da perspectiva da Assistência Social.

Foi desafiador produzir uma pesquisa em que grande parte do cronograma se defrontou com a conjuntura de uma pandemia que levou a uma crise sanitária e política mundial. Isso exigiu mudanças, ressignificações e novas construções, inclusive por minha condição de saúde ter sido afetada por esta doença.

Neste estudo, os relatos pessoais trouxeram não somente o(a) velho/a, para o centro de análise, mas, a velhice como categoria de discussão, através das experiências narradas que tiveram um importante papel, na medida em que levantaram os elementos que nos indicaram a complexidade do processo de envelhecimento humano.

Início essa reflexão sobre a complexidade do envelhecer apontando que não somos surpreendidos pela velhice, temos tempo hábil para planejar as mudanças diante da maneira com que a tratamos e a percebemos. É preciso avançar na efetivação dos direitos dos velhos/as, contribuindo com a pela luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

A velhice é heterogênea, por isso, deve ser analisada através dos diversos condicionantes que a perpassam, tais como o de classe, etnia, gênero, dentre outros, uma vez que eles são elementos determinantes, refletindo no modo de vida da população que envelhece.

Pude compreender que o capitalismo monetizou, inclusive, a forma de utilizar as terminologias, ao deixar de usar velho/a. O velho/a relacionado ao pobre e aquele que não acessa o mundo do consumo. Os outros termos, como pessoa idosa e terceira idade mitigam o sentido político dessa fase da condição humana. Essas percepções do imaginário, também são atravessadas nas histórias dos protagonistas.

Outro aspecto relevante foi a chegada da pandemia da Covid-19, na realidade brasileira; marcada por um panorama de desigualdades sociais, expôs o abismo existente entre as classes sociais. Os(as) velhos/as, principalmente os mais vulneráveis, possuíam o maior risco de morte e agravamento na manifestação dos sintomas, além de fortes impactos sociais e econômicos. Iolanda e Zenon, participantes desta pesquisa, vivenciaram e ainda vivenciam as consequências em relação à perda de seus companheiros, durante a pandemia, evidenciando o sofrimento em relação à solidão e isolamento social

As lembranças do trabalho estiveram presentes nas falas dos nossos atores. O tempo do trabalho é lido como de desenvolvimento das potencialidades, mesmo em meio às dificuldades, trazendo sentimentos que mostram a dedicação, satisfação e felicidade, bem como a luta por direitos. Foi narrado também o sofrimento diante do preconceito racial vivido por Cruz, situação que o levava a se esforçar ainda mais para provar sua capacidade.

Já as narrativas de Belezinha e Iolanda reverberaram questões de gênero, pois, abordaram a trajetória enquanto mulheres para conseguir estudar, entrar no mercado de trabalho, construir sua carreira profissional e conquistar a aposentadoria, tudo isso, dentro de uma época em que a mulher era educada para a vida doméstica.

Embora, todos os entrevistados tenham acesso ao benefício da aposentadoria, Belezinha demonstrou insegurança e medo de, em algum momento, perder sua renda. A insegurança é partilhada por Zenon, que ainda trabalha para complementar o salário, refletindo a condição de muitos velhos/as na sociedade brasileira. As narrativas, também sugeriram pensar sobre o acesso ao mercado de trabalho, que ainda é um lugar que garante a cidadania das pessoas. Todos os entrevistados, ao longo do período de inserção formal no mundo do trabalho, tiveram acesso ao trabalho regulamentado. Na atualidade sabemos que a informalidade é algo que perpassa jovens. Como lidaremos com a velhice dos nossos jovens atuais? Quais serão seus padrões de proteção social?

Ser velho/a, é um processo que requer aprendizado, possui aspectos vistos como negativos, relacionados às perdas e incapacidades comparadas à juventude. Porém, sentem-se bem quando comparados a outros(as) velhos/as.

As narrativas destacaram os desafios relacionados à perda de seu papel social, da autonomia, o silenciamento, à expressão de suas opiniões e vontades, a fragilização dos vínculos familiares, a institucionalização, o abandono, a solidão, a viuvez, a vulnerabilidade social e a insegurança em relação à renda, e a falta de acesso aos direitos como alimentação, lazer, saúde, dentre outros.

Todos eles sentem-se pouco ouvidos pela sociedade, pela família e pelo Estado, que não dão a devida importância à sua fala. Ressentem-se de uma escuta e um olhar diferenciado para a população envelhecida, que não está entre as prioridades do Estado no que se refere ao investimento em políticas públicas.

As falas denotam que a sociedade entende que o velho/a não tem mais voz ativa, que outras pessoas têm falado por eles. Essa situação é questionada por Belezinha, pois, entende que a pessoa envelhecida possui uma bagagem construída ao longo do tempo, que não é

valorizada. Cruz aponta a necessidade da participação da pessoa envelhecida e que justamente esse distanciamento pode levar ao silenciamento pela sociedade.

É possível considerar que há uma escuta parcial, pois nem sempre são ouvidos integralmente. Parcial, porque sentem-se ouvidos pela rede familiar e comunitária (família, amigos e na Chácara do Idoso: amigades e profissionais), de onde recebem apoio e atenção. Entretanto, já experienciaram ou presenciaram situações em que alguma pessoa envelhecida não foi ouvida, seja em situações sociais ou serviços públicos.

Situações como essas evidenciam o preconceito da sociedade sobre a velhice, perpassando pela ausência ou insuficiência das ações do Estado que, em vários momentos, não estão voltadas ao bem comum, como preconiza a Constituição Federal de 1988. Nesse quadro, a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e o Estatuto da Pessoa Idosa constituem instrumentos legais fundamentais no reconhecimento dos direitos das pessoas idosas, mas que são desafiados quanto à concretização.

Sobre o conhecimento dos direitos em aspecto amplo, demonstraram conhecê-los superficialmente, sabendo, porém, onde recorrer em caso de necessidade. Entretanto, desconhecem a política pública de assistência social, apesar de estarem inseridos nela através de um serviço público de assistência à pessoa envelhecida, como é o caso da Chácara do Idoso.

A assistência social é uma política pública direcionada a quem dela necessitar, especialmente à população em situação de vulnerabilidade, pobreza, risco e exclusão social. Possui como uma de suas diretrizes de organização, a participação da população usuária na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis de governo. Conhecer os seus direitos enquanto cidadão é extremamente importante, pois quando temos ciência conseguimos acessar seus benefícios ou mesmo reivindicá-los.

Destaca-se, então, a necessidade de divulgação desta política, pelos agentes públicos aos participantes da Chácara do Idoso. Não consegui identificar nesse espaço ações continuadas, especificamente, voltadas aos direitos dos velhos/as. As narrativas evidenciaram ações pontuais, como palestras. No panfleto informativo sobre as atividades ofertadas fornecido pelo serviço aos participantes (Figura 2), estão descritas apenas as atividades voltadas às atividades físicas, artesanatos, lazer, dentre outras. É importante destacar que a democratização da comunicação é estratégica no fortalecimento de usuários(as) dos serviços e das políticas sociais.

Nessa direção, como assistente social, esclareço que a atuação deste profissional, no campo de ação das políticas públicas, deve assegurar nos espaços de trabalho a defesa

intransigente dos direitos humanos, um dos princípios éticos que regem a profissão; sendo parte do cotidiano profissional e das relações com a população usuária dos serviços a comunicação como um direito humano. Devemos favorecer a participação da população usuária e movimentos sociais no processo de elaboração e avaliação das políticas públicas, bem como trabalhamos diretamente na elaboração, execução e avaliação do planejamento da assistência social, buscando interlocução com as diversas áreas e políticas públicas.

Quanto ao motivo que cada uma dessas pessoas tiveram ao buscar o serviço e iniciar sua participação, foram distintos, por isso, é fundamental, que o SCFV leve em conta os interesses da população, desenvolvendo atividades que contribuam para a vida na perspectiva de assegurar os direitos desses usuários, no estímulo da autonomia e do bem-estar.

Todas as narrativas apontaram o quanto o SCFV é fundamental na vida do velho/a, como um espaço que favorece a ampliação da rede de proteção, contribui com a sua distração, com a saúde física e mental, no acesso às informações, bem como a convivência social como forma de evitar o isolamento. Porém, levantaram a necessidade de melhorias no serviço prestado pela Chácara do Idoso, apresentando sugestões.

Frente às suas experiências, demonstraram sentirem-se autônomos e protagonistas e que o SCFV - Chácara do Idoso favorece esta condição de vida. Sinalizaram que estão aprendendo coisas novas, trocando ideias, recebendo e transmitindo informações, sentindo-se mais felizes, valorizados, com acesso a atividades gratuitas.

A realização deste estudo deixou evidente a importância do SCFV na velhice, uma vez que a participação das pessoas envelhecidas, nas atividades propostas pelo serviço, pode contribuir significativamente em sua vida, oportunizando a construção de relações protetivas. Nesse sentido, a intervenção pública estatal é justificada, pois as pessoas não são as únicas responsáveis por ampliar sua rede de relações e convívio. Sendo assim, é preciso enfrentar o Estado neoliberal que desmonta direitos e proteção social.

A partir das reflexões expostas, entendi que os objetivos foram alcançados, pois os velhos/as puderam ser ouvidos no estudo, uma vez que, enquanto pesquisadora e assistente social, exerci uma escuta atenta, baseadas nos pressupostos éticos, políticos e teóricos e assim, as perguntas foram respondidas. Entretanto, através das narrativas, os velhos/as, expressaram suas experiências, revelando o quanto precisamos caminhar como sociedade para ofertar uma escuta integral às pessoas mais velhas, pois, o fazer-se ouvir na velhice é algo permeado de elementos que transitam entre a fragilidade e o protagonismo. É preciso lutar/defender para que a escuta na assistência social, dos seus trabalhadores, serviços, programas e projetos

cumpram um papel de escuta qualificada, que perpassa por valorizar a experiência e o ouvir atento. Esperamos que as vozes dos(as) nossos(as) velhos/as sejam importantes influências nas discussões que perpassam nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira et al. **Velhos institucionalizados e família:** entre abafos e desabafos. São Paulo: Alínea, 2009. 154 p.

ALMEIDA, Carla.; LÜCHMANN, Ligia.; MARTELLI, Carla. A pandemia e seus impactos no Brasil. **Middle Atlantic Review of Latin American Studies**. v. 4, n. 1, p. 20-25, jun. 2020. Disponível em: <https://www.marlasjournal.com/articles/abstract/10.23870/marlas.313/>. Acesso em 12 jan. 2023.

ANTUNES, Ricardo. Crise do capitalismo e regressão social para a classe trabalhadora. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. [S.l.], v. 1, n. 22, p. e13840, mar. 2022. DOI:10.15628/rbept.2022.13840. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/13840>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 313p.

BEHRING, Elaine. Rossetti. Notas para um balanço crítico do SUAS: a título de prefácio. **Em Foco**, [S.l.], n. 5, p. 7-12, mar. 2009. Disponível em <https://www.cressrj.org.br/wp-content/uploads/2020/05/em-foco-assistencia-social.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BEHRING, Elaine. Rossetti. **Política Social no capitalismo tardio**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 216p.

BEHRING, Elaine. Rossetti.; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social:** fundamentos e história. 9. ed. Biblioteca Básica do Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2011. 213 p.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura, v. 1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. 272 p.

BHATT, Neel. Entenda por que você odeia o som da sua própria voz. **CNN Brasil**, 5 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-por-que-voce-odeia-o-som-da-sua-propria-voz/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

BOSCHETTI, Ivanete. et al. **Política Social no Capitalismo:** tendências contemporâneas. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009. 280 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Cia de letras,1994. 484p.

BRASIL. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos**. Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Glossário do Informe CNAS nº 02/2017. **CNAS**. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/339480/>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

BRASIL. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993. **Lei Orgânica de Assistência Social**. Brasília: Senado Federal, 1993.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social (NOB-SUAS)**. Brasília: MDS, 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional do Idoso (PNI)**. Brasília, 1994.

BRASIL. **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-RH/ Suas)**. Brasília: MDS, 2007.

BRASIL. **O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família: PAIF**, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Versão preliminar. Brasília: MDS, 2011c. No prelo.

BRASIL. **Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 72 p.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília, 2004.

BRASIL. Resolução CNAS nº 109 de 11/11/2009, **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: CNAS/MDS, 2009. Reimpressão 2014. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf> Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa: É possível prevenir. É necessário superar**. Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://craspsicologia.files.wordpress.com/2014/06/violencia-contra-a-pessoa-idosa_miolo_para-web.pdf> Acesso em: 27 jul. 2022.

BRASIL. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos: Documento de Orientação para Gestores e Técnicos do Sistema Único de Assistência Social**. Brasília: MDS, 2011b. No prelo.

BRUM, Eliane. Me chamem de velha. **Portal Geledés**. 8 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chamem-de-velha-por-eliane-brum/>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

BULLA, Leonia Capaverde; KAEFER, Carin Otilia. O Trabalho e Aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 1 - 8. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/957>. Acesso em: 04 mar. 2023.

CALDAS, Célia Pereira; THOMAZ, Andrea Fernandes. A velhice no olhar do outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 75-89, 2010. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/664a/80a53fb3a770fefe2a43ce5daa317354b51a.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2022.

CAMARANO, Ana Amélia. Vidas idosas importam, mesmo na pandemia. *Notas de Política Social. Políticas Sociais: acompanhamento e análise*. BPS, n. 28, p. 509-537, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.38116/bps28/notadepoliticassocia1>. Acesso em: 07 jan. 2023.

CAMPOS, Gastão Wagner; CAMPOS, Rosana. T.O. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. *In: CAMPOS, G. W. et al (coord.). Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2006. p. 669-689. Disponível em: <https://professorruas.yolasite.com/resources/Tratado%20de%20Saude%20Coletiva.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. *et al. Programas e serviços de proteção e inclusão social dos idosos*. São Paulo: IEE/PUC-SP; Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998.

CASTRO, Iná Elias de. Instituições e território. Possibilidades e limites ao exercício da cidadania. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 7-28, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13575/12448>. Acesso em: 19 fev. 2023.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Uma Cartografia do Envelhecimento na Contemporaneidade: a velhice e a terceira idade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis 2008, 148f. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97661>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

COSTA, António Firmino da. Desigualdades sociais e pandemia. *In: CARMO, Renato Miguel do; TAVARES, Inês; CÂNDIDO, Ana. Filipa. (orgs.). Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Disponível em <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>. Acesso em 07 jan. 2023.

DALLARI, Dalmo. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo: Editora Moderna, 1998. 112p.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. 416 p.

DEBERT, Guita Grin. A Antropologia e o Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade. *In: BARROS, M. M. L. (Org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre idade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999. 272p.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, jun. 1999, p. 70-83.

DEBERT, Guita Grin; NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. 272 p.

DIAS, Ana Cristina. Garcia. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade. In: CASTRO, Odair Perugini (Org.). **Velhice, que idade é esta?** Porto Alegre: Editora Síntese Ltda., 1998.

DRUCK, Graça. O Estado neoliberal no Brasil: a ideologia do empreendedorismo. **Contemporânea** v. 11, n. 3, p. 821-844, set. - dez. 2021. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1067>. Acesso em: 11 fev. 2023.

DUARTE, Veridiana Bohns. et al. A perspectiva do envelhecer para o ser idoso e sua família. **Família, saúde e desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 42-50, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/refased/article/view/8052/5674>. Acesso em: 11 fev. 2023.

FALEIROS, Vicente de. Paula. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **Revista Ser Social**, Brasília, n. 20, p. 35-61, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/12766/11166>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FALEIROS, V. P. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2002. 208 p.

FALEIROS, Vicente de. Paula. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. In **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social / Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, DF, p. 63- 77, 2008. 196 p. Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf> Acesso em: 06 jun. 2022.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida. Varela. **A mediação da informação e o protagonismo social: experimentando a construção de um modelo em uma comunidade brasileira**, 2017. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2017000300091. Acesso em: 18 marc. 2023.

FAUSTINO, Deivison. Mendes. **Os condenados pela Covid-19: uma análise fanoniana das expressões coloniais do genocídio negro no Brasil contemporâneo**. Buala, Lisboa, 10 jul. 2020.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena, et al. **Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo**. Psico-USF, Campinas, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a09.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

FIO CRUZ. Mês do idoso: pesquisadora analisa o envelhecimento no Brasil. **Revista UNASUS**, Rio de Janeiro, out. 2021 - Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/mes-do-idoso-pesquisadora-analisa-o-envelhecimento-no-brasil>. Acesso em: 07 jan. 2023.

- GIL, Antônio Zenon. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. 200p.
- GOHN, M. G. **O protagonismo da sociedade civil**. São Paulo: Cortez, 2005. 120p. (Coleção questões da nossa época).
- GOLDANI, Ana Maria. Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_14_Cap_07.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.
- GOLDENBERG, Mirian. Velhofobia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2020/04/velhofobia.shtml>>Acesso em: 18 mai. 2021.
- GUEDES, Simoni Lahud. A Concepção sobre a Família na Geriatria e na Gerontologia Brasileiras: ecos dos dilemas da multidisciplinaridade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 1-20, 2000.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Introdução. In: GUSMÃO, N. M. M. de (Org.) **Infância e velhice: pesquisa de ideias**. Campinas: Alínea, 2003. 156 p.
- HADDAD, Eneida. Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986. 134 p.
- HADDAD, Eneida. Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016. 208 p.
- HADDAD, Eneida. Gonçalves de Macedo. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo: Cortez, 1993. 115 p. (Coleção: questões da nossa época, v. 10)
- HALBWACHS, M. A. Memória coletiva. Tradução Laurent Léon Schaffter. **Vértice/Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990. Tradução de: La mémoire collective. 190p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.
- HALBWACHS, Maurice. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 21, pp. 633 a 658, dezembro de 2008. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/halbwachs_traducao.pdf. Acesso em: 13 nov. 2022.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e relações sociais. **Revista SER Social**, Brasília, v. 15, n. 33, p. 327-341, jul./dez., 2013.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2003. 326p.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2008, 2012. 496p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População, pirâmide etária, 2021. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html#:~:text=Envelhecimento%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o&text=Os%20grupos%20que%20compreendiam%20pessoas,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20residente%20em%202021>. Acesso em: 21 fev. 2023.

KILOMBA, Grada. **A Máscara**. Tradução Jéssica Oliveira de Jesus. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

LEME, Luiz Eugênio Garcez. A Gerontologia e o Problema do Envelhecimento. Visão Histórica. In: PAPANÉ NETTO, M. **Gerontologia** – a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, p. 13-25. 1999.

LEMONS, Naira.; MEDEIROS, Sônia. Lima. Suporte Social ao Idoso Dependente. In: FREITAS, E. V. et.al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006, p. 1227-1233.

LIMA, Marcelo Alves. A Gestão da Experiência de Envelhecer em um Programa para a Terceira Idade: a UnATI. **UERJ. Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro: UnATI/ UERJ, ano 2, n.2, p. 23-63, 2ºsem. 2001.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social 2**. São Paulo: Boitempo, 2013. 438p.

LUZ, Valéria do Socorro Rodrigues da. A importância de saber escutar, além de ouvir. In: CORREIA JÚNIOR, João Luiz. (org). **Pandemia e a pós-pandemia: impactos sobre a pessoa idosa**, Recife, PE: Editora Universidade de Pernambuco, 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/598700117/E-BOOK-a-Pandemia-e-o-Pos-Pandemia#>. Acesso em: 23 fev. 2023.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Genebra, 2015. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/523_ASSEMBLEIA+NACIONAL+DE+IDOSOS+1988. Acesso em: 21 dez. 2022.

MARTINELLI, Maria Lúcia (org.). **Pesquisa qualitativa – um instigante desafio**. *O uso de abordagens qualitativas em serviço social*. Núcleo de Pesquisa 1. São Paulo: Veras, 1999. 143p.

MEIHY, Jose Zenon Sebe B.; HOLANDA, Fabiola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020. 175 p.

MENDES, Lúcia Helena Barbalho. Envelhecimento e o direito à convivência na pandemia. X Jornada Internacional Políticas Públicas, 2021. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_483_483612eac5582aff.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social** - teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. COIMBRA JR, Carlos E.A. (org.). Entre a liberdade e a dependência. Introdução. *In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2002.

MORENO. Jacob Levy. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984. 192 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2 ed. Rio de Janeiro: Berhand, 1998. 350 p.

MUCIDA, Ângela. A velhice é uma escrita. *In: Escrita de uma memória que não se apaga*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, Ângela. O simbólico na constituição do sujeito: Freud e Lacan. *In: O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NEGRI, Fabiana Luiza; LAJUS, Maria Luiza de Souza; NECKEL, Vanessa. **O exercício profissional do assistente social no SUAS: avanços e desafios**, 2012. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/download/688/612/2555>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PAIVA, Sálvea Oliveira Campelo. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014. 304 p.

PEIXOTO, Clarice. Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *In: BARROS, M.M.L. (org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **Política Social: temas e questões**. São Paulo: Cortez, 2008. 216p.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200p.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

RODRIGUES, Lizete Souza; SOARES, Gerando Antonio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1-29, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ROZENDO, Adriano.da Silva. **Protagonismo político e social na velhice**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126233/ISBN9788579836091.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 06 jun. 2022.

SANT'ANNA, Rogéria Motta de; CÂMARA, Paulo; BRAGA, Marilita Gnecco de Camargo. **Mobilidade na Terceira Idade: Como planejar o futuro?** Textos sobre envelhecimento, v.6, n.2, 2003. Rio de Janeiro: UNATI, 2003.

SANTANA, Stela Gleide Oliveira.; LOURAU, Julie. Envelhecimento em tempos de pandemias: vida e dignidade para além das vulnerabilidades. In: Semana de Mobilização Científica- SEMOC, 23, 2020, Salvador. **Anais da 23ª Semana de Mobilização Científica-SEMOC**, Universidade Católica de Salvador, 2020. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2971/1/Envelhecimento%20em%20tempos%20de%20Pandemias%20Vida%20e%20dignidade%20para%20al%C3%A9m%20das%20vulnerabilidades.docx.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2021.

SANTOS, Carlos César Ribeiro JESUS, Graciela Guimarães de; **O Preconceito Racial dentro das Multinacionais como Impeditivo de Crescimento Profissional aos Negros no Brasil.** 2009. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/402_ArtigoPreconceitoRacialnasMultinacionais.pdf. Acesso em: 09 jan. 2023.

SÃO PAULO, Secretaria de Desenvolvimento Social. **Guia de Orientações Técnicas Centro de Convivência do Idoso.** Centro Conviver / Secretaria de Desenvolvimento Social. - São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Social, 2014. 22 p.

SARTI, Cynthia A. A velhice na família atual. In: Jornada sobre o processo de envelhecimento humano: novas perspectivas, 1, 2001. **Núcleo de estudo e pesquisa do processo de envelhecimento (NEPPE) do Departamento de Enfermagem da UNIFESP.** Vol.14, nº 2, São Paulo, 2001.

SILVA, Alexandre. Afinal, é velho e velha? Terceira idade? Melhor idade? Idoso e idosa? **Viva Bem.** Uol. abr. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/alexandre-da-silva/2021/04/19/afinal-e-velho-e-velha-terceira-idade-melhor-idade-idoso-e-idosa.htm&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br/>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

SILVA, Alexandre. O envelhecimento na perspectiva do racismo e de outras formas de discriminação: influências dos determinantes institucionais e estruturais para a vida das pessoas idosas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Jundiaí, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562019022.190210>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009> Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Pedro Ivo Rodrigues da; JORGE, F.A.; FERREIRA, F. M. N. Meninas e meninos: brincar e suas relações de gênero. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4535/3661>> Acesso em: 15 ago. 2021.

SPOSATI, Aldaíza. **A menina LOAS: um processo de construção da assistência social.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 84 p.

SPOSATI, Aldaíza. A Proteção e desproteção social na perspectiva dos direitos socioassistenciais. **Caderno e Textos da VI Conferência Nacional de Assistência Social**. Brasília: CNAS/MDSCF, Dezembro, 2007.

SPOSATI, Aldaíza. **Carta Tema: A Assistência Social no Brasil, 1983-1990**. São Paulo: Cortez, 1991. 94 p.

SPOSATI, Aldaíza. **Desafios do sistema de proteção social**. São Paulo: Le Monde Diplomatique, 2009. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/desafios-do-sistema-de-protecao-social/>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SPOSATI, Aldaíza. Especificidade e intersetorialidade da política de assistência social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, nº 77. São Paulo: Cortez, 2004.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade**. Salvador: AATR. 2012.

TEIXEIRA, Solange Maria (org.). **Serviço Social e envelhecimento**. Teresina: EDUFPI, 2020. 385 p.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira. **Argumentum**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 63-77, jul/dez. 2009.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, S.M. (Org.) **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel social, 2017.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do Capital: implicações para proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. 386 p.

TORRES, Abigail. **Segurança de Convívio e de convivência: direito de proteção na Assistência Social**. Tese de Doutorado. PUC São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17662/1/Abigail%20Silvestre%20Torres.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TORRES, Abigail; FERREIRA, Stella da Silva. **O Social em Questão**, ano XXII, nº 45, set - dez/2019. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_45_art_13.pdf. Acesso em 20 de fev. 2023.

VIOLIONE, Gabriela Cristina Carneiro. **Entre triunfos e desafios: os paradoxos da política de envelhecimento ativo e as possibilidades de materialização frente ao ideário neoliberal**. (Dissertação em Serviço Social). UNESP. Franca, 2016. Disponível em: <<https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/dissertacao-gaby-revisao-biblioteca-01-12-2016-3.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 1993. 256 p.

YAZBEK, Maria Carmelita. Estado, políticas sociais e implementação do SUAS. **In: Capacita SUAS: configurando os eixos de mudança**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e Instituto de Estudos Especiais (IEE) da PUC-SP, Brasília: MDS, 2008, 136 p.

YAZBEK, Maria Carmelita. Globalização, precarização das relações de trabalho e seguridade social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, nº. 56. p.50-59, mar., 1998.

ZIMERMAN, Guite I. **Velhice – Aspectos Biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 229p.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista semiestruturada

Pesquisadora Responsável: Elisângela Maria Thomazini

Orientadora: Professora Doutora Teresa Mary Pires de Castro Melo

Entrevista: _____ Data: ____/____/____

Horário inicial: _____ Horário final: _____

Nome do Entrevistado: _____

Idade: _____ Estado Civil: _____

Indicadores Sociodemográficos

Sexo: masculino () feminino () **idade** (a partir de 60 anos):

Estado marital/civil: () divorciado (a) – () viúvo (a) () – () casado (a) – solteiro(a)

Nº de Filhos: _____

Escolaridade: _____

obs.: sabe ler um recado () Sim () Não (em caso de não alfabetizado)

Cor (autodeclarada): branca (); preta (); parda (); outras ()

Bairro de Procedência:

Renda: () aposentadoria () pensão () BPC () outros

Profissão exercida: _____

Modo de vida

Autoavaliação da saúde () muito boa/boa; () regular; () ruim/muito ruim

Composição familiar:

mora sozinho (); mora com esposo (a) (); mora com filhos (as); ();

mora em instituição (); outros () _____

Religião: *() sim () Não *Qual? _____

Costuma sair de casa para outras atividades, além do SCFV () *sim; () não

*Especificar _____

Convida pessoas para sua casa: () sim; () não

Trabalha atualmente: *() sim; () não.

*O que faz? _____

*motivos para trabalhar: () financeiros; () manter ocupação

Meio de transporte para acessar a cidade: () Transporte Público () próprio ()

Serviço por aplicativo – Taxi () outros

Questões Abertas

1. Como é a velhice e ser velho para você?
2. Sua opinião sobre os termos velho e idoso. Como prefere ser denominado?
3. Na sua opinião os velhos (as) são ouvidos hoje pela sociedade (profissionais, família e comunidade)
4. Quais os principais desafios o Sr. (a) enfrenta na velhice?
5. Quais as principais possibilidades o Sr. (a) conseguiu perceber na velhice?
6. Como é sua relação familiar? E sua relação comunitária? Recebe apoio?
7. Conhece seus direitos?
8. Como os acessa? E como tem exercido?
9. Como o Sr. (a) compreende a garantia de seus direitos pela sociedade, estado e sua família?
10. Conhece os serviços públicos para a velhice ofertados no município? Quais? Acessa?
11. O Sr. (a) conhece a política de assistência social? Qual a importância da política de Assistência Social na garantia de seus direitos? Como ela garante?
12. Qual a importância da Chácara do idoso – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) na garantia de seus direitos?
13. Como ocorreu a iniciativa em participar do SCFV? O que fazia antes?
14. Quanto tempo participa das atividades do SCFV? Quais atividades? E qual a importância delas na sua vida?
15. Quais benefícios o SCFV propicia na sua vida?
16. Você se sente protagonista da sua vida? Acredita que o SCFV propicia o protagonismo na vida de quem participa?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução CNS 510/2016)

ALGUÉM ME OUVE?

Experiência de velhos/as atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) - Chácara do Idoso em Sorocaba-SP

Eu, Elisângela Maria Thomazini, estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “Alguém me ouve? Experiência de velhos/as atendidos pelo SCFV- Chácara do Idoso de Sorocaba - SP, orientada pela Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo.

A questão da velhice é urgente; vários estudos indicam que a população mundial está envelhecendo. Sabe-se que o envelhecimento é inerente a condição humana, apesar dessa compreensão, representa desafios a serem pensados. Sendo assim, este estudo apresenta como objetivo geral: entender, diante da experiência dos velhos(as), a percepção que possuem sobre a velhice, se sentem ouvidos pelo Estado, sociedade e família, além de compreender os desafios e possibilidades vivenciados por estes sujeitos de direitos. Referente aos objetivos específicos, buscou conhecer a percepção e conhecimento sobre seus direitos, sobre a política de assistência social na garantia de direitos; perceber como sentem participando no Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos (SCFV – Chácara do Idoso) e se o espaço pode apoiá-los para uma condição de protagonista da sua vida, bem como produzir conhecimento sobre a temática.

Você foi selecionado (a) por ser pessoa idosa, acima de 60 anos de idade, participante das atividades da Chácara do Idoso da cidade de Sorocaba - SP, onde o estudo será realizado. Primeiramente você será convidado (a) a responder uma entrevista semiestruturada, que será agendada conforme disponibilidade de horário do participante, realizada na chácara do idoso ou em domicílio, caso preferir. Sua duração é estimada de 60 a 120 minutos, podendo ocorrer em três etapas: a primeira etapa correrá as entrevistas (um ou dois encontros, se necessários), visando a coleta de dados; a segunda etapa visa apresentar ao participante a transcrição das informações que foram fornecidas para validação. E a terceira etapa consiste no acesso ao resultado da pesquisa.

A entrevista abordará informações como nome, idade, sexo, escolaridade, entre outros dados pessoais, bem como seus modos de vida e questões sobre a sua concepção diante da velhice.

Por ser uma pesquisa realizada com seres humanos, os riscos são mínimos, mas algumas perguntas abordam a sua particularidade, portanto, podem ocorrer possíveis danos decorrentes de sua participação como: cansaço; aborrecimento ao responder as perguntas; desconforto, constrangimento ou alteração de comportamento.

Diante dessas situações, serão garantidas pausas na entrevista, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interrompê-la a

qualquer momento. serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a) para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

A participação é voluntária, "livre e esclarecida". A qualquer momento poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua desistência não trará nenhum prejuízo em relação ao pesquisador ou junto a universidade federal de são Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, instituições, etc., serão atribuídas letras ou nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

É garantia a sua plena liberdade para decidir sobre sua participação nesta pesquisa, podendo retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, inclusive após sua finalização, sem prejuízo algum. Podendo também se recusar a responder as perguntas que quiser sem necessidade de justificar os seus motivos.

Solicito sua autorização para gravação em áudio da entrevista. A gravação realizada durante a entrevista semiestruturada será transcrita pela pesquisadora, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. Após finalizada a transcrição, será apresentado para validação durante a segunda etapa da pesquisa.

Não haverá nenhuma despesa financeira para a realização da entrevista ou mesmo compensação em dinheiro ao participante, no entanto, havendo eventualmente despesas com o transporte e/ou alimentação decorrentes da sua participação, serão ressarcidas no dia da entrevista pela pesquisadora. É também garantida assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa, quando houver.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento, tendo acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Todo o material da entrevista será arquivado em formato digital sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora pelo prazo mínimo de 5 (cinco) anos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um comitê de ética em pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o comitê de ética em pesquisa em seres humanos (CEP) da

UFSCar que está vinculado à pró-reitoria de pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-sp. telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. O CEP está vinculado à comissão nacional de ética em pesquisa (CONEP) do conselho nacional de saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/CONEP. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de comitês de ética em pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315- 5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato:

Pesquisador Responsável: Elisângela Maria Thomazini
Endereço: Rua Elisabeth Vais, 144
Contato telefônico: 15 997147869
E-mail: ethomazini@estudante.ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Nome do Pesquisador

Nome do Participante